



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE – UFAC  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPEG  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS – CFCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL DE ENSINO DE HISTÓRIA  
– PPGEPH  
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL DE ENSINO DE HISTÓRIA**



**PROFHISTÓRIA**  
MESTRADO PROFISSIONAL  
EM ENSINO DE HISTÓRIA

---

**RAQUEL DIOMARA DA SILVA**

***HIP-HOP E RAP NO ENSINO DE HISTÓRIA COLABORANDO À FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NA ESCOLA ESTADUAL SÃO JOÃO BATISTA.***

**RIO BRANCO- AC  
2025**



**RAQUEL DIOMARA DA SILVA**

*HIP-HOP E RAP NO ENSINO DE HISTÓRIA COLABORANDO À FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE ESTUDANTES DO ENSINO MÉDIO NA ESCOLA ESTADUAL SÃO JOÃO BATISTA.*

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós- Graduação Profissional em Ensino de História da Universidade Federal do Acre, como requisitos obrigatórios para a obtenção do título de Mestra em Ensino de História.

Linha de Pesquisa: Saberes Históricos no Espaço Escolar.

Orientador(a): Profa. Dra. Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque.

RIO BRANCO-AC  
2025

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

- S586h Silva, Raquel Diomara da, 1995 -  
Hip-hop e o ensino de história : colaborando à formação identitária de alunos do ensino médio na Escola Estadual São João Batista / Raquel Diomara da Silva; orientadora: Profa. Dra. Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque. – 2025.  
110.: il.; 30 cm.
- Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Rio Branco, 2025.  
Inclui referências bibliográficas.
1. Ensino de história. 2. Rap. 3. Formação identitária. I. Albuquerque, Nedy Bianca Medeiros de (orientadora). II. Título.

CDD: 907.1

---

Bibliotecária: Tábata Nunes Tavares Bonin CRB-11º/935.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU PROFISSIONAL EM ENSINO DE HISTÓRIA**

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

Titulo da dissertação: **Hip Hop e o Ensino de História: colaborando à formação identitária de alunos do Ensino Médio na Escola Estadual São João Batista**

Autora: Raquel Diomara da Silva

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque

Dissertação aprovada como parte das exigências para obtenção do título de Mestra em Ensino de História, pela Banca Examinadora:

DATA DA APROVAÇÃO: 18 de junho de 2025.

**BANCA EXAMINADORA:**

Assinado Eletronicamente

**DR<sup>a</sup>. NEDY BIANCA MEDEIROS DE ALBUQUERQUE**

Orientadora

Universidade Federal do Acre - UFAC

Assinado Eletronicamente

**DR<sup>a</sup>. GEÓRGIA PEREIRA LIMA**

Avaliadora Interna

Universidade Federal do Acre - UFAC

Assinado Eletronicamente

**DR. DAVID JÚNIOR DE SOUZA SILVA**

Avaliador Externo

Universidade Federal do Amapá - UNIFAP



Documento assinado eletronicamente por **Georgia Pereira Lima, Professora do Magisterio Superior**, em 26/06/2025, às 11:38, conforme horário de Rio Branco - AC, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **David Junior de Souza Silva, Usuário Externo**, em 27/06/2025, às 12:28, conforme horário de Rio Branco - AC, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque, Professora do Magisterio Superior**, em 07/07/2025, às 18:52, conforme horário de Rio Branco - AC, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade do documento pode ser conferida no site [https://sei.ufac.br/sei/valida\\_documento](https://sei.ufac.br/sei/valida_documento) ou click no link [Verificar Autenticidade](#) informando o código verificador **1697247** e o código CRC **AD5F2436**.

*Dedico este trabalho aos meus queridos pais, os  
quais tanto cuidam de mim.*

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, por ter me sustentado e fortalecido ao longo desta jornada. Expresso também minha profunda gratidão à minha família, pelo apoio incondicional, pela compreensão diante de minhas ausências e inquietações, e pelo constante incentivo. Agradeço, em especial, aos meus pais — minha mãe, mulher forte e professora dedicada, e meu pai, homem íntegro e trabalhador — que, com amor e exemplo, sempre me inspiraram e serviram de alicerce em minha trajetória.

Ao curso de Mestrado Profissional do Ensino de História-UFAC, em todo seu corpo: coordenadores, professores e em especial aos colegas de turma que foram incríveis nessa trajetória, sempre motivando e dividindo preocupações e conquistas, em que comemorávamos ao concluir mais um trabalho ou uma disciplina. Sem esquecer dos lanches coletivos e confraternizações que compartilhávamos afetos.

À coordenação, pelo apoio na organização das diretrizes acadêmicas e a todos os professores do curso, pela valiosa contribuição nas aulas, orientações e ensinamentos, expresso minha sincera gratidão e admiração. Agradeço, de modo especial, à minha orientadora, Dra. Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque, a quem nutro profundo respeito e admiração. Sua orientação atenta, suas observações rigorosas e seu apoio constante foram essenciais para o amadurecimento deste trabalho e para meu crescimento acadêmico e pessoal. A todos que, de alguma forma, contribuíram para esta trajetória, expresso minha sincera gratidão.

Todavia, não posso esquecer dos colegas professores, coordenadores, gestão, apoio escolar e meus alunos, em especial, a turma do primeiro ano “D”, da Escola Estadual de Ensino Médio e Fundamental São João Batista, da qual sou professora, que liberaram e apoiaram minhas atividades de trabalho, para que pudesse me dedicar ao Mestrado. Também a gestão da escola municipal, onde o anexo fica localizado, que recebeu a oficina muito bem, portanto, fica aqui registrado o meu muitíssimo obrigado.

Ah! E a minha “patrocinadora oficial”: minha amada irmã, a qual muito me apoiou com o transporte, como também meu querido primo que se disponibilizou de bom grado a ser o motorista. E, por fim, aos meus amigos que me ouviram e acalentaram durante essa trajetória, pois alguns deles foram obrigados a ler meus primeiros esboços, como também aos queridos artistas que foram voluntários na oficina.

"As diferenças, mais do que dados da natureza, são construções sociais, culturais e políticas." (Gomes, 2007)

**RESUMO:** O presente exame de qualificação se apresenta junto ao Mestrado Profissional de Ensino de História, vinculado ao Programa de Pós-Graduação Profissional do Ensino de História (PPGEPH) da Universidade Federal do Acre. Objetivando compreender as influências do Rap na formação identitária dos alunos de ensino médio da turma do primeiro ano “D”, do anexo da escola São João Batista, localizado na zona rural do município do Bujari. A natureza é qualitativa e descritiva pois se fez relato da realização e análise da Oficina de Rap e Hip-hop como ferramenta pedagógica para o ensino de história. Também qualitativa na interpretação dos dados coletados em entrevistas decorrentes da Oficina, correlacionando-os ao Currículo Referência da Única do Estado do Acre (CRUA-2010), assim como aos materiais da disciplina de Ensino de História e Educação para as Relações Étnico-raciais (ERER). Empregando como referencial Stuart Hall e a teoria da identidade (1990), Nilma Gomes para dialogar sobre cultura (2003), se justificando a atividade relatada e analisada, porque compreende-se que o Rap pode ser utilizado como ferramenta pedagógica para estimular o senso crítico, a reflexão e o protagonismo social dos alunos. Sendo, portanto, um instrumento valioso para promover a valorização da diversidade cultural. Desta feita, a oficina de Rap como ferramenta de Ensino de História para construção identitária dos estudantes resulta, promovendo a formação de cidadãos mais críticos e engajados e preparados para os desafios do mundo contemporâneo.

**Palavras-chave:** Ensino de História; Rap; formação identitária.

**ABSTRACT:** This qualifying exam is part of the Professional Master's Degree in History Teaching, linked to the Professional Graduate Program in History Teaching (PPGEPH) at the Federal University of Acre. The aim is to understand the influences of Rap on the identity formation of high school students in the first year "D" class, at the annex of the São João Batista school, located in the rural area of the municipality of Bujari. The nature of the research is qualitative and descriptive, as it reports on the implementation and analysis of the Rap and Hip-hop Workshop as a pedagogical tool for teaching history. It is also qualitative in the interpretation of the data collected in interviews resulting from the Workshop, correlating them with the Reference Curriculum of the State of Acre (Crua), as well as with the materials of the discipline of History Teaching and Education for Ethnic-Racial Relations (ERER). Using Stuart Hall and identity theory (1990), and Nilma Gomes to discuss culture (2003), the reported and analyzed activity is justified, as it is understood that Rap can be used as a pedagogical tool to stimulate critical thinking, reflection and social protagonism of students. Therefore, it is a valuable tool to promote the appreciation of cultural diversity. Thus, the Rap workshop as a History Teaching tool for student identity construction results in the formation of more critical and engaged citizens, prepared for the challenges of the contemporary world.

**Keywords:** Historical Pedagogy; Rap; identity formation.

## LISTA DE FIGURAS/IMAGENS

FIG.1 - MAPA DO BUJARI .....	8
FIG.2 - CURRÍCULO DE REFERÊNCIA ÚNICO DO ACRE. RECORTE DO QUADRO ORGANIZADOR DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANA	51
FIG.3 - CURRÍCULO DE REFERÊNCIA ÚNICO DO ACRE. RECORTE DO QUADRO ORGANIZADOR DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANA	52
FIG.4 - CURRÍCULO DE REFERÊNCIA ÚNICO DO ACRE. RECORTE DO QUADRO ORGANIZADOR DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANA	54
FIG.5 - CURRÍCULO DE REFERÊNCIA ÚNICO DO ACRE. RECORTE DO QUADRO ORGANIZADOR DA ÁREA DE CIÊNCIAS HUMANA	54
FIG.6 - LETRA ESCRITA POR ALUNO .....	64
FIG.7 - LETRA ESCRITA POR ALUNO .....	65
FIG.8 - CARTAZES PRODUZIDO POR ALUNOS .....	66
FIG.9 - CARTAZES PRODUZIDO POR ALUNOS .....	66
FIG.10 - CARTAZES PRODUZIDO POR ALUNOS .....	67
FIG.11- CARTAZES PRODUZIDO POR ALUNOS .....	67
FIG.12 - CARTAZES PRODUZIDO POR ALUNOS .....	67
FIG.13 - CARTAZES PRODUZIDO POR ALUNOS .....	67
FIG.14- CARTAZES PRODUZIDO POR ALUNOS .....	69
FIG.15- BATALHAS JCF .....	70
FIG.16- CULMINÂNCIA DO PROJETO .....	71
FIG.17- CULMINÂNCIA DO PROJETO .....	71
FIG.18- CULMINÂNCIA DO PROJETO .....	76
FIG.19- CULMINÂNCIA DO PROJETO .....	77
FIG.20- GRAFITE PRODUZIDO CULMINÂNCIA DO PROJETO ...	78

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>DJ -</b>	DISK JOCKEY
<b>EESJB -</b>	ESCOLA ESTADUAL SÃO JOÃO BATISTA
<b>HIP HOP -</b>	“MOVIMENTO CONSCIENTE”, DESIGNANDO UM CONJUNTO CULTURAL AMPLO QUE INCLUI MÚSICA (RAP), PINTURA (GRAFITE) E DANÇA (BREAK).
<b>MC’S-</b>	FORMA ABREVIADA DE MESTRE DE CERIMÔNIAS
<b>SLAN-</b>	“SOMOS LATINO-AMERICANOS NATOS”
<b>RAP-</b>	RHYTHM AND POETRY
<b>TCR-</b>	TEORIA CRÍTICA RACIAL
<b>CRUA-</b>	CURRÍCULO REFERÊNCIA DA ÚNICA DO ESTADO DO ACRE
<b>BNCC-</b>	BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR
<b>EJCF-</b>	ESCOLA JOSÉ CESÁRIO DE FARIAS
<b>ERER-</b>	EDUCAÇÃO PARA AS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS
<b>DCNERER-</b>	DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
I. A VIDA É UM DESAFIO	21
II. MÁGICO DE OZ	34
III. VOZ ATIVA	49
IV. CONCLUSÃO	79
V. REFERÊNCIAS	80

## INTRODUÇÃO

Aqui se introduz a dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação Profissional do Ensino de História (PPGEPH) vinculada ao Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Acre, doravante denominado de ProfHistória/UFAC. Durante esse percurso acadêmico, foram cursadas disciplinas obrigatórias e optativas que contribuíram significativamente para o amadurecimento das reflexões e práticas pedagógicas. Nesse contexto, os estudos e as discussões propiciadas pelas disciplinas de História do Ensino de História (ministrados pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Tereza Almeida Cruz) e Ensino de História e Educação das Relações Étnico-Raciais, (lecionada pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Nedy Bianca Medeiros de Albuquerque) foram fundamentais para o meu aprimoramento como professora.

A priori, a proposta do presente trabalho é centrada em uma Oficina de Rap e Hip-Hop, ou seja, uma intervenção que visava explorar os conteúdos históricos e culturais pertinentes ao componente curricular de “História” do primeiro ano de Ensino Médio, da referida turma do anexo, da Escola Estadual São João Batista<sup>1</sup> localizada no Km 50 da BR-364, no trecho entre Bujari e Sena Madureira, no Estado do Acre.

Deste modo, trabalhou-se com um grupo de quinze estudantes de Ensino Médio, em zona não urbana do município do Bujari, no estado do Acre, extremo ocidental da Amazônia Brasileira. A princípio, pode-se suscitar indagações sobre o acesso e conhecimento do público em questão quanto ao movimento Hip-Hop e mais especificamente ao gênero Rap. Entretanto, como se demonstrará em etapas posteriores deste texto, havia prévios contatos entre estudantes e o Rap.

---

<sup>1</sup> Doravante designada como EESJB. Sendo a única escola do município de ensino regular da modalidade médio, também abrangendo o ensino fundamental II e médio, com turmas do ensino de jovens e adultos- EJA. A unidade escolar tem um anexo com três salas, no espaço físico da escola municipal José Cesário de Farias, onde funciona o primeiro, segundo e terceiro ano “D”, neste local cada turma tem sua sala, todas climatizadas, com quadro branco, estando disponível aos alunos também como equipamentos físicos a biblioteca, o auditório, a quadra e a cantina, não obstante ser um anexo situado em zona não urbana, com endereço a beira da estrada BR 364, no Km 50, sentido Bujari- Sena Madureira. A escola EESJB possui duas instalações fixas, uma na sede urbana do município do Bujari e seu anexo em zona dita rural, situado no quilômetro 50 da BR364 no sentido Rio Branco-Sena Madureira. Este anexo tem como aspecto peculiar, dividir o espaço físico e educacional com uma unidade escolar de ensino fundamental do 6º ao 9º ano do município do Bujari. Sendo então no dito anexo encontrado um local que reúne salas de Ensino Fundamental sob gestão municipal e de Ensino Médio (no pedaço que é interpretado como anexo da EESJB) e vinculado à rede estadual. Nesta parcela, lida como anexo e que tive o meu ambiente de trabalho e pesquisa.

FIG.1 MAPA DO BUJARI



FONTE: IMAGEM CRIADA PELO AUTOR

A história desse gênero musical é profundamente entrelaçada com questões étnico-raciais, injustiças sociais e a busca por identidade em comunidades urbanas conforme se lê tanto em Teperman (2015). Neste sentido, é válida a compreensão de Hip Hop e Rap conforme Cavalcante (2017, p. 54):

(...) reforça-se o entendimento de que *hip hop* não é apenas música (*rap*) ou dança (*break*), ele é muito mais que isso. Este é um movimento que une a arte do grafite, do *rap* e das expressões corporais do *break* enquanto manifestações da cultura de rua. Em outras palavras, o *hip hop* é um movimento de cunho social, político, cultural, de modo que sua formação engloba um conjunto de elementos, cujas atitudes expressam ideologias fundamentadas na luta pelos direitos civis dos jovens negros e dos excluídos socialmente. Já o *rap* é a arte cantada em forma de rimas, ou seja, é uma das expressões artísticas do *hip hop*.

Nesse contexto, possivelmente, o primeiro questionamento dos leitores seja sobre a inserção do Rap nas comunidades não urbanas, a qual dar-se-á a sugestão de ouvirem músicas deste gênero, pois seus trechos questionam as perspectivas de “urbano”, a exemplo de Kaê Guajajara<sup>2</sup>, em sua letra “Mãos Vermelhas”, em que se lê a relação entre terra, autoidentificação e pertencimento sendo questionada:

Me diz pelo que você luta?  
Que ar você respira, senão o meu fôlego?

<sup>2</sup> Kaê Guajajara foi criada no Complexo da Maré, no Rio de Janeiro (RJ), desde criança. Encontrou no rap a porta de entrada para expressar suas reflexões e vivências como mulher indígena na favela.

Que comida você come, senão a que eu dou?  
Abra a sua mente antes da sua boca  
É o Brasil que ninguém vê

Tic, tac, tic, tac  
O Agro não é tech  
Não é pop e também mata  
Vestem rosa ou azul  
Com as mãos manchadas de vermelho

Vejo meus filhos se perguntando  
Se você os mata ou se eles se matam  
Se você os mata  
Ou se eles matam primeiro

Você não sabe  
Ninguém viu  
Mas ficou cravado na minha memória  
Pega no laço e você sabe a história

Legalizam o genocídio  
Chamam de pardos pra embranquecer  
Enfraquecer e desestruturar você  
Pra não saber de onde veio

E conta a história da bisa, da sua bisa que era índia  
E não é branco, nem preto  
Nem indígena o suficiente, pelos fiscais de ID  
Ninguém é ilegal em terra roubada

Tô renascendo das cinzas do fogo  
Em que queimaram meus ancestrais  
Ainda resistimos em tantos tons e vivências

Assim, o Rap que se insere no movimento Hip-Hop surgiu como uma resposta artística e cultural às adversidades enfrentadas, sendo uma forma de contar histórias, denunciar a opressão, expressar a raiva e a frustração, como também celebrar a cultura e a resiliência. Além disso, a construção do Hip-Hop e do Rap revela uma manifestação artística única, diferentemente da percepção de muitos que não estão familiarizados com o assunto. Logo, o Hip-Hop não se limita a ser um gênero musical. Embora esteja intimamente ligado à música, esse estilo musical é um dos principais veículos de expressão dessa cultura, ao lado da dança. Entretanto, cabe demarcar o Hip-Hop como um gênero cultural, enquanto o Rap é um estilo musical que destaca a palavra falada em ritmo sincopado sobre batidas de instrumentos.

No que se refere ao contexto brasileiro, por exemplo, o grupo Racionais MC's<sup>3</sup> desempenhou a função crucial na popularização do “Rap consciente”, isto é, letras as quais trazem o papel da música Rap e da cultura Hip-Hop na educação e na

---

<sup>3</sup> Forma abreviada de Mestre de Cerimônias; pessoa responsável por deixar os convidados entretidos, num evento; muito usado como parte constitutiva da nomenclatura vinculada ao movimento Hip-Hop ao se referir aos cantores.

consciência social<sup>4</sup> dos jovens. Ademais, neste projeto, é necessário considerar que, a princípio, seria uma música das comunidades negras, contudo, hoje transcende a esses círculos e encontramos participação de brancos e indígenas, a exemplo respectivamente de Chorão, Filipe Ret e Kaê Guajajara (cuja letra já foi mencionada anteriormente), embora o meu foco de interesse seja a população negra.

Nesse sentido, essa diversidade de expressões artísticas dentro do Hip-Hop contribui para sua riqueza cultural, no sentido de unir e garantir que pessoas de diferentes origens e experiências se expressem. Deste modo, o movimento Hip-Hop e seus elementos transcenderam as fronteiras e se tornaram uma expressão global de resistência e empoderamento para pessoas que são discriminadas pelo sistema.

No livro “Se liga no som: As transformações do Rap no Brasil” datado em 2015, do músico e pesquisador Teperman, encontramos a narrativa de origem do movimento cultural Hip Hop em terras do Brasil. Segundo este autor, o berço do Hip Hop brasileiro é São Paulo, nos anos de 1980, dos encontros na rua 24 de Maio e no Metrô São Bento, locais dos quais saíram muitos artistas reconhecidos como o Nasi, André Jung. Na obra, ele aborda algumas questões mais "metodológicas" do Rap como por exemplo a música (fala rimada, ritmos, *flow*, *scratches*, síncopes, batidas etc.).

Outrossim, Teperman (2015) alega em sua obra que muitas vezes o Rap é reivindicado como um fenômeno além da música, ou seja, enquanto artefato provido de sonoridade, visto que se inseriria num contexto mais amplo de transformação e de uso social da música. Já no contexto regional, mais especificamente no Acre, há de se falar da dissertação de Nobre (2018), cujo se constitui um histórico do Rap no estado acreano, bem como Cavalcante (2017), o qual fala em seu terceiro capítulo sobre a origem do Rap no Acre:

Esse Movimento chega ao Acre no final da década de 1980, sob a influência do filme “Break Dance”. A partir de então, houve a criação de grupos de break, dentre os quais se destacavam os “Cobras de rua” e muitos outros. Desde então, o Hip Hop acreano vem se fortalecendo paulatinamente na capital, bem como em alguns municípios do Estado.

---

<sup>4</sup> A consciência para si envolve a percepção de que a organização enquanto classe unida é a chave para a ação política em direção à transformação do estado das coisas, do status quo. É importante mencionar que o grau de consciência de classe em si e para si possuem diferentes intensidades, mas sem consciência de classe em si não é possível, segundo Marx, a produção de uma consciência para si. Ambas as consciências compõem, como denomina a teoria marxiana, a consciência de classe. Conforme lido no site do “Café com Sociologia”. Disponível em: [https://cafecomsociologia.com/consciencia-de-classe/#google\\_vignette](https://cafecomsociologia.com/consciencia-de-classe/#google_vignette), Acesso em: 27 de maio de 24. Desta forma, ao falar em “consciência social” me aproprio do conceito e interpreto como sendo uma noção do lugar social e as interações destes jovens estudados no presente texto.

Uma das conquistas desse movimento foi a criação da Semana do Hip Hop, através da lei 2022/2013, de autoria do vereador Marcelo Macedo. De modo que essa semana é comemorada anualmente e passou a fazer parte do Calendário Oficial de Eventos da Prefeitura de Rio Branco. Em matéria publicada na página oficial da Prefeitura de Rio Branco, se relata que essa “lei atende mais de 20 mil participantes do movimento Hip Hop na Capital do Estado do Acre”.<sup>8</sup> Outro fato importante para o fortalecimento desse movimento foi a criação do Centro Acreano de Cultura Hip Hop, no ano de 2004 e a participação em projetos de incentivo à cultura realizados pela Fundação Garibaldi Brasil. (Cavalcante, 2017, p.58)

Em síntese, faço-me valer de tais aportes para ter elaborado e executado minha proposta de educação histórica escolar afro centrada. Para tanto, é necessário ainda explicar que o conceito de cultura empregado se dá a partir da perspectiva do livro chamado “O movimento negro educador” escrito pela professora Nilma Lino Gomes, que assim define:

A cultura, seja na educação ou nas ciências sociais, é mais do que um conceito acadêmico. Ela diz respeito às vivências concretas dos sujeitos, à variabilidade de formas de conceber o mundo, às particularidades e semelhanças construídas pelos seres humanos ao longo do processo histórico e social. Os homens e as mulheres, por meio da cultura, estipulam regras, convencionam valores e significações que possibilitam a comunicação dos indivíduos e dos grupos. Por meio da cultura eles podem se adaptar ao meio, mas também o adaptam a si mesmos e, mais do que isso, podem transformá-lo (Gomes, 2003, p.75).

Nessa perspectiva, a cultura é entendida como parte constitutiva de uma positivação das identidades negras. No artigo intitulado “Hip-hop brasileiro: Tribo urbana ou movimento social?”, de Marcos Alexandre Bazeia Fochi (2007), nota-se que no Brasil, o Hip-Hop se manifesta não apenas através do Rap, mas também por meio de outros elementos importantes que compõem a cultura urbana do Hip-Hop. Esses subsídios são intrinsecamente ligados, e juntos formam uma cultura abrangente que reflete as experiências e as lutas das comunidades brasileiras.

Desse modo, esses subsídios mostram uma construção identitária plural e dinâmica, coadunando com o que ouvi em uma das aulas da disciplina Seminário de Pesquisa, ministrada no segundo semestre letivo do mestrado em 2023, quando o professor Dr. Sergio Souza fez uma fala marcante afirmando que “identidade é plural, quem deseja uma identidade estática/congelada são as estruturas de poder”.

Nesse sentido, analisando a colocação, percebe-se que ocorre variação na identidade, cada ser humano constrói a sua e essa se modifica ao longo de suas vivências, ou seja, aquilo que se é hoje, não será daqui a cinco anos, dez anos, pois nos encontramos em constante transformação e aprendizado. Partindo dessa ótica analiso os sujeitos de estudo dessa pesquisa, e passo a compreender que os jovens demonstram em suas ações, estas que usam o Rap, mas outros adolescentes buscam

em diferentes fontes demonstrar essa identidade.

Explorar o Rap como manifestação artística possibilita compreender, além de seu valor musical, as narrativas sociais e políticas que o permeiam, oferecendo uma análise mais ampla das dinâmicas étnico-raciais e culturais da sociedade contemporânea.

Nesse viés, tendo isso em conta, é necessário adentrar nas minhas motivações pessoais para o uso do Rap como ferramenta de análise para a construção identitária dos meus alunos. Porquanto, recordo-me que desde a minha adolescência, eu me encantava com as letras de Rap. Contudo, possuindo como base familiar um ambiente tradicionalmente cristão, o qual habitava uma pequena propriedade rural, denominada no Acre de “colônia”, situada à margem da estrada entre o Bujari e Sena Madureira, com mais ou menos 1 km de ramal de terra batida (e que, nos meses de maior incidência de chuvas, converte-se em lama), muitas vezes eu tinha que ouvir escondida músicas de Rap. Em vista disso, consegui, aos poucos, convencer meus pais a analisar as letras comigo, mostrando que eram expressões poéticas na música, com fundamentos e que havia diferenças entre as letras, como em todos os gêneros, permeadas de canções que faziam desde apologias ao crime, canções que defendem as lutas pelos direitos humanos, enaltecem a figura do trabalhador e ressaltam a busca pela dignidade da pessoa humana.

Por conseguinte, ao ingressar no Mestrado Profissional em História, comecei a buscar um tema para minha pesquisa. Minhas vivências<sup>5</sup> e interesses me levaram a explorar a temática étnico-racial. Durante minhas investigações, assisti a um podcast, armazenado no Youtube, de uma entrevista com o MC Mano Brown, onde narrava o início do grupo Racionais MC's<sup>6</sup>. Na oportunidade, o *rapper* e compositor compartilhou experiências sobre abordagens policiais nas apresentações, que aconteciam simplesmente pelo fato de serem shows de Rap. Destarte, mesmo com a opressão policial, as pessoas da nossa etnia<sup>7</sup> continuavam indo aos shows, identificando-se

<sup>5</sup> Então, quando digo “Eu”, quero que meu leitor compreenda que se trata de uma mulher que se identifica como negra, professora de História de escola pública em zona não urbana, formada na escola pública e na Universidade Federal do Acre- UFAC.

<sup>6</sup> PODPAH. MANO BROWN - Podpah #351, 07 mar. 2022. YouTube. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=aahyLNH4PrE>. Acesso: 19 maio 2024.

<sup>7</sup> Quando menciono “nossa etnia”, utilizo aqui do conceito de etnia a partir do texto de Nilma Lino Gomes denominado “Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão”. com as letras e mantendo-se conectadas aos movimentos internacionais e influenciados pelo blues e jazz.

Ademais, pensando no cenário nacional atual e restringindo-se para o regional, esses movimentos musicais e de poesia, como o “Somos Latino-americanos Natos” (SLAN), desempenham um papel importante, oportunizando a disseminação de cultura e apresentação de jovens artistas. Através da análise desses fenômenos culturais, torna-se viável, então, compreender, para além da dimensão musical, os processos sociais, étnico-raciais e culturais que configuram nossa sociedade contemporânea.

Outrossim, o tema que me propus a estudar e escrever foi a habilidade identificada como EM13CHS101, da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em que se lê “analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.” No componente curricular de História, cuja competência a ser trabalhada correlaciona “história, memória, cultura, identidade e diversidade”. Isto porque, concernente ao conteúdo do primeiro ano de Ensino Médio do nosso Currículo de Referência Única do estado do Acre (CRUA-2010) é praticamente uma cópia do referido item.

Assim sendo, a escolha do título se coaduna a competência “história, memória, cultura, identidade e diversidade”, a qual deveria ser constituída. Posto isso, ao designar “Hip-hop e Rap no Ensino de História colaborando à formação identitária de estudantes do ensino médio na Escola Estadual São João Batista (Bujari – AC, 2023)”, propunha-se a perceber como se dava a apropriação e compreensão da negritude dos estudantes a partir do uso destes para suas interpretações enquanto sujeitos sociais. Neste contexto, vejo-as como resultados de reinvenções, reconstruções e multiplicidades de suas personalidades. Sendo também uma proposta de decolonialidade curricular, conforme preconiza Gomes (2012) e Lima (2023).

De tal forma, Lima (2023) afirma que a “ideia de que as pessoas não conseguem sobreviver sem as conquistas teóricas ou culturais da Europa foi um dos mais importantes princípios da modernidade”, no entanto, isto se constitui como um mito, o qual acabou por influenciar todo um currículo, fazendo exclusão dos saberes e culturas de povos locais. Assim, em articulação com os diversos saberes e fazeres, no processo de ensino-pesquisa, pode-se ocorrer uma perspectiva excludente dos saberes e fazeres dos estudantes, sobretudo no que se refere as suas ancestralidades, potencialmente incorrendo-se em epistemicídio.

De tal modo, considerando o propósito do estudo, definiu-se como recorte temporal o ano de 2023, escolha a qual se justifica por corresponder ao período de realização da intervenção pedagógica, desenvolvida sob a forma de oficina de Rap. Nesse viés, tal ferramenta foi empregue buscando as contribuições do Hip-hop como movimento cultural e Rap como gênero musical no processo de ensino-aprendizagem de História do primeiro ano do Ensino Médio. Nesse viés, a partir disto é que se constitui a presente dissertação, com o roteiro de realização da oficina e a interpretação de seus resultados, dentro do componente curricular da disciplina de História, que deve ser interdisciplinar com a Sociologia, Protagonismo e Projeto de Vida, tendo em vista o atual formato do Ensino Médio e o Currículo de Referência Única do Estado do Acre (Crua/AC).

Ademais, o método seguido é o histórico (Lakatos, Marconi, 2017), sendo utilizada a pesquisa bibliográfica quanto aos usos das ferramentas em comento, quanti e qualitativa com o emprego do *google forms* (Mota, 2019) para análise da opinião dos alunos e materiais disponibilizados. Logo, na interpretação da opinião dos estudantes quanto a construção identitária e sua autoidentificação, emprega-se Ferreira (2014).

Considerando a minha própria trajetória como ex-aluna da escola-campo e atual docente com exercício da docência naquele espaço, sem perder de vista a localização geográfica da EESJB, passo a configurar um referencial sobre o não urbano. Como os espaços ditos e considerados urbanos, passam a integrar a zona rural, através da globalização, pelo acesso à internet, vai-se aos poucos modificando o ideal do que é rural, demonstrando a hibridização. Desta forma, explica-se como o gênero musical RAP, conquista os adolescentes, esses jovens alunos que muitas das vezes se encontram curiosos sobre o mundo, políticas, discursões sociais e encontram referências e informações nas letras de rappers.

Nesse contexto, nos ritmos pulsantes e nas rimas habilidosas do hip-hop, deparamo-nos com mais do que meras canções, nele, reside uma cultura enraizada que transcende os limites da música, entrelaçando-se com as experiências diárias de muitos jovens, especialmente aqueles pertencentes à comunidade negra. Portanto, o Hip Hop é mais do que uma forma de expressão artística, é um espelho da vida, um veículo de comunicação e um catalisador para o empoderamento e a identidade.

Inspirada nas letras potentes de críticas sociais de Rap, trabalhei considerando-o como manifestação cultural das raízes africanas em mãos com a “pedagogia da libertação/emancipação e resistência política; resistência epistemológica”. Assim, vejo de forma positiva que os jovens adolescentes se identificam como negros desde sua

criação, ou adquirem essa identidade conforme os desamores em frente ao “Racismo Estrutural” adentrarem a luta por igualdade.

Em obra de mesmo nome, datada de 2019, Sílvio Almeida explora minuciosamente o conceito de racismo sistêmico. Desse modo, o autor ilustra como o racismo não se restringe às ações individuais, mas está entranhado nas estruturas e instituições sociais. Ao ressaltar essa abordagem, Almeida (2019) enfatiza a importância de compreender o racismo como um fenômeno que permeia as estruturas de poder e privilégio, em vez de eventos isolados ou comportamentos individuais.

Existente, entendendo, portanto, que as letras de Rap contribuem para a formação dessas identidades, pois abordam o descaso social com a população pobre em geral.

Tendo em vista a composição de letras de Rap, verifica-se que o movimento Hip Hop pode desenvolver uma subjetividade desestabilizadora, em que se baseia em um inconformismo que leva às críticas ao combate ao racismo, à desigualdade social e à corrupção política. Considerando um lugar cuja prática é na rua, as práticas e observações diárias dos jovens ao analisar a questão da negritude, ajudam a transgredir o preconceito racial e a se emancipar do racismo estrutural já existente.

Ativar a subversão a discriminação racial está sendo o papel do movimento negro no Brasil, cooperando para colocar a população negra em visibilidade governamental. Uma vez que vem ampliando vozes da comunidade negra, fazendo valer seus direitos de cidadão perante uma sociedade que ao longo de sua história se fez opressora. Usando os alicerces do movimento de Hip Hop e os conhecimentos experimentados, empíricos e fazendo analogia com as teorias acadêmicas, percebemos o desejo que os jovens têm de serem “emancipados<sup>8</sup>”.

Outrossim, destacando o Rap como uma linguagem que surge enquanto forma de manifestação tanto de quem se identifica no movimento negro ou em outras manifestações sociais<sup>9</sup>, sendo utilizado para tornar “audível” as vozes silenciadas aos excluídos de uma sociedade que vê apenas a elite, porém pertencendo a um país onde se propaga o “mito da democracia racial” (Gomes, 2005). Isto é, num estado que construiu ao longo de sua formação a falsa ideia de não ter segregação racial, criada

---

<sup>8</sup> A emancipação que se pensa aqui, não é um ato jurídico que concede a pessoa maior de 16 anos e menor de 18 anos, dando-lhe a liberdade para exercer atos da vida civil, como por exemplo, administrar seus bens e negócios com devida autonomia. Neste sentido, a emancipação é de ordem da consciência social, relativa ao papel e lugar que os jovens têm e/ou desempenha.

<sup>9</sup> Os movimentos sociais são ações coletivas mantidas por grupos organizados da sociedade que visam lutar por alguma causa social. Em geral, o grito levantado pelos movimentos sociais representa a voz de pessoas excluídas do processo democrático, que buscam ocupar os espaços de direito na sociedade. Os movimentos sociais são ações coletivas de caráter sociopolítico e cultural que viabilizam formas distintas da população se organizar e expressar suas demandas (GOHN, 2011).

para fundamentar as bases do país “acolhedor e pacífico”, em que não ocorreriam conflitos internos, cuja todas as classes conviveriam harmonicamente, em prol de um organismo estabilizado e manso, formando assim a nação de brasileiros. Considerando essa “mitologia” tangente aos conflitos raciais, em El-Dine e Venancio, no artigo “A presença estrangeira na construção do mito da democracia racial no Brasil” de 2023, lê-se que:

Um estado de plena igualdade entre os cidadãos, sem distinção de raça, sexo ou etnia. A origem do conceito está ligada a uma narrativa que ganhou força na década de 1930, de que o Brasil encontrava uma solução para o racismo na miscigenação [...] (El-Dine; Venâncio, 2023, s/p)

Compreendendo, nesse sentido, que a globalização e o hibridismo se configuram na abrangência do gênero musical Rap, dito urbano, mas, verificando que ele transcende espaços e fronteiras, ao chegar na comunidade rural, fez-me entender que essa forma de expressão dos jovens, naquele lugar, entrelaça os adolescentes em suas identificações como negros e habitantes de espaços ditos não urbanos.

Observando o quanto eles também manifestam em suas rimas os problemas sociais, as dificuldades encontradas, as escassezes da vida, os preconceitos sociais e econômicos, analisando essas falas que presenciava diariamente nas expressões deles, formou-se, então, uma ligação com as músicas do grupo *Racionais MC's* e os problemas cantados na década de 1980, que continuam sendo os mesmos para os jovens. À luz dessa lógica, com base na música de Rap, estimulou-se a reflexão sobre suas autoidentificações e vivências cotidianas. Por conseguinte, as leituras apontaram a existência de uma relação dialógica entre identidade e autorreconhecimento (Santos, 2021), bem como demonstram os diferentes fatores que enunciam essa relação, sendo o espaço escolar um destes.

A partir da dissertação de Nobre (2018), denominada “Hip Hop cultura de rua: minha ferramenta de descolonização” se estabeleceu um diálogo com a escrita do referido autor. A escolha do trabalho em comento como referência decorre do fato de se tratar de um professor de História, cujo nome é Jorge Neto Nobre, servidor da rede pública estadual do Acre, também conhecido como Mc Spartacus.

Ainda me reportando a Nobre (2018), recordo que a cidade de Rio Branco, o maior centro urbano do estado do Acre, tem a juventude em sua grande maioria ociosa, pelos reflexos de políticas excludentes com as periferias. Assim, esses jovens veem nas ruas uma espécie de ponto de encontro, onde podem se relacionar com pessoas semelhantes e compartilhar suas experiências de vida.

As ruas dos bairros é onde esses jovens sentem na pele todos os “perrengues” das periferias, como por exemplo a violência, drogas, desemprego, falta de educação e infraestrutura. É em tal clima suburbano<sup>10</sup>, nessas reuniões ao ar livre, que brotam manifestações culturais. Todavia, isso não só cria laços, mas dá um sentido profundo para esses jovens. Além disso, nesses encontros os jovens também debatem os movimentos urbanos que acontecem no Acre e colaboram para a formação da identidade do jovem negro acreano. Assim, entra aqui a questão motivadora do presente trabalho, isto é, de que forma o Rap pode ser utilizado como uma ferramenta pedagógica para trazer a identidade negra à autoidentificação de alunos? De tal modo, levando a proposição do produto vinculado a este trabalho, que foi uma oficina de Rap, houve uma busca de dialogar com a construção identitária negra dos alunos da escola-campo. Como resultado, decorre-se daí o produto que seria a análise da realização desta oficina.

Além disso, os jovens que escutam Rap adquiriram essa identidade de “sou negro, sou tema e protagonista” de história seculares ou vivem como secundários em sua própria história? Dialogando com Nobre (2018), ele afirma que assim percebe questões referentes à prática pessoal, especificando o gênero musical Rap e a sua produção dentro desse segmento. Logo, partindo-se do princípio de que o Rap é a ferramenta que lhe permite falar e expressar-se, sendo esta, uma:

[...] opção geralmente negada às pessoas de classe social baixa ou de periferia onde o marginalizado nunca pode falar, mas através do rap, sim posso me expressar, quebrando assim a lógica colonial estabelecida em nossa sociedade. (Nobre, 2018, p. 66)

Compreendendo que quando Nobre menciona a “periferia”<sup>11</sup> se tenha uma perspectiva a semelhança de Soto (2008). Os jovens brasileiros passam pelos

---

<sup>10</sup> Para Martins apud Soto (2008, p. 112) o subúrbio é uma realidade pouco explicada. Segundo ele, no subúrbio o rural ainda está presente e o urbano nunca se constituiu plenamente. Subúrbio pertence a uma fase do ciclo de vida das cidades. Estas fases são: urbanização; suburbanização; desurbanização; reurbanização. Neste modelo de interpretação, a cidade, considerada uma aglomeração, é dividida em duas subáreas, uma central e outra periférica. SOTO, William Héctor Gómez. Subúrbio, periferia e vida cotidiana. Estudos Sociedade e Agricultura, abril 2008, vol. 16 no. 1, p. 109-131. ISSN 1413-0580. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/download/298/294/791>. Acesso: em 27 de maio de 2024

<sup>11</sup> Está nas regiões periféricas que sofrem com vulnerabilidades socioambientais, como acesso precário a serviços básicos, infraestrutura inadequada, falta de oportunidades de emprego, educação precária e desafios na área da saúde. Centro e periferia fariam parte da nova modernidade e expressariam do ponto de vista geográfico as desigualdades sociais da sociedade brasileira. É no centro que se concentra a riqueza e o poder e na periferia a pobreza. Interpretação feita a partir de: SOTO, William Héctor Gómez. Subúrbio, periferia e vida cotidiana. Estudos Sociedade e Agricultura, abril 2008, vol. 16 no. 1, p. 109-131. ISSN 1413-0580. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/download/298/294/791>. Acesso: em 27 de maio de 2024

mesmos problemas, sem esquecermos das chamadas peculiaridades, quando se lê Nobre (2018), percebemos que ele traz essa reflexão sobre a:

[...] falta de estrutura econômica e social, o crime, as perdas de amigos em confusões banais, brigas, desestrutura familiar, “os rolês” na noite, a repressão policial, o racismo, coisas que nem sempre eu vivi, mas que amigos, pessoas muito próximas a mim vivenciavam e que de alguma maneira me afetaram. Mas não era só isso, enxergava nas músicas do Racionais MC's ideias de contraposição, de rebeldia ao que estava estabelecido como padrão de vida para quem morava em periferia (mesmo sem saber ainda o que era “luta de classe”, ou outros conceitos que passei a conhecer na academia) via nessas letras não só narrativas semelhantes ao meu cotidiano, mas ideias que me possibilitaram parar para pensar sobre esse cotidiano, por vezes hostis para os jovens nas periferias das cidades[...] (Nobre, 2018, p. 25).

A metodologia de trabalho foi pautada em encontros semanais na escola no horário de aula, dentro do projeto “construindo Rap na escola”, cujo intuito era ensinar os princípios para encaixar letras em batidas. Nos primeiros encontros foram de dois a três Mc's, para fazer oficinas com estudantes da turma do 1º ano 'D', composta por 19 alunos e alunas, desses jovens, apenas 15 participaram do projeto. Simultaneamente, aconteceram apresentações dos documentários “AmarElo” de Emicida e “Das ruas de São Paulo para o mundo” de Juliana Vicente, seguindo-se da análise de letras de músicas e o exercício de produzir suas letras, além de rimá-las em batalhas nomeadas de batalha da Escola Municipal José Cesário de Farias - EMJCF<sup>12</sup>. Logo, resultou-se um total de dez encontros nos meses de setembro a novembro de 2023, dentro da oficina de Rap, com a perspectiva de autorreconhecimento do alunado enquanto participantes das sociedades e seres em construção de suas próprias identidades.

Ademais, o projeto “Construindo Rap na Escola” teve como temática central “A Construção da Identidade Racial por Meio do Hip Hop” foi pensado de maneira particularmente específica para os jovens alunos da “classe D” e mais designadamente, para os jovens negros, sendo o tema identitário negro/a que permeia as camadas sociais e reflete as desigualdades existentes em nossa sociedade.

A oficina contribuiu para o objetivo de analisar a construção da identidade racial, utilizando as letras do grupo Racionais MC's como uma lente para compreender

---

<sup>12</sup> É importante dizer que embora o projeto seja desenvolvido junto as turmas de ensino médio do anexo da Escola Estadual São João Batista, ao constituírem as “batalhas de rima”, o próprio conjunto de estudantes, por se sentirem excluídos preferiram denominar de “Batalhas da José Cezário de Farias, que é a escola municipal com quem dividem espaço. Trata-se como dito de escola de zona rural do município do Bujari, destacando que é a única escola municipal de ensino fundamental II, cujo prédio atende também ao anexo da escola São João Batista, que é uma escola estadual.

os desafios enfrentados por essa parcela da população, acrescida da própria produção dos estudantes. Portanto, percebe-se que o cenário social e racial no Brasil é marcado nas letras analisadas e nas composições musicais por adversidades enfrentadas pelos jovens nas periferias, especialmente os negros.

No entanto, ao ignorar o racismo estrutural, nota-se que o Estado acaba impondo à sociedade desafios ainda mais profundos e persistentes. Nesse contexto, a escolha de explorar as letras do grupo Racionais MC's se mostrou crucial, pois, essas expressões artísticas denunciam as realidades vivenciadas por esses jovens, desde a violência policial até as dificuldades econômicas. Tais práticas não apenas enriqueceram a experiência formativa dos discentes, como também produziram resultados significativos em relação ao propósito fundamental do trabalho, qual seja, possibilitar que os alunos se reconhecessem como agentes ativos na sociedade e sujeitos construtores de suas próprias identidades.”

Além disso, durante as aulas do curso do mestrado profissional em História, fizemos leituras do livro “A Identidade Cultural na Pós-modernidade” de Stuart Hall (1992), em seu primeiro capítulo a questão da identidade está sendo amplamente discutida na teoria social. Segundo o autor “as velhas identidades” que por tanto tempo estabilizaram o mundo social estão em declínio, fizeram surgir “novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno”, ou seja, até aqui aceito como um sujeito unificado. Então, a chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e procedimentos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referências que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

[...] Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar ao menos temporariamente (Hall, 2006, p.13).

A Construção dessa identidade inicia-se do zero, porém, todos atravessamos a vida reestruturando a nossa identidade. Assim, lembrando que o objeto desse estudo é o “gênero musical Rap como contribuinte de construções identitárias” e considerando meu objetivo, pensá-lo

enquanto contribuidor para formação identitária dos estudantes do ensino médio na Escola Estadual São João Batista (Bujari-AC, 2023). Nesse viés, para compreender meu problema norteador como uma busca de integrar a decolonialidade curricular no ensino de História através do Hip-hop e do Rap, anoro-me em Gomes (2012) e Lima (2023). Utilizando-as para questionar o etnocentrismo enquanto influenciador do currículo, muitas vezes excluindo os saberes e a cultura dos povos locais. Sendo assim, a problemática de como superar essa exclusão e integrar a cultura do Hip-hop e do Rap no ensino do componente curricular de História para colaborar à formação identitária dos estudantes, faz com que o presente texto esteja organizado em três capítulos.

O primeiro capítulo apresenta, conforme previsto no manual de redação de dissertações do Mestrado Profissional em História, que é “a incorporação de estudos e debates recentes sobre os temas abordados”. Nesse sentido, denominado de “A Vida É Um Desafio de Racionais Mc's”, uma letra do grupo que aborda a temática, os quais fazem uma introdução no programa 1000 Trutas 1000 Tretas, no ponto em que se afirma:

Tem que acreditar  
Desde cedo a mãe da gente fala assim:  
filho, por você ser preto, você tem que ser duas vezes melhor.  
Aí passado alguns anos eu pensei:  
como fazer duas vezes melhor,  
se você está pelo menos cem vezes atrasado...  
Pela escravidão, pelo preconceito, pela história,  
pelos traumas, pelas psicoses, por tudo que aconteceu?  
Ser duas vezes melhor como?  
Você é o melhor ou é o pior de uma vez.  
Sempre foi assim.  
Se você vai escolher o que estiver mais  
perto de você ou o que estiver dentro da sua  
realidade, você vai ser duas vezes melhor como?  
Quem inventou isso aí?  
Quem foi o pilantra que inventou isso aí?  
*Racionais MC's 2002*

O segundo capítulo apresenta um quadro teórico baseado nas dissertações publicadas no banco de dados do Profhistória, com foco na “criticidade em termos de conhecimento e práticas acumuladas na área”. Em síntese, para desenvolver essa “criticidade”, será considerado o que foi produzido no programa sobre Ensino de História, Rap, Hip Hop, Cultura, Identidade e Autoidentificação.

Nesse contexto, destaca-se no terceiro capítulo a possibilidade “de produção e atuação na área do Ensino de História que contribuam para o avanço dos debates e a melhoria das práticas do profissional de História dentro e/ou fora da sala de aula”, faço o relato da elaboração do projeto de oficina, sua execução, seus resultados

aferidos através das memórias fotográficas, dialogando com o preenchimento de formulário de pesquisa e meu diário de campo com narrações e reflexões sobre a oficina de Rap. Portanto, compreendendo que a oficina e seus resultados dialogam com a Crua/AC.

## I. A VIDA É UM DESAFIO

A priori, este capítulo traz um rápido diálogo com categorias como Identidade, Autoidentificação, relação entre o Rap e Ensino de História, bem como a posituação da História e Cultura Africana e Afro-brasileira de modo que seja possível compreender, neste comento, a releitura de autores e obras com as quais construí minhas discussões. Ao explorar temáticas pertinentes ao Ensino de História, com ênfase nas dinâmicas históricas e culturais que permeiam o cotidiano dos adolescentes, toma-se como referência o conjunto de atividades por mim desenvolvidas no âmbito da prática docente, junto à turma do 1º ano “D” da escola-campo. Nesse sentido, tendo como cerne a contribuição das músicas, do gênero Rap para o Ensino de História e a promoção da Educação Para as Relações Étnico-Raciais, possuindo como foco a História e Cultura Africana e afro-brasileira, igualmente considerando a formação individual de cada aluno.

Assim, inicia-se com uma breve contextualização do Rap enquanto ferramenta educacional, ressaltando sua relevância para o Ensino de História e para a formação identitária de jovens negros. Em seguida, aprofunda-se a discussão acerca do processo de construção identitária na adolescência, examinando as contribuições de autores que abordam a influência do Rap, empregado como um dos elementos constitutivos da oficina, nesse processo formativo. Por aqui se apresenta, sem pretensões de esgotar o fôlego de análise, a revisão crítica dos estudos e discussões recentes que abordam os temas selecionados. Em linhas gerais, ao pensar literatura e prática do Ensino de História com o Rap como ferramenta educacional:

O rap transforma tanto na leitura de mundo que ele possibilita quanto na produção de características diferenciadas para fazê-lo. Por exemplo, na rima improvisada, você tem que ler o que está à sua volta para captar elementos construí-la. Então, com a performance do MC, o microfone se torna uma extensão do corpo e da oralidade: com as gírias, as expressões idiomáticas, onomatopeias, metáforas! São características que ele pode utilizar, mas para isso, tem que ler!” (Leandro Claudino, 2022)<sup>13</sup>

Deste modo, reforçando a minha própria perspectiva de compreensão do mundo enquanto educadora, que se constituiu como tal, a partir também das leituras

---

<sup>13</sup> Cabe dizer que Leandro Claudino é o idealizador da “Favela Library”, que é projeto de bibliotecas comunitárias, constituído por meio do Programa Municipal de Incentivo à Cultura (Promic) em São Paulo. Dados coletados e disponíveis em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-cidadania/ritmo-e-poesia-o-rap-vai-as-escolas-como-ferramenta-pedagogica-3226004e.html?d=1> Acesso: 17 jun. 2024

de seu entorno e do Rap. Corroborando a isto, cabe recordar que na obra “Como usar a música na sala de aula”, de Martins Ferreira (2002), criou-se um guia prático para integrar a música ao processo de ensino-aprendizagem em diversas disciplinas. A partir da efetivação do potencial pedagógico da música, evidencia-se sua capacidade de favorecer a aprendizagem, fomentar a criatividade, promover o desenvolvimento de competências socioemocionais e conferir maior dinamismo e engajamento às práticas educativas.

Sob esse prisma, o autor anteriormente mencionado traz uma perspectiva que se pode explorar diferentes gêneros musicais, devendo buscar por músicas adequadas para cada faixa etária e conteúdo curricular, desde canções infantis até músicas clássicas e populares. No entanto, ao usar o método musical para ampliar ou aprofundar o conhecimento, impõe-se a necessidade de rigor no planejamento das atividades criativas e lúdicas, visto que, sem a devida explicitação de seus propósitos ou sem a coerente integração ao conjunto das práticas pedagógicas, há o risco de que a aula se apresente de forma fragmentada e desarticulada. Com esse propósito, promove-se o apreço pela cultura musical e a capacidade de ouvir com atenção e discernimento, apreciando diferentes estilos musicais.

Tendo isso em mente, cabe perguntar quais as características que permeiam o Ensino de História e suas práticas pedagógicas? Uma vez que esse questionamento está sempre rondando o professor. Nessa linha de pensamento, pensar nas estratégias de ensino visando o desenvolvimento integral do aluno a partir de sua realidade social, fazendo uso de metodologias diversas, entre elas, o gênero musical Rap, como instrumento pedagógico que contribua para formação identitárias dos discentes é o fundamento desta pesquisa. Recordando conforme Ferreira (2002) a música é instrumento poderoso para promover a inclusão em sala de aula, isto porque, pode ser compreensível a todos os alunos, independentemente de suas habilidades ou necessidades especiais.

As contribuições, em meu ponto de vista, mais expressivas, pensando no Ensino de História e Rap como ferramenta educacional, foram encontradas no banco nacional de dissertações do ProfHistória, formando uma base sólida para a análise da oficina em questão. Dessa maneira, a crítica foi conduzida de forma interdisciplinar, através de diálogos entre várias áreas da História, notadamente a História do Brasil, o Ensino de História e a Cultura Africana e Afro-brasileira. Sob essa ótica, a escolha das disciplinas é justificada pela sua importância para a inclusão das dinâmicas educativas e culturais em que convivemos.

De igual modo, compreende-se a sala de aula como um espaço privilegiado para a reflexão acerca da identidade cultural e para a valorização da Cultura Afro-brasileira e Africana, uma vez que a formação individual e coletiva de cada estudante o capacita a tornar-se um agente crítico e transformador do contexto social ao qual pertence. Baseando-se a associação de Ensino de História, nos cabe mencionar Felgueiras:

A empatia está associada à simpatia, à projeção de sentimentos ou, mesmo, à identificação com outros personagens (...). Se empatia for entendida como uma disposição para ter em conta os pontos de vista de grupos que, de um modo diferente de nós, acreditaram, valorizaram e sentiram determinados processos ou eventos, então, podê-la-emos também enquadrar, como alguns pretendem, nas atividades cognitivas. (Felgueiras, 1994, p. 57)

A escola deve ser o ambiente que acolhe a todos, com a sua diversidade sendo um lugar de debate a partir das experiências socioculturais dos alunos e professores, discutindo os saberes abordados nas aulas dos diversos componentes curriculares, buscando a construção de uma sociedade igualitária e, portanto, mais justa, usando estratégias de ensino que possam trabalhar com vários gêneros textuais, entre eles, as letras das músicas de Rap, como ferramenta de conhecimento da realidade do povo negro brasileiro e suas lutas.

Se a escola é, por excelência, o lugar do diálogo entre os saberes que circulam na cultura ampla da sociedade, ela dialoga não só com a academia, mas com as obras de artistas plásticos produzida em diferentes temporalidades, com fotografias, com os filmes, com os canais de TV fechada especializados em História que tanto instigam a curiosidade dos alunos e dialoga também com canções de diversos estilos e gêneros produzidas ao longo do tempo e que estão presentes na vida do aluno através do rádio, da internet, da televisão, ETC (Silva, 2016, p.15).

Considerando o Profhistória-UFAC não foi encontrado nenhum trabalho sobre o Ensino de História e Rap, contudo, na turma de 2020, tem-se uma dissertação abordando o uso do samba enredo da Mangueira de 2019, o qual foi denominado “histórias para ninar gente grande” e ainda outra dissertação dialogando com pontos de Umbanda. Além disso, sobre o Rap foram encontrados dissertações que abordam a temática, no Programa de pós-graduação em letras: linguagens e identidades mais duas dissertações correlacionada ao Rap no Acre.

No âmbito do Profhistória-UFAC, encontra-se a dissertação de Ana Cláudia de Oliveira (2019), em que ela discute o samba como linguagem criativa para o Ensino de História, destacando como o enredo do Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira do ano de 2019, “História para ninar gente grande”, configurou-se como uma narrativa que trouxe à tona a história de indígenas, negros e

mulheres, grupos frequentemente silenciados pela história tradicional, marcada pelo colonialismo, eurocentrismo e racismo. Essa abordagem, nesse sentido, possibilita trabalhar a crítica decolonial na construção de histórias plurais e insurgentes.

Ademais, por meio de uma pesquisa exploratória, bibliográfica e da pesquisa-ação educacional, foi possível discutir a relação do samba com a Cultura e História do Brasil e sua importância como recurso didático na construção de novas narrativas. O roteiro de aprendizagem desenvolvido com o *Sway*, utilizado como recurso didático em sala de aula, facilitou a aprendizagem ao apoiar o desenvolvimento de atividades extraclasse, a revisão de conteúdos e o aprofundamento de temas, orientando os estudantes a compreender fatos históricos sob uma perspectiva intercultural e decolonial.

Além disso, os dados decoloniais presentes no samba-enredo são observáveis desde suas origens no final do século XIX e início do século XX, no contexto das escolas de samba do Rio de Janeiro. Nesse período, a produção do samba estava profundamente conectada à cultura negra e ao carnaval, uma das poucas ocasiões em que negros e as classes populares podiam se expressar livremente e celebrar suas tradições. Desse modo, as letras e melodias carregam forte influência das músicas africanas, especialmente na percussão e no ritmo característicos. Além disso, o samba-enredo frequentemente aborda temas relacionados à cultura e história africana, valorizando e destacando sua importância das raízes africanas na cultura brasileira.

Em seguida tem-se a acadêmica Thays Lima Cavalcante, a qual desenvolveu a dissertação denominada 'Ecos Ancestrais da Umbanda nos Entre Diálogos de Tambores no Ensino de História' (Rio Branco – AC, 2010 a 2020), e sua pesquisa se propõe a estudar a história da religiosidade umbandista em Rio Branco, Acre. Trata-se, então, de uma pesquisa qualitativa que utiliza fontes documentais, como os referenciais curriculares CRUA (2010), e conceitos fundamentais, como decolonialidade, que facilita as lutas contra a colonialidade através das pessoas, suas práticas sociais, epistêmicas e políticas, e ancestralidade, entendida como uma realidade viva e multiforme que conecta passado e presente, emergindo como um contínuo.

Ademais, a escrita realizada pela autora revelou que os Pontos Cantados de Umbanda, além de expressões musicais, são importantes fontes históricas. As pedagogias dos terreiros, presentes nesses cantos, promovem um diálogo entre o passado e o presente, conectando-se profundamente com a história local. Ao analisar os Pontos Cantados sob essa ótica, é possível compreender como eles narram

memórias e ressignificam a história e a identidade da população negra brasileira.

O objetivo, logo, é desconstruir a visão eurocêntrica da história presente nos livros didáticos, questionando seus conteúdos e buscando outras fontes, como os Pontos Cantados de Umbanda, para compreender a história a partir da perspectiva dos negros brasileiros.

Ademais, valendo o destaque para o PPGLI-UFAC, é perceptível a escrita de Maria Jucilandia Vanderlei Cavalcante (2017) e Jorge Neto Nobre (2018), O MC Spartacus, o qual uso no decorrer do deste texto, citações suas.

Para Cavalcante (2017), o qual fez uma pesquisa no campo da Lexicologia, que para Biderman, (2001b, p. 16), a Lexicologia “[...] tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico [...]. que tinha como objetivo, conhecer os neologismos/gírias presentes nas letras de música do gênero *rap*: *Chico dos Chicos* da banda Yaconawas, *Cotidiano* da banda Zona IX e *Noite na quebrada*, da banda Kalibre 12 para tecer uma discussão de natureza gramatical e semântica desses neologismos. Em seu texto, ela traz uma contextualização no capítulo três do histórico do Rap do Acre, denominado de Das ruas do *Bronx* para o Acre: uma breve história do Hip Hop.

Em sua escrita, Cavalcante (2017) efetuou uma análise que é bastante pertinente. As letras de rap realmente servem como uma forma de expressão e resistência, utilizando a gíria e a linguagem informal para transmitir a realidade das periferias e chamar a atenção para questões sociais urgentes. Em vez de apenas ofender, os rappers usam essa linguagem para provocar reflexões e incômodos, destacando problemas que muitas vezes são ignorados pela sociedade como um todo.

Essa abordagem, todavia, não só amplifica vozes marginalizadas, mas também promove um diálogo importante sobre mudanças necessárias para melhorar a sociedade como um todo. Portanto, é um lembrete de que a arte, em suas diversas formas, pode ser um catalisador para a transformação social.

Em linhas gerais, compreendendo a escola como esfera de diálogo sobre o conhecimento do meio social, deve-se trabalhar as diversas produções culturais para aproximar os conteúdos à realidade dos alunos, trazer os saberes a partir de estratégias de ensino que chame a atenção dos discentes, tornando a aula mais dinâmica e eficaz. O uso da música pode proporcionar o desenvolvimento do ensino e aprendizagem mais prazerosos, trabalhando as habilidades artísticas, culturais, sociais, bem como as habilidades emocionais dos alunos, sejam eles negros ou brancos. O Currículo de Referência Único do Acre (CRUA-2010), a partir da

observância da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) que versa pelo protagonismo juvenil através do “uso da linguagem corporal, artística e verbal, tornando os jovens críticos, criativos e éticos em suas ações”, traz a possibilidade dessa abordagem diferenciada:

O Currículo de Referência Único do Acre é um documento recente, que assim como os demais currículos dos outros Estados de nossa Federação, foi pensado, organizado e produzido a partir das orientações da BNCC. O CRUA é de 2018, e está sendo implantado na rede estadual desde o ano de 2020, pois 2019 foi o ano de estudo do mesmo, por parte da SEE, das equipes gestoras e dos professores. BARROS,20P. 84

O CRUA-2010 pretende, assim, atender às necessidades didático-pedagógicas dos jovens, através do fortalecimento do protagonismo juvenil como ferramenta de fortalecimento dos seus projetos de vida e desafios variados, tanto de ordem prática quanto de concepção político-pedagógica, principalmente no que diz respeito à definição da proposta de formação de cidadãos conscientes e comprometidos com valores humanos e sociais, possibilitando aos estudantes mecanismos que possam potencializar seu ensino e aprendizagem (Acre, 2020, p.51).

Ao considerar a possibilidade de trabalho das disciplinas de humanas e suas tecnologias do Ensino Médio, cabe-me recordar Paulo Freire (1987) quanto “*a educação não é um ato de depositar conhecimento, mas um processo de construção do saber.*” De tal modo, não se pode esquecer do papel ativo do aluno no processo de aprendizagem, alinhando-se com a proposta de utilizar o Rap como ferramenta educacional. Então, ao invés de transmitir conhecimento de forma passiva, que é objeto frequente de nossos comentários negativos, incentiva-se a reflexão crítica, a construção de conhecimentos próprios e a expressão individual dos alunos.

Nesse contexto, buscando nas raízes do discurso antirracista do Rap brasileiro, podem ser traçadas de volta à luta mais ampla pela identidade e reconhecimento do povo negro no país. O movimento negro, uma vez que impulsionado pelo ativismo de organizações como o Movimento Negro Unificado (MNU), ganhou força nas décadas de 1970 e 1980, o que exigiu o fim da discriminação racial e defendeu o empoderamento negro (Pereira, 2013).

Nesse sentido, o Rap, em virtude de sua potência discursiva e, por vezes, caráter incisivo, evidenciou-se como um instrumento de significativa relevância para a expressão das demandas sociais e para o questionamento das narrativas hegemônicas de superioridade racial de matriz eurocêntrica. Assim, tal manifestação artística configura-se como um meio de amplificação das vozes reivindicatórias das populações negras, utilizando-se da música como ferramenta de denúncia e reflexão

acerca das realidades históricas e persistentes do racismo estrutural na sociedade brasileira.

Portanto, suas músicas exploravam temas como preconceito racial, brutalidade policial e a falta de oportunidades enfrentadas pelas comunidades negras. Assim, eles falaram da dor de serem estereotipados e marginalizados, e exigiram direitos iguais e reconhecimento. Paralelamente, canções também ressoaram profundamente no público negro, proporcionando um senso de validação e resistência coletiva.

Nos ambientes educacionais, entretanto, enfrentamos desafios ao ensinar devido a diversos fatores. Assim, a música, como elemento lúdico, pode ser uma aliada na relação entre ensino e aprendizagem. Acontece que ela não apenas trabalha as habilidades linguísticas e os componentes do sistema educacional, como também promove interação, motivação e cria uma atmosfera de aprendizado mais agradável e descontraída.

Além disso, a música é uma linguagem universal, acessível a professores e estudantes, independentemente de sua habilidade técnica musical. De tal modo, ela pode ser utilizada como recurso didático para apresentar conteúdos programáticos, especialmente no ensino de história, evidenciando como a canção pode influenciar o ser humano de forma física e mental, contribuindo para a harmonia pessoal e facilitando a integração entre professor e aluno, bem como entre os próprios alunos.

Outrossim, a relevância do Rap no contexto do Ensino de História mostrou-se ainda mais evidente no decorrer desta pesquisa, especialmente a partir do levantamento de dissertações que abordam a referida temática. As composições de caráter reflexivo revelam-se como recursos pedagógicos de notável potencial, favorecendo tanto o desenvolvimento acadêmico quanto o emocional dos discentes. Todavia, cumpre destacar, neste ponto, a ênfase atribuída à utilização do Rap em sala de aula, com vistas à potencialização do aproveitamento dos conteúdos programáticos e à ampliação das práticas educativas. Logo, para Freire (1921), a educação pode ser compreendida como um processo de construção do conhecimento. Já a escola é considerada um espaço onde se estabelecem bases para possíveis mudanças sociais. Ou seja, esse método de ensino contribuiu para alterações no modelo educacional brasileiro.

Ao analisar o contexto educacional brasileiro, observa-se uma ruptura com a concepção tradicional de ensino entendida como simples transmissão de informações. A priori, defende-se um processo educativo pautado na participação ativa do sujeito e na construção crítica do conhecimento, em consonância com uma perspectiva

emancipatória da aprendizagem. O discente não deve ser compreendido como um mero receptor passivo do conhecimento, mas como um sujeito ativo no processo educativo, capaz de interagir criticamente com o saber, articulando-o às suas vivências e ao contexto social em que está inserido. Destacando o papel central da educação na luta por uma sociedade mais justa e igualitária, a escola não deve ser um espaço neutro, mas sim um campo de batalha de ideias, onde os alunos desenvolvem consciência crítica e se engajam na busca por mudanças sociais.

Neste sentido, considerando as experiências prévias do discente e da docente, tendo em vista o Rap como ferramenta, cabe então mencionar como críticas sociais as letras de Racionais MC's em seu álbum seminal "Raça Negra" (1993) considerado um marco no Rap brasileiro, confrontando corajosamente o racismo e a desigualdade social. Se inserindo neste rol Emicida com seu álbum de estreia "O Retrato de um Homem Torto" (2008), em que explora temas de raça, classe e identidade com profundidade poética e intensidade lírica. Além de Facção Central, cujas músicas em diversos momentos de sua obra, foram caracterizadas por seu estilo cru e confrontacional, aborda diretamente a brutalidade policial e a violência enfrentada pelas comunidades negras.

Nessas mensagens antirracistas que foram base para a oficina, se buscou a construção de uma autoidentificação, pois desde os Racionais MC's como pioneiros do Rap nacional, até hoje ainda continuam a ressoar as críticas sociais e, sobretudo, ao racismo, inspirando novas gerações de artistas e ativistas a desafiá-lo e lutar pela justiça social. Assim, suas músicas servem como testemunhos do poder da arte para transformar a sociedade. A influência do Hip-hop americano e seu discurso antirracista no Rap brasileiro são fundamentais para o papel do Rap na promoção da consciência negra e do orgulho cultural. A luta contínua contra o racismo no Brasil e a relevância constante no Rap como ferramenta de resistência.

O potencial transformador do Rap na educação histórica reside em sua capacidade de conectar os alunos ao passado, presente e futuro. Ao usar o Rap como instrumento para explorar identidades, resistências e herança cultural, pode-se capacitar os alunos a se tornarem cidadãos críticos, engajados e agentes de mudança positiva. "A identidade não é algo que tenha uma essência fixa e imutável, mas sim que está continuamente em processo de ser feita e refeita" (Hall, 1990). Destacando a natureza dinâmica e fluida da identidade, que se alinha à maneira como as músicas do Rap refletem e desafiam as noções em evolução buscando aceitação. Desse modo, como Nilma Lino Gomes (2023) aborda que a formação da identidade da

criança e do adolescente negro nos espaços educativos é um processo complexo, e profundamente influenciado por dinâmicas sociais, culturais e históricas. Ou seja, enfatizando que a escola cumpre um papel fundamental nesse processo, podendo tanto desestimular preconceitos, como atuar como um espaço de resistência e valorização da identidade negra.

Além disso, o gênero musical do Rap se destaca por sua capacidade de desafiar as narrativas históricas tradicionais e promover perspectivas alternativas sobre a formação da identidade. Através de suas letras, alguns artistas de Rap reinterpretam eventos históricos. Todavia, as narrativas históricas tradicionais, muitas vezes escritas por membros da elite dominante, tendem a privilegiar seus aspectos e minimizar ou silenciar as experiências de grupos marginalizados. O Rap, em contraste, oferece uma plataforma para desafiar essas narrativas hegemônicas e apresentar histórias alternativas.

O Rap, já em sua origem nas comunidades afro-americanas e latino-americanas, se consolidou como um intenso instrumento de expressão social e política. Esse estilo é mais do que simples passatempo, as letras transcendem a superficialidade, construindo narrativas complexas e com significado que contradiz o sistema atual e seus pontos de utopia.

Sob esse primas, a busca pela riqueza na verdade é a concentração de riqueza, ou seja, a crítica ao controle desta nas mãos de uma minoria, enquanto a maioria da população enfrenta pobreza, fome e a falta de acesso a direitos básicos, a exemplo a saúde, lazer. Outro tema constante é a exploração do trabalhador através de longas jornadas de trabalho, baixos salários e precárias condições de trabalho. Tal tema enfatiza as desigualdades de oportunidades, como o acesso e permanência à educação, saúde e outros serviços essenciais, condicionando-os à renda e classe social. Também dialogando sobre o racismo ambiental, com a procura desenfreada pelo lucro, que gera impactos ambientais devastadores, como poluição, desmatamento e mudanças climáticas, como também as lutas e as esperanças de um povo. Portanto, através da rima e da poesia urbana, o Rap ecoa as demandas das populações negras marginalizadas, denuncia as injustiças e desigualdades, e inspira a reflexão crítica sobre os rumos da sociedade.

Ao analisarmos as composições do gênero Rap que versam sobre temáticas históricas e sociais, adentramos uma jornada profunda e transformadora. Cada estrofe converte-se em uma porta de acesso a distintas realidades, convidando-nos a compreender as singularidades do processo histórico, as múltiplas expressões das

desigualdades e a potência das resistências construídas pelas comunidades populares brasileiras.

As letras do Rap frequentemente revisitam eventos históricos sob uma ótica alternativa, desafiando as narrativas tradicionais contadas pelos vencedores. Observa-se, nessas produções, o que a historiografia contemporânea denomina de perspectiva decolonial — uma forma de narrativa histórica elaborada a partir do olhar dos sujeitos historicamente colonizados, em contraposição ao discurso hegemônico produzido pelos colonizadores. Através da voz dos artistas, somos confrontados com perspectivas marginalizadas, com histórias silenciadas pelos livros oficiais (Nobre, 2018).

Assim, o Rap é entendido como estilo hostilizado pela elite, tendo em vista que ele se torna uma voz audível e implacável da sociedade marginalizada, expondo as feridas sociais que muitas vezes são ignoradas ou minimizadas. As letras fazem uma denúncia da pobreza, fome, do racismo, da discriminação e a falta de oportunidades que assolam grande parte da população. Embora as duras realidades retratadas, o Rap também é um hino à resistência e à esperança. Logo, as letras e rimas celebram a cultura ancestral, periférica, a luta por justiça social e o sonho de um mundo mais justo e igualitário, de tal modo colaborando à construção identitária positivada das populações negras.

No que se refere ao estudarmos as letras de músicas do Rap que abordam temas históricos e sociais, somos chamados a uma reflexão profunda e crítica sobre o mundo em que vivemos. Encontramos, então, na batida pesada do Rap, as vozes dos “manos” e “manas” a ecoarem, desafiando o poder e as desigualdades; Com rimas afiadas e “poesia de rua”, o Rap se torna um instrumento de poder para transformar a sociedade e construir um mundo mais humano, isto é, “um mundo mais massa”. Simultaneamente, a identidade se constrói na batida, na autoafirmação, “no corre”, no reconhecimento da nossa história e cultura “da nossa parada”. O RAP como “Somos a voz da periferia, o grito do gueto, a força que move o mundo!”

A resistência que não se cansa, a esperança que não se apaga, o futuro que se aproxima, “o futuro que tá na palma da nossa mão”. Com orgulho da nossa negritude, lutamos pelos nossos direitos, sem nos calar diante da injustiça, “sem abaixar a cabeça”. Somos a prova de que podemos vencer, a esperança de um futuro melhor! Rap é luta, é resistência, é identidade! É a voz do povo que não se submete, é a força que move a mudança “que faz o mundo girar”. Rap é a nossa arma, a nossa voz, a nossa identidade! E é a força que nos incentiva na luta por um futuro melhor

"um futuro mais bão"! E aqui ousou-me a fugir da escrita acadêmica tradicional, ao tentar também fazer minhas rimas.

Assim como identificamos na letra "Eu Sou..." presente no álbum "Nada Como Um Dia Após O Outro Dia De Racionais MC's -2002 - 21 músicas", em que se celebra a identidade negra e a cultura afro-brasileira, os Racionais MC's cantam sobre o orgulho de ser negro e a importância de valorizar a própria história e cultura. Suas músicas se configuram como um hino à identidade negra e à resistência cultural afro-brasileira. Em uma análise, utilizando-se de Stuart Hall, sobre identidade e representação, pode-se expor as camadas de significado que têm a letra e se envolver com a música, e perceber a contribuição dela para a construção de uma identidade positiva e empoderada. Tratando-se, desta forma, da identidade social e de si mesmo, tanto como eles se veem perante o mundo, como em qual grupo social eles se colocam como pertencentes.

Em Stuart Hall me embaso ao considerar, que propõe a identidade como não fixa e essencial, mas sim uma construção social dinâmica e fluída, moldada por falas, representações e relações de poder. Assim, ao pensar sobre a música "Eu Sou", observa-se a provocação da noção de uma identidade negra única e homogênea, reconhecendo a diversidade da experiência negra no Brasil. A letra (Eu sou) exalta a multiplicidade de vozes, culturas e vivências que compõem a comunidade afro-brasileira, combatendo os estereótipos<sup>1</sup> e visões simplistas da negritude. Em diversas passagens das músicas vemos rimas que exemplificam essas ideias em frases como: "Sou preto retinto, sou mulato, sou cafuzo, sou crioulo", "Sou filho da senzala, sou neto de quilombo", "Sou a voz da periferia, sou o grito do gueto".

Segundo Hall (2006), existe uma importância da resistência cultural como forma de combater a hegemonia dos discursos dominantes e construir representações alternativas. Recordando-o ao analisar trechos de "Eu Sou" se configura a letra como um ato de resistência cultural, pois subverte as narrativas racistas que marginalizam e desumanizam a população negra. Observa-se, então, nos versos "Sou a força que move o mundo, sou a base da pirâmide", "Sou a resistência que não se cansa, sou a esperança que não se apaga", "Sou o futuro que se aproxima, sou a mudança que

---

NOTAS DA AUTORA: O estereótipo é um amplificador que constitui "uma conexão entre representação, diferença e poder" (Hall, 2016, p. 193). Mesmo havendo disposição positiva em estabelecer as representações, não se conseguem desviar-se do peso poderoso do estereótipo e, por isso, as campanhas inclusivas, a história que valoriza, essas perdem em cheio para as produções cinematográfica do século anterior, que representou pessoas negras de forma, a "algumas características simplificadas, redutoras e essencializadas" (Hall, 2016, p.174). Hall propõe que os estereótipos se referem ao que é imaginado em fantasia (p. 200). O imaginário é estimulado pela visão, por isso os estereótipos são, a primeira impressão.

ninguém impede". Música do álbum Nada Como Um Dia Após Outro Dia De Racionais MC's - 2002 - 21 músicas- 2002.

Sob esse prisma, é através da afirmação positiva da identidade negra e da cultura afro-brasileira, que os Racionais MC's desafiaram a hegemonia do discurso branco e até hoje constroem contra a narrativa decolonial influente e intensa. Ainda que ao afirmar isso corra o risco do anacronismo, me baseio na ideia de que a contestação e resistência ao eurocentrismo antecedeu a formação do conceito de “decolonial”, pois o somos há mais de quinhentos anos, ao passo que o conceito seja relativamente recente. Para essa interpretação, me baseio no artigo de Gaudio e Passos (2021), ao escreverem sobre “decolonialidade e relações raciais” tomando como foco de análise o “Ensino de História no currículo do curso de Pedagogia da UFRGS” em que alegam:

No Brasil, a luta pela vida e sobrevivência demarcou a história de crianças, jovens, mulheres e homens, negros e negras, num processo por resistir e reexistir ao genocídio e epistemicídio instaurados no processo colonial e atualizados pela colonialidade. Os pensamentos pós-coloniais e decoloniais serão assumidos como um conjunto amplo e heterogêneo de estudos e proposições elaboradas por diferentes áreas e grupos num esforço coletivo de construir referências epistemológicas que contestem os paradigmas estabelecidos pela modernidade. No entanto, evidenciamos em primeiro plano as ações e os movimentos de resistência da população negra, considerando os mais de 500 anos de luta efetuadas por sujeitos e/ou organizações coletivas em diáspora africana. A partir de uma compreensão abrangente desses campos de estudos e não meramente a um recorte temporal, a decolonialidade será admitida a partir do processo histórico de lutas e resistências dos sujeitos afrodiáspóricos (Bernardino, Maldonado, Grosfoguel, 2019).

Sobretudo daqueles/as articulados/as ao Movimento Negro, que atua teórica e politicamente na luta pela igualdade racial, contribuindo para a construção de uma perspectiva decolonial que questiona a subalternização dos conhecimentos produzidos pela população negra e cria estratégias políticas para a descolonização dos currículos. (Gaudio; Passos, 2021, p. 93-94)

Pensando na decolonialidade e considerando a ação do Rap nacional, é preciso pensar na autoidentificação e positividade identitária, considerando a identidade para Hall enquanto também um lugar (seria um estado dentro de um país, onde cada estado representa algo, relacionado a nós humanos e nossas construções) de luta e empoderamento. Ao reconhecer e notabilizar sua identidade negra, o indivíduo se torna agente de sua própria história e passa a lutar por seus direitos e reconhecimento. A música "Eu Sou" funciona como um instrumento de empoderamento para a população negra, pois instiga o orgulho da negritude, a autoafirmação e a luta por uma sociedade mais justa e igualitária. Assim, rimas dessa mesma música seguem essa linha com a ideia de autorreconhecimento e positividade: "Tenho orgulho de ser quem

sou, não vou negar minha cor", "Luto pelos meus direitos, não vou me calar diante da injustiça" e "Eu sou a prova de que podemos vencer, eu sou a esperança de um futuro melhor".

Nesse contexto, analisando a letra de "Eu Sou" dos Racionais MC's, percebe-se que se configura como um manifesto da identidade negra e da resistência cultural afro-brasileira. Sob a perspectiva de Stuart Hall, é possível compreender como a música contribui para a construção de uma essência negra positiva, empoderada e resistente, desafiando as narrativas racistas dominantes e lutando por uma sociedade mais justa e igualitária. Logo, a música se torna um hino de orgulho, resistência e esperança para as populações negras, inspirando a luta por seus direitos e reconhecimento.

Nessa conjuntura, relacionando a construção identitária positivada das populações negras, ao investigar as temáticas do ensino do componente curricular de História e outros segmentos das Humanidades, identifica-se uma conexão com o Colonialismo, pois, artistas de Rap, como Racionais MC's, exploram as atrocidades da escravidão e do colonialismo, vociferando às vítimas e desafiando a narrativa oficial que minimiza seus sofrimentos. Ao passo que o Movimento Negro é referenciado no Rap, que celebra as lutas e conquistas destes, destaca-se o papel crucial da resistência na construção da História. Assim, a identidade Negra no Rap afro-brasileiro celebra a cultura afrodescendente e critica o racismo estrutural, promovendo uma visão positiva da identidade negra.

Para Freire (1921), existe a necessidade de uma formação que não se restrinja a um especialismo estreito e alienante, mas que contemple a compreensão da cultura e de seu papel tanto no processo de libertação quanto na reconstrução nacional. A questão da identidade cultural, cuja defesa não deve implicar na rejeição ingênua das contribuições advindas de outras culturas, constitui-se como um tema fundamental para o desenvolvimento da capacidade crítica dos alunos. Nesse sentido, a escola assume papel essencial na promoção de transformações sociais positivas, ao capacitar os indivíduos a compreenderem e a se engajarem ativamente em sua própria cultura e na construção de uma sociedade mais consciente e participativa. Logo, apegando-me a ele e a seu ideal de protagonismo e criticidade, abordo nesta escrita e busco no banco de dados do programa do Profhistória ao investigar autores que já escreveram sobre o Rap como ferramenta antirracista no Ensino de História.

Em síntese, considerando os aspectos anteriormente expostos, compreende-se que o presente estudo transita entre os campos da Educação para as Relações

Étnico-Raciais, com ênfase específica na História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, articuladas à História do Brasil. Portanto, o trabalho tem por objetivo evidenciar a existência de diálogos interdisciplinares, os quais serão aprofundados nas análises desenvolvidas nos capítulos subsequentes.

## II. MÁGICO DE OZ

Para Pereira e Alberti, na obra *História do movimento negro no Brasil* (2004), os resultados iniciais de um projeto de construção de um banco de entrevistas de história oral sobre o movimento negro brasileira, visou enriquecer o estudo das relações raciais no país ao reunir depoimentos de lideranças negras proeminentes. Tal feito foi uma busca de registro das trajetórias e contribuições dessas figuras em diferentes momentos históricos e incorporar suas perspectivas ao debate sobre a questão racial no Brasil. Desse modo, a criação desse conjunto de fontes contribuiu para a preservação da memória do movimento negro e serviu como referência para a construção de identidades de diversos grupos sociais.

À luz dessa lógica, faço uso de Pereira e Alberti (2004) para falar de Movimento Negro, depois, com aporte em Petronilha Beatriz Gonçalves e outros autores da disciplina optativa “Ensino de História e Educação para as Relações Étnico Raciais” ministrada por minha orientadora no mestrado fazendo menção da legislação nacional Constituição Federal (CF), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais (DCNERE), Estatuto da Igualdade, Lei de Cotas acerca da Igualdade Racial.

Ademais, a Constituição Federal em seu artigo 5º, inciso XLII, estabeleceu o racismo como crime sem fiança e imprescritível. O artigo 205 da Constituição Federal assegura a educação como um direito fundamental, cuja responsabilidade recai tanto sobre o Estado quanto sobre a família. Por sua vez, o artigo 206 estabelece que o ensino fundamental deve ser público e gratuito, enquanto o artigo 208 garante a isonomia de oportunidades educacionais a todos os cidadãos brasileiros. Neste seguimento, então, se reforça a valorização profissional dos educadores no artigo 210; Ao tempo que o artigo 214 ordena a criação de uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC); De tal modo, o parágrafo 1º do artigo 242 da Constituição Federal do Brasil coloca que o ensino da História do Brasil contará com os contributos das distintas culturas e etnias que compuseram a formação do povo brasileiro.

Com base nesse entedimento, permeia-se as Leis 10.639/03 e Lei 11.645/08 se alteram a LDBEN. A primeira Lei determina que o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira é parte constitutiva do currículo de todas as disciplinas, sobretudo de Literatura, História e Educação Artística. Sendo considerado como conteúdo programático “o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional,

resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.” Conforme ficou determinado no artigo 26-A em seus §1º e §2º. Ao mesmo tempo que o artigo 79-B inseriu no calendário letivo o dia 20 de novembro, em alusão a morte de Zumbi dos Palmares, como o dia nacional da Consciência Negra. A isso se somaram novos acréscimos ao artigo 26-A, em função da Lei 11.645/08, adicionando ao §1º e §2º a história e cultura dos povos indígenas.

As DCNERER foram constituídas em 2004, à luz da Lei 10.639/03, todavia recepcionam a Lei 11.645/08, e se tornaram instrumentos pedagógicos e políticos que colaboraram a uma transposição epistemológica e a positivação da história e cultura afro-brasileira e indígena no currículo. Ou seja, situação a qual foi reforçada com a criação do Estatuto da Igualdade Racial (12.228/10) e da Lei de Cotas (12.711/12). Nesse sentido, cabe recordar as reflexões de Montemezzo:

A Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, e passa a vigorar acrescida dos seguintes artigos 26-A, 79-A e 79-B: “Art. 26-A – Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o Ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e passo importante no processo de descolonização dos currículos e um marco nas discussões sobre o ensino das relações étnico-raciais: ela é fruto da luta antirracista dos movimentos negros brasileiros, que ao longo de décadas buscaram o reconhecimento da história negra do nosso país através dos sistemas de ensino formais. (MONTEMEZZO, 2018, p. 22).

Nessa lógica, o panorama cultural contemporâneo é marcado pela massificação em que as fronteiras entre culturas marginais e hegemônicas se tornam mais tênues. As “subculturas”, antes vistas como grupos à margem da sociedade, ganham espaço e audibilidade, desafiando as classificações tradicionais e construindo novas formas de expressão e identidade. Com isso em mente, e interpretando a música como elemento cultural, sobre a perspectiva de cultura negra apoiada em Nilma L. Gomes, correlaciona-se a escritura de Martha Abreu e Matthias Assunção (2017) denominado “Da Cultura popular à cultura negra” que é capítulo da obra “Cultura Negra, novos desafios para os historiadores”, constando no primeiro volume, em foco o movimento Hip Hop e, mais especificamente, o Rap como instrumento do Ensino de História e Educação para as Relações Étnicos Raciais. Então, arrisco a dizer que as múltiplas e fluidas construções identitárias das populações negras no Brasil são permeadas na busca de cidadania e educação. Ou seja, tendo em vista que a história da população negra no Brasil é marcada por lutas, resistência e conquistas.

Outrossim, o movimento Negro brasileiro desempenhou uma ação fundamental na reavaliação do papel dos negros na história. Amílcar Pereira, em sua obra *O Mundo Negro: relações raciais e a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil* (2013), destacou a importância dessa mobilização. O "Dia Nacional da Consciência Negra", celebrado em 20 de novembro, simboliza a luta por igualdade e reconhecimento das conquistas da população negra.

Além disso, a legislação brasileira retrata essa busca por igualdade com o Estatuto da Igualdade Racial (Lei nº 12.288/10), o qual visa garantir oportunidades iguais e combater a discriminação étnica. Ademais, a Lei de Cotas (Lei nº 12.711/12) também estabelece a reserva de vagas para negros (pretos, pardos, quilombolas), indígenas e pessoas com deficiências em instituições de ensino superior e médio federais, além de estabelecer percentual de cotas em concursos públicos. Essas leis, portanto, são marcos importantes na promoção da igualdade racial no Brasil.

Conforme enfatiza Gomes, destaca-se a relevância das ações afirmativas no processo de descolonização do conhecimento, uma vez que tais medidas contribuem para a correção de desigualdades históricas e promovem uma compreensão mais abrangente acerca das culturas afro-brasileira e africana. Logo, o movimento negro desempenhou papel fundamental na luta pela implementação de políticas públicas que valorizassem essas manifestações culturais, a exemplo da Lei nº 10.639/03, que tornou obrigatório o ensino dessas temáticas no âmbito escolar.

No período da Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), houve repressão e violência contra diversos grupos, incluindo negros. A desunião de associações negras, a perseguição a intelectuais e a violência policial afetaram a participação social e política dos negros (Pereira, 2013). No entanto, a resistência também foi marcante e as consequências desse período reverberam até hoje na construção da identidade negra no século XXI. Portanto, percebe-se que a redemocratização trouxe avanços, porém, os desafios persistem.

Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de descobrimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori, é um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (Souza, 1983, p. 77).

Ao citar Souza, compreendo que a formação identitária negra ultrapassa a dimensão da cor da pele, constituindo-se como uma construção histórica e mental marcada pelas opressões vividas pelas populações negras. Nesse contexto, a invisibilização dos negros no Acre exemplifica esse processo, pois, embora a presença negra na Amazônia remonte à ocupação ibérica, consolidou-se em nosso estado o mito da inexistência dessas populações.

Entretanto, Silva (2013), em sua obra *Acre, a Sibéria tropical: destierros para as regiões do Acre em 1904 e 1910*, explica que após a compra do Acre pelo Brasil, a região passou a ser local de degredo dos indesejados, comprovando que os participantes da Revolta da Vacina e da Chibata tiveram como pena o exílio para este local. Desta feita, cabe lembrar que tais pessoas eram em sua maioria pretos e pardos. Ainda desmitificando a inexistência das populações negras, vale mencionar a obra "Negros na Amazônia acreana", do professor Jorge Fernandes (2012), como também a invisibilização e inaudição destes nos livros didáticos do estado do Acre, conforme a dissertação da professora Flávia Rocha (2011).

Além disso, combatendo tal silenciamento, nos ocorre ainda referenciar os inúmeros artigos divulgados na Revista em Favor da Igualdade Racial do Núcleo Afro-brasileiro e Indígenas (NEABI) da UFAC. Para Gomes (2020), distinguir-se em uma identidade significa responder positivamente á "Quem sou eu?" e sentir-se parte de um determinado grupo.

Em um ambiente escolar que favorece o diálogo intercultural, os estudantes negros encontram a oportunidade de desconstruir concepções preconcebidas acerca de sua identidade racial, fortalecendo o sentimento de pertencimento e o orgulho por suas origens. Nesse contexto, a escola assume o papel fundamental de valorizar a autenticidade e a riqueza da cultura negra, contribuindo para o enfrentamento do racismo e da discriminação. Ao reconhecer e afirmar sua negritude, esses alunos desenvolvem um processo mais profundo de autoconhecimento e consciência identitária.

Assim, o Movimento Negro, a legislação e as disputas políticas fizeram com que se adotassem categorias como "raça", "étnico racial", "identidade", segundo Gomes (2005), esses "termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil" foram resinificados e apropriados pela luta. Então, refiro-me ao longo de todo o texto sobre a perspectiva de "identidade", e peço aos meus leitores que a compreendam a partir destas referências.

Considerando tais aspectos, ao me debruçar sobre o banco nacional de

dissertações do Profhistória, tomei como metodologia de triagem alguns títulos que fossem relevantes para o meu trabalho, fazendo um levantamento por temáticas que se relacionam a minha pesquisa, partindo de dissertações com a abordagem sobre o gênero Rap para o Ensino de História. Então, devemos levar nosso leitor a pensar de que modo ocorreu uma exploração a respeito do Rap e como este se insere à vida cotidiana de estudantes negros das escolas públicas, enquanto uma influência poderosa que molda percepções, proporciona conexões e inspira narrativas de resiliência, desafio e superação. Para caracterizar esse quadro, recorreremos a perspectivas de autores e estudiosos que analisaram o impacto do Rap nas vidas da juventude negra, autores esses encontrados no banco nacional do Profhistória.

Nesse viés analítico, a análise foi conduzida de forma interdisciplinar, através de diálogos entre várias áreas da história, especificamente a do Brasil, o Ensino de História e a Cultura Afro-brasileira e Africana. Assim, a escolha das temáticas é justificada pela sua importância para a inclusão das dinâmicas educativas e culturais em que convivemos.

Sendo assim, a formação identitária na adolescência é influenciada por uma variedade de fatores, incluindo aprender sobre o mundo e sobre si. Compreender, portanto, esse momento de uma pessoa, demanda uma construção que vai além de uma simples designação, asserção/entendimento, pois a juventude é uma “mistura” de experiências, perspectivas e valores, os quais todos são moldados pelo contexto em que os jovens estão introduzidos.

No ano de 2017 houve a publicação de Michele Valentim Moraes, cuja dissertação era sobre o tema “*Quais histórias nos contam essas canções? A utilização de canções no ensino de história*”. Este trabalho, então, apresenta uma discussão em torno das possibilidades do emprego das canções nas aulas de história para alunos do período escolar que compreende o Ensino Fundamental II e/ou Ensino Médio. Neste sentido, demonstra-se que já foi pensada a correlação entre Ensino de História e músicas como ferramentas de aprendizagens.

Em 2018, a dissertação de Flávio Braga Mota, sobre o título de “*Afinal, Quem Sou Eu?*”, tratava-se de um convite à reflexão e à autodescoberta. Através da história, o autor propôs questionar crenças limitantes, celebrar a diversidade e construir uma sociedade mais justa e inclusiva. Portanto, a obra de Mota nos inspira a buscar continuamente novas perspectivas, a abraçar a complexa e enriquecedora jornada da construção da identidade.

Uma outra publicação de 2018, que se correlaciona ao tema desta pesquisa é

a dissertação de Laura Ferrari Montemezzo, nomeada de *“Um galho na árvore da música negra: Movimento Hip Hop e Rap no ensino de história e nas relações étnico-raciais da educação básica”*. Em sua escrita, ela utilizou do Rap como uma das manifestações da cultura Hip Hop, surgida no final do século XX nos EUA, fruto da resistência do povo negro e resultante do processo de urbanização para refletir sobre as relações étnico-raciais na escola. Portanto, a pesquisa pretendeu através do Rap, representado por ela como uma manifestação afro diaspórica, compreender a forma com que os estudantes percebem rupturas e continuidades de resistência do povo negro ao longo da história do Brasil, as africanidades e os marcadores da diferença presentes na sociedade brasileira.

No ano de 2019, Pedro Henrique Parente Mesquita, com seu texto intitulado *“Nas batidas dos beats e na cadência do flow: Hip-Hop, ensino de História e identificação racial”*, propôs pesquisar o Ensino de História Afro-brasileira através da cultura Hip-Hop para combater o racismo e promover a identidade racial nos alunos. Apesar da obrigatoriedade da Lei 10.639/03, o tema ainda é tratado de forma superficial na maioria das escolas. A oficina "Hip-Hop, Identidade e História" foi realizada na Escola Estadual de Educação Profissional Dona Creusa do Carmo Rocha em Fortaleza, Ceará. A oficina utilizou a poesia do Rap como fonte histórica para discutir a questão racial e a construção da identidade afro-brasileira.

De acordo com a dissertação de Grazielly Alves Pereira, também do ano de 2019, acerca das *“Resistências afro-brasileiras no ensino de história: a sala de aula e as letras de RAP”*. A autora buscava investigar o potencial das letras de Rap como ferramentas pedagógicas e fontes históricas no Ensino de História. Tendo como objetivo, promover uma integração dos saberes, e valorizar as diferentes perspectivas e experiências da juventude periférica. Assim, as letras do grupo de Rap “Face da Morte” são analisadas enquanto exemplos de como o Rap pode ressignificar o passado e construir novas leituras da História. A pesquisa foi realizada com alunos do 8º em São Paulo; Os resultados demonstram que as letras de Rap podem contribuir para um Ensino de História mais crítico, reflexivo e plural.

Nesse sentido, a mestre do Profnhistória, Pollyana Gurgel Alencar em 2020, em sua pesquisa, se baseou na metodologia pesquisa-ação, e utilizou-se de oficinas didáticas para analisar como as identidades se relacionam com a produção do conhecimento histórico em sala de aula. A partir dessa experiência, foi proposta uma oficina, em que se compreendeu a importância de considerar a relação entre a percepção de identidade dos jovens e a construção do conhecimento histórico no

ambiente escolar. Desse modo, a pesquisa traçou um panorama histórico das transformações no Ensino de História, desde a produção didática até as novas perspectivas pedagógicas. Em seguida, aprofundou-se uma análise através da discussão de conceitos como “identidade”, “memória” e a dinâmica dos grupos sociais juvenis, preparando o terreno para a experiência prática com os alunos. Logo, a autora buscou, através da autorreflexão, proporcionar aos alunos a compreensão do conceito de “identidade” e seu significado individual, explorando a conexão entre a Consciência Histórica e o Ensino de História.

Ademais, Matheus Valduga Martins (2021), em sua dissertação intitulada *“Educação é compromisso, não é viagem”: temáticas para o Ensino de História em álbuns musicais nacionais (2017-2019)*, cria um catálogo de músicas brasileiras de 2017-2019 que se alinha aos temas curriculares de história do Ensino Médio. O catálogo, destinado aos professores de história e humanidades, conecta a música aos principais tópicos históricos. Além disso, apresenta diversos gêneros, principalmente o Rap, e explora temas como justiça social, diversidade cultural, direitos das mulheres, identidade, escravidão e a história indígena. O catálogo e a discussão que o acompanham promovem a música como uma ferramenta valiosa para a educação histórica.

Ainda fazendo referência ao ano de 2021, Carlos Teles de Menezes Júnior, em sua dissertação *“Tem Música na Aula de História”*, propõe um repositório musical virtual para o ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira. Através da música *“Madagascar Olodum”*, do bloco Olodum, o autor apresenta uma oficina-aula que utiliza a música como ferramenta para reflexão e análise crítica da diáspora negra. O repositório reúne diversas músicas com sugestões de atividades para serem utilizadas em sala de aula. Assim, a proposta busca promover uma aprendizagem interdisciplinar e contextualizada, valorizando a cultura afro-brasileira e combatendo o racismo.

Paralelamente, em relação ao tema da identidade, localizei as seguintes dissertações: Com Emanuela de Moraes Silva (2016), o *“Ensino de História em debate: a História da África e cultura afro-brasileira no livro didático e a Escola José Caetano dos Santos na comunidade Quilombola São Vitor – São Raimundo Nonato-PI”*. Usando a Lei 10.639/2003 como base, abrem-se portas para um ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira mais justo e igualitário. Sob essa óptica, este estudo explora como os conceitos de “alteridade”, “diferença” e “identidade” se concretizam na prática, através da análise de diretrizes, coleção didática e memórias da

comunidade quilombola São Vitor. De tal modo, a pesquisa examina a coleção "História nos dias de Hoje", da editora Leya, e a relaciona com a realidade local e as demandas sociais. O objetivo, portanto, é entender como o material didático contribui para uma visão crítica e plural da História Africana e Afro-brasileira. Através de entrevistas com moradores antigos, a pesquisa coleta narrativas que revelam a memória e a identidade cultural da comunidade. Logo, essas narrativas serão compiladas para enriquecer o ensino de História.

Ao retomar-me a um tempo anterior, encontrei a dissertação de Adolfo Eugenio Ferreira Baptista (2016) que pesquisou "*O impacto do estudo da História local na construção da identidade dos alunos da EJA em Nova Iguaçu*". Nessa análise, o objetivo central era analisar como o uso de materiais pedagógicos inovadores, que romperam com o modelo tradicional de memorização, poderiam contribuir para a superação da crise no Ensino de História e para o desenvolvimento da "identidade" dos alunos.

Cabe mencionar, então, que para Rosangela Monteiro Aragão (2019) a qual escreveu sobre o título de "*O Ensino da História Local como instrumento para a construção da identidade e o exercício da cidadania*", cuja problemática era o desinteresse dos alunos pela disciplina de História, com conteúdo descontextualizados e sem conexão ao cotidiano, interpretando enquanto problema recorrente no ensino básico. Para combatê-lo, a proposta utilizava a História Local, Patrimônio Histórico e Cultural e Memória como ferramentas ao despertar o interesse dos estudantes. Além disso, foi elaborado uma Oficina Pedagógica com foco na Segunda Guerra Mundial em Natal, de tal modo que os alunos foram incentivados a pesquisar em diversas fontes sobre temas de sua escolha relacionados ao período histórico. Através da construção de uma narrativa utilizando o material selecionado, os estudantes perceberam que a História é uma construção social e se reconheceram como sujeitos históricos capazes de influenciar a sociedade. Essa abordagem conectava o passado com o presente e tornava a História mais interessante, relevante e engajadora para os alunos, promovendo o desenvolvimento de cidadãos conscientes e participativos.

Além disso, tendo em mente que minha proposta também dialogava com História do Brasil, usei como aporte de reflexão a dissertação de Isabelle Lacerda Coelho (2016) denominada *O "Balaio de Ideias: Axé na Sala de Aula" é um recurso didático inovador para o Ensino Fundamental (6º ao 9º ano)* que visava combater a intolerância religiosa através da valorização da diversidade. O material oferecia uma abordagem lúdica e reflexiva sobre as religiões afro-brasileiras, Candomblé e

Umbanda, dialogando acerca de sua história, cosmovisões e lutas por reconhecimento. Através de atividades, jogos, músicas e outros recursos, o "Balaio de Ideias" promovia o diálogo, a empatia e o senso crítico entre os alunos, contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos com a diversidade.

No mesmo ano, a dissertação de Lorraine Nazário denominada "*A lei e os livros: transformações na produção didática de História após a Lei 10.639/03*" dialogou sobre importância da Lei 10.639/03, que tornou obrigatório o Ensino de História da África e da Cultura Afro-brasileira nas escolas brasileiras. Tal material me ofereceu um rico panorama sobre a relevância da Lei 10.639/03. A autora contextualiza a lei dentro do cenário da redemocratização e da crescente luta por políticas de inclusão social e reparação para grupos historicamente marginalizados. Destacando a Lei 10.639/03 como um marco fundamental na luta contra o racismo estrutural e na promoção da diversidade na educação brasileira. A autora destaca a relevância da lei ao desafiar a hegemonia eurocêntrica e valorizar a herança africana na formação da sociedade brasileira. Em sua pesquisa, analisa duas coleções didáticas de História do Ensino Fundamental, com o objetivo de verificar se os livros apresentam uma abordagem justa e abrangente da cultura e da história afro-brasileira, isenta de estereótipos e preconceitos.

Para Leandro David Cavalcante (2019) em sua dissertação "*A questão das identidades é abordada nas propostas curriculares de história do ensino fundamental, entre 1996 e 2016*". Se fez um histórico a partir da década de 1990, com a nova legislação educacional brasileira, as identidades ganharam destaque nos currículos, com foco em agentes históricos, formação social, identidades políticas, raciais e de gênero. A pesquisa fundamentou-se nos conceitos de identidade e suas formas, conforme Manuel Castells, analisando documentos curriculares nacionais e municipais (São Paulo) e trabalhos de alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Teófilo Benedito Ottoni. Logo, os resultados evidenciaram manifestações de 'identidade' e 'resistência'. A dissertação propõe, assim, uma contribuição para o ensino de História no Ensino Fundamental."

Ao procurar trabalhos específicos sobre Educação das Relações Étnico Raciais (ERER), destaco Odair de Souza (2018) com a dissertação "*A educação para as relações étnico raciais no Ensino de história memórias e experiências de professoras da educação básica*". Tomando por base entrevistas com professores de História do Ensino Médio da Escola Pública Estadual Luiz Carlos Luiz em Garopaba-SC; Essa abordagem permite uma compreensão matizada das perspectivas dos professores,

revelando o profundo impacto de suas próprias experiências com raça e etnia em suas práticas de ensino. Nesse viés, os resultados ressaltam a necessidade urgente de formação continuada de professores e a incorporação de abordagens *decolonias* e interculturais nos programas de formação de professores. Essas medidas são cruciais para promover uma pedagogia crítica e transformadora que aborda com eficácia as complexidades das relações étnico-raciais na sociedade brasileira.

Para José Sandro Celeste (2019) em *“Ensino de história, canção e identidades afro-brasileiras: o Rap como possibilidade”*, se exploram canções de Rap no Ensino de História para promover o ensino das identidades afro-brasileiras. A pesquisa se baseia nas teorias de autores como Marcos Napolitano, Circe Bittencourt, Stuart Hall e Tomás Tadeu da Silva. Essa análise de canções dos Racionais MCs e Criolo demonstra o potencial do Rap como ferramenta para o ensino de história. As canções de Rap podem ser utilizadas para estimular relações identitárias e abordar temas como resistência, empoderamento e diversidade. Portanto, o estudo conclui que a música e a letra das canções de Rap são elementos ricos para o ensino de história e para a construção da identidade afro-brasileira.

Simultaneamente, Rafael Elias de Queiros Ferreira (2019), em sua dissertação, propôs o uso das poesias *“Da rima à raça: narrativa rap e consciência histórica na poesia de Pelé do manifesto”*. A análise das letras das músicas e entrevistas com o autor, aliada à aplicação de um projeto de intervenção pedagógica, demonstra o potencial do Rap. O Rap, isto é, como ferramenta educativa, pode combater o discurso hegemônico na educação brasileira e contribuir para o empoderamento das populações afro-brasileiras.

Em relação ao tema História e Cultura Afro-brasileira, destaco Flávio Braga Mota (2018), em sua dissertação *“Afinal, quem sou eu?” - A potencialidade da história escolar na mediação de saberes e seu papel na reflexão e construção de identidades*, o autor explora o potencial da história escolar na construção da identidade de alunos do 7º e 8º anos da Escola Municipal Jornalista Daniel Piza, no Rio de Janeiro. Através do "método da cartografia" e da pesquisa investigativa, os alunos se aproximaram de conteúdos históricos a partir de suas próprias referências. Temas como a importância dos *griots* na África e a história do Rio de Janeiro no Período Joanino serviram de base para reflexões sobre identidade étnico-racial e social. Assim, o estudo demonstra que a história escolar, quando bem trabalhada, pode ser uma ferramenta poderosa para a mediação de saberes e a construção de identidades mais complexas e autênticas.

O levantamento de dados evidencia a diversidade de pesquisas e publicações sobre identidade e o uso do Rap e da cultura Hip-Hop no Ensino de História e na Educação das Relações Étnico-Raciais. Essas publicações discutem a identidade e o potencial do Rap como ferramenta pedagógica, destacando sua relevância como metodologia ativa e contextualizada para promover um ensino inclusivo e crítico. Demonstra-se como a música e a cultura negra podem ser utilizadas para questionar visões restritas, valorizar a diversidade e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, ao mesmo tempo em que tornam a aprendizagem mais significativa e envolvente. Os autores, docentes em atividade, destacam a importância da formação continuada e de metodologias decoloniais e interculturais para transformar a educação e combater o racismo. Suas pesquisas inspiraram a criação da atividade narrada neste texto, evidenciando o impacto positivo da integração da música e da cultura no ensino e promovendo um ambiente educativo mais inclusivo e reflexivo

Entretanto, minhas pesquisas e referências não se limitaram apenas ao acervo do Profhistória. Tendo em vista que de modo similar investiguei o acervo do Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI), em que destaco o trabalho de Jorge Neto Nobre (2018) e Maria Jucilandia Vanderlei Cavalcante (2017).

A juventude, então, é mais do que uma fase transitória, ela constitui um período de significado próprio, marcado por experiências que moldam a formação do indivíduo. Nesse estágio, os adolescentes estão em processo de autodescoberta, explorando e construindo suas identidades, influenciados pelo ambiente social, pelas experiências vividas e pelas interações com os outros, enquanto buscam compreender o mundo e seu lugar nele."

Ser jovem hoje não é o mesmo que ser jovem há 20 anos. As diferentes juventudes constroem seus espaços, seu modo de vida com base em novas formas de agir e pensar. Assim, questões como sexualidade, meio ambiente, direitos e democracia são colocadas dentro de uma ética global, onde a subjetividade ganha importância, assim como as relações de gênero, as relações com o corpo e as relações entre os indivíduos de uma maneira geral. (Abromovay; Castro; Waiselfisz, 2015, p. 28).

Por esse motivo, é fundamental proporcionar aos jovens um ambiente de apoio, bem como oportunidades que favoreçam seu crescimento e desenvolvimento de maneira saudável e positiva. Isso envolve o acesso a uma educação de qualidade e a espaços seguros para a expressão de opiniões e ideias. Em síntese, a adolescência constitui uma fase complexa e multifacetada da vida, na qual o Rap se insere como

elemento significativo, contribuindo para a construção da identidade e exercendo impacto relevante na formação dos indivíduos.

Durante a pesquisa no banco de dissertação, ao ler as produções já realizadas, “percebo” e identifico a diferença geracional entre ‘eu” e os adolescentes da turma “D”. Então, uso em minha escrita, e usei na oficina o Rap, dos MC’s racionais, enquanto eles me apresentaram outros rappers mais recentes, jovens como eles e com destaque nacional:

A noção de geração remete à ideia de similaridade de experiências e questões dos indivíduos que nasceram num mesmo momento histórico, e que vivem os processos das diferentes fases do ciclo de vida sob os mesmos condicionantes das conjunturas históricas. É esta singularidade que pode também fazer com que a juventude se torne visível e produza interferências como uma categoria social. (Freitas, s/d p. 6)

Ademais, o Rap configura-se como um recurso relevante para o Ensino de História, por estar presente na vida da maioria dos estudantes e contribuir para o desenvolvimento de habilidades e competências. Como expressão das culturas negras, aborda questões sociais e raciais, permitindo identificar elementos pedagógicos nas letras e nas batidas que enriquecem o trabalho educativo. É uma das manifestações da diáspora mais ricas, porque alia elementos de resistência (temas das letras, sonoridade etc) com elementos de ancestralidade africana (a oralidade e a corporeidade), tornando-o assim um estilo musical formidável para compreendermos as pluralidades da cultura negra. “A potencialidade da história escolar na mediação de saberes e seu papel na reflexão e construção de identidades”. (MOTA, 2018, p. 118).

Segundo Conceição (2018), por identidade e pertença, processos de autorreconhecimento e afirmação da identidade negra:

(...) Ao discutir sobre identidade étnico-racial negra no Brasil atual, considerou extremamente pertinente e necessário evidenciar como se deu o processo de construção e afirmação desta identidade (...) o primeiro encontro com a identidade negra, no geral, ocorre do encontro e da antítese com o branco e a branquitude, através de experiências, que de diferentes maneiras impactam a autoestima, impõem conflitos e neuroses; por isso, a sua aceitação não se dá de imediato, mas ao longo de um processo que envolve experiências diversas, desconstruções e construções, encontros e conflitos, externos e subjetivos, ao longo de toda a vida dos sujeitos negros (Conceição, 2018, p.124).

Como podemos nos aproveitar do uso do método histórico no Ensino Básico para refletir acerca da identidade social e étnico-racial destes alunos? Mais do que isso, como fazer com que essas atividades que se utilizam do método histórico não tenham

fim em si mesma? Se assim for, corremos o sério risco de fracassar e, assim, a tradição verbalista não é superada, pois tal qual as tentativas de "renovação" que acabam sendo superficiais se não refletirmos acerca do objetivo delas, o uso do método científico pode cair na mesma superficialidade. Logo, se não houver reflexão sobre seus objetivos, corre-se o risco de perpetuar práticas verbalistas e limitar o desenvolvimento do senso crítico; O ideal é que o uso do método histórico seja meio para alcançar tais objetivos.

No trabalho de Mota, em sua dissertação para a conclusão do Profhistória, nos é mostrado o papel de mediar da escola em relação a construção da identidade do aluno, os conteúdos curriculares e os saberes empírico experimental desses jovens em formação que se une e se formam em suas personalidades. Em busca desta construção identitária, se baseia o meu escrito e o levantamento bibliográfico nos sites do programa.

(...) discutir a importância do Ensino de História como "mediador" entre cultura escolar e saberes discentes, que costumam, para os alunos, ter "mais utilidade" do que o ensinado na escola. "Cultura escolar" e "saberes discentes" não são opostos, já que há pontos de convergência entre os dois, assim como há pontos de tensão. Neste trabalho, veremos que "Cultura escolar" engloba os conteúdos, habilidades e objetivos que são elencados no currículo mínimo de História, bem como seu uso, além da utilização do espaço escolar. (Mota, 2018, p. 21).

Em 2017, Morais publicou *“Quais histórias nos contam essas canções? A utilização de canções no ensino de história”*. O autor aborda as potencialidades da utilização de músicas como ferramenta didática no ensino de História para estudantes do Ensino Fundamental II e Ensino Médio. Para fundamentar essa proposta, ele fez um panorama do diálogo existente entre música e história, bem como discutir o ensino da disciplina e a aplicação de fontes históricas em sala de aula. Percebe-se, assim, uma similaridade com a minha escrita uma metodologia de ensino que incorpora o uso de músicas como registros históricos para estudantes. Isso se deve à necessidade de tornar a disciplina mais acessível aos alunos e facilitar uma compreensão mais profunda do conteúdo abordado em sala de aula, incentivando um processo de exploração e construção do conhecimento histórico de maneira mais crítica e independente. Conclui-se, portanto, com a sugestão de uma atividade prática relacionada ao assunto.

Em mixando a história: possibilidades do uso de canções em oficinas abordando conceitos de tempo com jovens estudantes do ensino médio, Machado (2018) escreve

(...) A motivação da pesquisa é propor uma aplicabilidade alternativa das canções em sala de aula. Metodologicamente a pesquisa foi organizada através de um duplo caminho: por um lado se utilizou da narrativa das canções para desenvolver debates por meio de questões propostas; e por outro, trabalhou com a alteração dos ritmos dessas canções via programas de DJ virtual. As questões problematizadas a partir dos textos das canções suscitaram debates sobre os contrastes entre o que é considerado “velho” e “novo” conseqüentemente nos levando a questões acerca de assuntos como política, sexualidade, relações sociais, entre outras. A pesquisa buscou aproveitar a intimidade e o gosto dos jovens pelas canções e tecnologia e visa contribuir na inovação das metodologias de ensino nas práticas escolares. (...) (MACHADO, 2018, p. 7).

Para a Machado (2018), a música é um idioma expressivo, e tem o poder de transmitir pensamentos e sentimentos de uma pessoa para outra. Através da reflexão da realidade, a mente humana abre caminho para novas formas de memória, imaginação, pensamento e ação. Ao reconhecer a música como uma força intelectual e emocional na comunicação, sociedade e cultura, ela pode não apenas melhorar a interação entre aluno e professor, mas também tornar as aulas de História mais cativantes.

Nesse contexto, a linguagem musical foi representada por canções, que não só aborda a realidade do aluno, como também facilita a compreensão de uma variedade de conceitos históricos. Logo, esse contexto musical permite uma jornada entre passado e presente, rupturas e continuidades, semelhanças e diferenças, e uma dinamização de reflexão sobre o conhecimento histórico.

Assim, acredita-se que ponderar o mundo da criança ou do adolescente não significa, necessariamente, renunciar à precisão intelectual ou ao valor do conhecimento histórico. Em vez disso, percebe-se que é uma garantia de que a aquisição desse conhecimento seja impregnada de sentido e significado, resultando em uma aprendizagem robusta.

Simultaneamente, segue-se aqui a perspectiva de Flávia Rocha (2022), em sua tese intitulada de Práticas Pedagógicas em Educação das Relações Étnico Raciais em escolas do Estado do Acre, então, tomo como referências os enquadramentos conceituais da autora a respeito de Educação Antirracista; EREER e Política de Ações Afirmativas. A Educação Antirracista vai além do Ensino da História e Cultura Afro-brasileira, focando no enfrentamento do racismo de forma mais ampla, dentro e fora do contexto escolar. Essa perspectiva envolve ações contínuas para combater práticas discriminatórias e estigmatizantes, tanto nos conteúdos curriculares quanto nas relações interpessoais. Porém, a proposta não é apenas ensinar sobre as desigualdades raciais, mas sim criar estratégias que ajudem a transformar a prática

pedagógica, desafiando estereótipos e a estrutura racista que permeiam a sociedade brasileira. Portanto, o objetivo da educação antirracista é criar um ambiente que respeite e valorize todas as identidades, e cabe lembrar que esta antecede a Educação das Relações Étnico-Raciais.

Ademais, a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) é estabelecida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (DCNERER/2004), a qual busca promover uma educação que valorize e respeite as diferentes identidades étnico-raciais no Brasil. Essa educação se concentra na implementação de práticas pedagógicas que apoiam a importância da História e da Cultura Africana e Afro-brasileira, abordando as relações étnico-raciais de forma crítica e reflexiva. Nesse viés, tal abordagem visa não apenas a inclusão desses conteúdos no currículo escolar, mas também a promoção de um ambiente educacional que combate a discriminação racial e que favoreça o reconhecimento das contribuições dos povos africanos e seus descendentes para a formação social e cultural do Brasil.

Considerando as Políticas de Ações Afirmativas, observa-se que sua consolidação ganhou maior impulso a partir da III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e Intolerâncias Correlatas, realizada entre 31 de agosto e 7 de setembro de 2001, em Durban, na África do Sul. Compreende-se, então, como Políticas de Ações Afirmativas um conjunto de medidas e estratégias que buscam corrigir as desigualdades históricas enfrentadas por grupos sociais tradicionalmente marginalizados, como a população negra, indígena e outras minorias. Essas políticas buscam assegurar o acesso a oportunidades historicamente negadas, como a entrada e permanência em universidades e no mercado de trabalho. Diferentemente da ERER e da Educação Antirracista, que atuam na esfera formativa, as Ações Afirmativas têm caráter reparador e prático, expressando-se em medidas como cotas, bolsas e programas de capacitação voltados à redução das desigualdades raciais.

Com isso, a autora nos forneceu três conceitos, os quais apesar de distintos, são complementares e essenciais para a constituição de uma sociedade mais igualitária, seja no enfrentamento do racismo ou na promoção de uma educação que respeite e outro. Diante do exposto, conclui-se que este trabalho insere-se no campo da Educação das Relações Étnico-Raciais. Nas letras de Rap, identificam-se afirmações positivas que promovem ações contínuas de enfrentamento às práticas racistas.

### III. VOZ ATIVA

Conforme o roteiro de escrita apresentado na introdução e as orientações do manual de dissertações do ProfHistória, o terceiro capítulo deve contemplar as possibilidades de produção e atuação na área do Ensino de História que contribuam para o avanço dos debates e para o aprimoramento das práticas do profissional de História, tanto dentro quanto fora da sala de aula

Considerando ainda que as ações da oficina já foram executadas, trago aqui, por ora, o relato de sua feitura, ou seja, sua metodologia. Nesse sentido, aponto seus resultados que possuem conversação direta com o Currículo Referência da Única do Estado do Acre (CRUA-2010/AC), acrescido de memórias fotográficas, dados do preenchimento de formulário de pesquisa<sup>14</sup> e de meu diário de campo.

O Currículo de Referência Único do Acre nos rememora a ideia de que os jovens têm a necessidade e a escola tem o dever de lhes ofertar o acesso a meios que garantam uma aprendizagem mais prática e eficiente:

Para formar esses jovens como sujeitos críticos, criativos, autônomos e responsáveis, cabe às escolas de ensino médio do estado, proporcionar experiências e processos que lhes garantam as aprendizagens necessárias para a leitura da realidade, o enfrentamento dos novos desafios da contemporaneidade (sociais, econômicos e ambientais) e a tomada de decisões éticas e fundamentadas.

O mundo deve lhes ser apresentado como campo aberto para investigação e intervenção quanto a seus aspectos políticos, sociais, produtivos, ambientais e culturais, de modo que se sintam estimulados a equacionar e resolver questões legadas pelas gerações anteriores e que se refletem nos contextos atuais, abrindo-se criativamente para o novo. (SEE, 2019.p.21).

Logo, apresenta-se aqui um quadro recorte do CRUA-2010, do primeiro ano do Ensino Médio, o qual ilustra a abordagem pedagógica adotada em sala de aula, especificamente do componente curricular de História.

---

<sup>14</sup> Os formulários constam como apêndices, ao final da dissertação.

FIG.2 Currículo de Referência Único do Acre. Recorte do quadro organizador da área de ciências humanas

**CURRÍCULO DE REFERÊNCIA ÚNICO DO ACRE – ENSINO MÉDIO**

**QUADRO ORGANIZADOR DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS | 1ª SÉRIE**

**Competência específica 1**

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir de procedimentos epistemológicos e científicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente com relação a esses processos e às possíveis relações entre eles.

CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS APLICADAS		
HABILIDADE	COMPONENTE	OBJETO DE CONHECIMENTO
(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.	História	<ul style="list-style-type: none"> <li>História, memória, cultura, identidade e diversidade.</li> <li>Produção do conhecimento histórico.</li> <li>A origem dos povos do Oriente Médio, Ásia, Europa, América e África.</li> </ul>
	Geografia	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ocupação, Etnocentrismo, dominação, colonização e transformação das terras americanas.</li> <li>Os conflitos e disputas por recursos naturais no Brasil e no mundo.</li> <li>As questões ambientais e a degradação da natureza no Brasil e no mundo.</li> </ul>
	Filosofia	<ul style="list-style-type: none"> <li>Filosofia cosmológica: mitologia e filosofia da <i>physis</i>.</li> <li>Condições históricas para o nascimento da filosofia.</li> <li>Filosofia como sementes da ciência antiga.</li> </ul>
	Sociologia	<ul style="list-style-type: none"> <li>Origem da sociologia.</li> <li>Cultura, sociedade, poder e cidadania.</li> <li>O processo de socialização e os aspectos culturais.</li> </ul>

**PROPOSTAS DE ATIVIDADES (COMUM À ÁREA)**

- Atividades utilizando a metodologia Aprendizagem Baseada em Problemas para exercitar a abstração e a conceituação.
- Uso do Método Aquário para exercitar, comparar e argumentar ideias e informações.
- Leitura de textos de filósofos e de outros autores que possam contribuir para a reflexão e aprofundamento dos objetos apresentados.
- Atividades que priorizem a metodologia de Sala de Aula Invertida para exercitar a pesquisa e a produção do conhecimento.
- Atividades que priorizem a pesquisa comparativa de dados e a produção textual, evidenciando o resultado da pesquisa e mostrando pontos de vista diferentes para o mesmo fenômeno.
- Construção de mapas conceituais e mentais para sintetizar ideias.
- Atividades que priorizem os procedimentos de leitura, interpretação e produção textual, utilizando textos impressos, digitais e os de mídias audiovisuais.
- Análise de filmes, documentários, músicas e obras em geral para a ampliação do repertório cultural dos estudantes.

FIG.3 Currículo de Referência Único do Acre. Recorte do quadro organizador da área de ciências humanas

**CURRÍCULO DE REFERÊNCIA ÚNICO DO ACRE – ENSINO MÉDIO**

<ul style="list-style-type: none"> <li>Júri Simulado ou metodologia semelhante que estimule o protagonismo e envolva a pesquisa e a construção de uma linha de pensamento lógico para a defesa de teses e teorias opostas.</li> </ul>		
HABILIDADE	COMPONENTE	OBJETO DE CONHECIMENTO
(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento, etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.	História	<ul style="list-style-type: none"> <li>Navegação portuguesa.</li> <li>Conquista da América.</li> <li>A Colonização portuguesa, inglesa e espanhola na América.</li> <li>O imperialismo europeu na África e na Ásia.</li> </ul>
	Geografia	<ul style="list-style-type: none"> <li>Os aspectos físicos da América.</li> <li>Formação da população e sociedade americana.</li> <li>Características socioeconômicas da América Latina e Anglo-saxônica.</li> </ul>
	Filosofia	<ul style="list-style-type: none"> <li>Teorias éticas - das reflexões gregas ao mundo contemporâneo.</li> <li>Ética e cultura.</li> <li>Etnocentrismo e modernidade.</li> </ul>
	Sociologia	<ul style="list-style-type: none"> <li>Fenômenos do mundo moderno: divisão social do trabalho, especialização, variação moral, coesão social, racionalização.</li> <li>Influência religiosa sobre a vida humana.</li> </ul>
<b>PROPOSTAS DE ATIVIDADES (COMUM À ÁREA)</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>Levantamento de ideias preliminares por meio do brainstorming (tempestade de ideias).</li> <li>Atividades que priorizem os procedimentos de leitura e interpretação para identificar as palavras-chave, as ideias centrais de um texto e analisar pontos de vista diferentes sobre o mesmo fenômeno, situação ou acontecimento.</li> <li>Atividades que priorizem a produção textual com base em temas previamente discutidos em sala de aula.</li> <li>Análise do mapa do continente americano para a identificação e compreensão da divisão socioeconômica entre latinos e anglo-saxões e os casos particulares desta divisão.</li> <li>Atividades que priorizem rodas dialógicas para exercitar a argumentação e a retórica, com o uso de perguntas norteadoras dos temas inerentes aos objetos de estudos das Ciências Sociais e Aplicadas.</li> <li>Pesquisa orientada e apresentação dos seus resultados em forma de trabalho escrito, de acordo com as normas básicas da ABNT.</li> <li>Atividades que apresentem estudos de caso em que os alunos possam identificar visões etnocêntricas.</li> <li>Construção de mapas mentais, fluxogramas e quadros comparativos para identificar e sistematizar ideias.</li> <li>Produção de quadros comparativos para evidenciar e analisar dicotomias.</li> <li>Utilização da metodologia ativa Team Based Learning - TBL (Aprendizado Baseado em Equipe) para propiciar momentos de investigação e análises de dados.</li> <li>Exibição de vídeos para problematizar, a fim de identificar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais como matrizes conceituais hegemônicas, comparando-as à realidade local.</li> <li>Leitura e produção de textos para promover o aprofundamento das temáticas apresentadas.</li> <li>Pesquisa sobre as produções culturais dos bairros onde residem os estudantes e exploração de manifestações culturais locais.</li> </ul>		

FIG. 4 Currículo de Referência Único do Acre. Recorte do quadro organizador da área de ciências humanas

**CURRÍCULO DE REFERÊNCIA ÚNICO DO ACRE – ENSINO MÉDIO**

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Convide a artistas locais ou das proximidades para que desenvolvam oficinas nas quais se possa investigar possíveis talentos na própria escola.</li> <li>• Elaboração de projetos que promovam a valorização e disseminação da cultura local.</li> </ul>		
HABILIDADE	COMPONENTE	OBJETO DE CONHECIMENTO
(EM13CHS104) Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.	História	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cultura greco-romana.</li> <li>• Noções de cidadania e política na Grécia e Roma.</li> <li>• Sociedades do Antigo Oriente Próximo.</li> <li>• Impérios e reinos africanos.</li> <li>• Civilizações pré-colombianas.</li> </ul>
	Geografia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As leis patrimoniais de espaços e produtos nacionais e internacionais.</li> <li>• O patrimônio histórico mundial, nacional e regional.</li> <li>• Traços marcantes da cultura material e imaterial das civilizações pré-colombianas.</li> <li>• Aspectos da geobiodiversidade encontrados no Acre: Os Geoglifos.</li> </ul>
	Filosofia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• A arte como forma de pensamento;</li> <li>• Indústria Cultural - a Escola de Frankfurt.</li> <li>• O belo e o feio na arte.</li> </ul>
	Sociologia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cultura material e imaterial.</li> <li>• Indústria Cultural, ideologia e aculturação.</li> <li>• Acesso à diversidade cultural no Brasil.</li> </ul>
<b>PROPOSTAS DE ATIVIDADES (COMUM À ÁREA)</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gamificação (quiz, trilha, etc.).</li> <li>• Gincanas sobre aspectos do cotidiano influenciados pelas contribuições das sociedades antigas.</li> <li>• Leitura colaborativa de textos que promovam uma reflexão sobre a evolução do patrimônio histórico-cultural.</li> <li>• Pesquisa voltada para o levantamento das contribuições materiais e imateriais da realidade local.</li> <li>• Roda dialógica para identificar a influência do capitalismo na transformação das diversas paisagens e formas de vida.</li> <li>• Exibição e análise de trechos de filmes ou vídeos que propiciem a reflexão sobre a diversidade cultural.</li> <li>• Metodologias baseadas em projetos que explorem as manifestações artísticas que utilizam os recursos tecnológicos como forma de expressão.</li> </ul>		
HABILIDADE	COMPONENTE	OBJETO DE CONHECIMENTO
(EM13CHS105) Identificar, contextualizar e criticar tipologias evolutivas (populações nômades e sedentárias, entre outras) e oposições dicotômicas (cidade/campo, cultura/natureza,	História	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Feudalismo.</li> <li>• Renascimento.</li> <li>• Iluminismo.</li> <li>• Revolução Francesa.</li> <li>• Brasil Colônia.</li> <li>• Sociedade Brasileira no período colonial.</li> </ul>
	Geografia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Comunidades tradicionais e os conflitos pela posse da terra.</li> </ul>

FIG 5. Currículo de Referência Único do Acre. Recorte do quadro organizador da área de ciências humanas

CURRÍCULO DE REFERÊNCIA ÚNICO DO ACRE – ENSINO MÉDIO		
civilizados/bárbaros, razão/emoção, material/virtual, etc.), explicitando suas ambiguidades.		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Brasil: paisagens campo/cidade.</li> <li>• Êxodo rural brasileiro.</li> <li>• Brasil: rural/urbano e suas desigualdades.</li> <li>• Brasil: industrialização tardia.</li> <li>• Aspectos físico-naturais e suas implicações na ocupação e apropriação do relevo.</li> </ul>
	Filosofia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Filosofia helenista.</li> <li>• Séculos das luzes.</li> <li>• Teoria crítica: Montaigne, Rousseau, Kant, Hegel, Marx, Nietzsche, Max Scheler e Sartre.</li> <li>• Banalidade do mal.</li> </ul>
	Sociologia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sociedades primitivas, modernas e contemporâneas.</li> <li>• Trabalho no campo: o tradicional e o uso de novas tecnologias.</li> <li>• Tecnologia, obsolescência e consumo.</li> <li>• Relativismo e etnocentrismo.</li> </ul>
<b>PROPOSTAS DE ATIVIDADES (COMUM À ÁREA)</b>		
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Exibição e análise de filmes, documentários, músicas e obras em geral.</li> <li>• Situação de estudos de caso envolvendo diversos povos e suas culturas em contextos diversos.</li> <li>• Utilização da metodologia ativa Aprendizagem Baseada em Times.</li> <li>• Debates, rodas dialógicas ou estudos de caso sobre visões que consideram os homens de sociedades distintas, tidas como “atrasadas” ou “destituídas” de cultura, sob uma visão reducionista de cultura como elemento elitista, educacional e erudito, em contraposição à ideia de cultura como parte constituinte da realidade humana global.</li> <li>• Situações de aprendizagem baseadas em projetos sobre elementos culturais, políticos e organizacionais de diversos povos.</li> <li>• Construção de mapas conceituais e mentais para sintetizar ideias.</li> </ul>		
HABILIDADE	COMPONENTE	OBJETO DE CONHECIMENTO
(EM13CHS106) Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica, diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais, incluindo as escolares, para se comunicar, acessar e difundir informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.	História	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Diversidade de fontes e linguagens históricas (quadrinhos, cinematográficas, fotografias, canções, depoimentos, charges e etc.).</li> <li>• Iconografia.</li> <li>• As fontes digitais na pesquisa histórica.</li> <li>• Visitas virtuais a museus e patrimônios culturais.</li> <li>• As representações sociais sobre o “outro”.</li> <li>• Visões de mundo, parcialidades, estereótipos e intencionalidades.</li> </ul>
	Geografia	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Globo/Maquetes (escala e curva de nível).</li> <li>• Análise de fotografias aéreas e imagens de satélites.</li> <li>• Coordenadas geográficas.</li> <li>• Fusos horários.</li> <li>• Cartografia: Tabelas, gráficos, mapas, projeções cartográficas e Noções de SIG – Metodologias do Sistemas de Informações Geográficas.</li> </ul>

Paralelamente, utilizou-se, na maioria das aulas, fontes interdisciplinares (textos de outras disciplinas) para apresentar o objeto de conhecimento de forma leve e dinâmica, e a habilidade 101 das Ciências Humanas:

Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficas, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais. (SEE, 2019 p.195)

A pesquisa foi desenvolvida a partir da análise comparativa de distintas fontes e narrativas, contemplando diversas linguagens e a crítica de concepções filosóficas, processos e fenômenos de natureza histórica, geográfica, política, econômica, social, ambiental e cultural.

Tendo a cultura como objeto de conhecimento desta habilidade no componente curricular de História, a qual foi o primeiro conteúdo apresentado à turma, realizaram-se as abordagens costumeiras, ou seja, a exemplo do levantamento de conhecimento prévio. Na sequência do desenvolvimento da aula, adentrou-se a habilidade 102, a saber:

Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, racismo, evolução, modernidade, cooperativismo/desenvolvimento etc.), avaliando criticamente seu significado histórico e comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos. (SEE, 2019 p.195)

Em síntese, feita uma abordagem sobre como o continente africano foi colonizado, levou-se aos alunos a perceberem que lá existiam povos riquíssimos em cultura. Logo, isso nos levou à habilidade 104:

Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço. (SEE, 2019 p.197)

Nessa análise, enfatizou-se a riqueza econômica e cultural dos povos africanos, em que teve-se como objeto de conhecimento os reinos africanos na disciplina de História. Para complementação, foram utilizados textos de Sociologia sobre a cultura imaterial e a diversidade cultural do Brasil.

Com base nas habilidades que se desejava destacar, elaborou-se o planejamento das aulas, por meio do estabelecimento de uma sequência didática transversal para o ano letivo, em conformidade com as quinzenas estipuladas pela Secretaria Estadual de Educação. Assim, selecionei os objetos de conhecimento que também abordavam a temática da identidade. Munido desses elementos, esbocei o plano de ensino que pretendia implementar ao longo de 2023, culminando no projeto finalizado em 20 de novembro de 2023. A partir dele, as sequências foram elaboradas, e utilizadas como base para a oficina. Seguem abaixo, a intervenção pedagógica norteadora da oficina, que perpassava o uso de aulas guiadas por sequências didáticas a fim de sua efetivação.

<b>Interversão Pedagógica</b>			
<b>PROFESSOR(A):</b> RAQUEL DIOMARA DA SILVA	<b>COMPONENTE CURRICULAR:</b> História	<b>ANO/SÉRIE:</b> 1º Ano	<b>TURMAS:</b> "D"
<b>COORDENADOR:</b> Bruna Natália			
<b>OBJETIVOS/CAPACIDADES (Competências amplas do Componente)</b>			

- Conhecer aspectos da História do Movimento Negro Educador como forma de luta em prol da democracia e cidadania das populações afro brasileiras.
- Descobrir suas vozes: Incentivar a expressão de suas ideias e sentimentos de forma autêntica e original.
- Construir um senso de comunidade: Criar um espaço de diálogo e troca, onde os alunos possam se conectar com seus pares e construir um senso de pertencimento.
- Desmistificar estereótipos: Promover a discussão sobre temas como preconceito, discriminação e desigualdade, desafiando os estereótipos e construindo uma sociedade mais justa e igualitária.
- Catalisar a transformação social através da oficina de rap: empoderamento juvenil e construção de equidade;
- Intuito de desenvolver praticas de expressão e comunicação, conectadas aos objetos de conhecimento.
- Aprimorar a escrita criativa: Incentivar a produção de letras de rap, explorando diferentes recursos linguísticos e estéticos.
- Ampliar o vocabulário: Introduzir novos termos e expressões, estimulando a pesquisa e a curiosidade.
- Desenvolver a capacidade de improvisação: Propor atividades que desafiem os participantes a criar rimas e versos de forma espontânea.
- Apreciar a diversidade musical: Apresentar aos participantes diferentes estilos de rap e outras manifestações musicais, estimulando a observação crítica.
- Objetivos relacionados à construção da identidade e à cidadania:
- Estimular a autoestima: Oferecer um espaço seguro para que os participantes expressem seus sentimentos e suas ideias.
- Promover a interação entre os participantes, fomentando a colaboração e o respeito mútuo.
- Elucidar sobre questões sociais: Utilizar o rap como ferramenta para discutir temas relevantes para a sociedade, como a desigualdade, a discriminação e a violência.

### **CONTEÚDOS**

**(O que é preciso ensinar explicitamente ou criar condições para que os alunos aprendam e desenvolvam as capacidades que são objetivos)**

#### **UNIDADE TEMÁTICA:**

CATEGORIA: TEMPO E ESPAÇO

**HABILIDADES**

**OBJETOS DE CONHECIMENTO**

<ul style="list-style-type: none"> <li>❖ <b>H1</b> – Interpretar historicamente e/ou geograficamente fontes documentais acerca de aspectos da cultura.</li> <li>❖ <b>H2</b> – Analisar a produção da memória pelas sociedades humanas.</li> <li>❖ <b>H3</b> – Associar as manifestações culturais do presente aos seus processos históricos.</li> <li>❖ <b>H4</b> – Comparar pontos de vista expressos em diferentes fontes sobre determinado aspecto da cultura.</li> <li>❖ <b>H21</b> – Identificar o papel dos meios de comunicação na construção da vida social.</li> <li>❖ <b>H22</b> – Analisar as lutas sociais e conquistas obtidas no que se refere às mudanças nas legislações ou nas políticas públicas.</li> <li>❖ <b>H23</b> – Analisar a importância dos valores éticos na estruturação política das sociedades.</li> <li>❖ <b>H24</b> – Relacionar cidadania e democracia na organização das sociedade</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• História, memória, cultura, identidade e diversidade.</li> <li>• Produção do conhecimento histórico.</li> <li>• A origem dos povos do Oriente Médio, Ásia, Europa, América e África.</li> <li>• Navegação portuguesa.</li> <li>• Conquista da América.</li> <li>• A Colonização portuguesa, inglesa e espanhola na América.</li> <li>• O imperialismo europeu na África e na Ásia.</li> <li>• Brasil Colônia: fluxos populacionais e de mercadorias.</li> <li>• Movimentos imigratórios no Brasil no séc. XIX.</li> <li>• Diáspora africana.</li> </ul>
--	--

**DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES**  
(Descrição de situações de ensino e aprendizagem para desenvolver as habilidades)

**Descritores**

**Língua Portuguesa**

D1 – Localizar informações explícitas em um texto.

D3 – Inferir o sentido de uma palavra ou expressão.

D4 – Inferir uma informação implícita em um texto.

D5 – Interpretar texto com o auxílio de material gráfico diverso (propagandas, quadrinhos, fotos, etc.).

D6 – Identificar o tema de um texto.

**Situação de aprendizagem 1 – Acolhida**

Apresentando a oficina de rap, como projeto que iremos fazer, explicando que contaremos com a presença e participação de pessoas externas à comunidade escolar (*Rappers*). Logo na sequência espera-se que os estudantes falem sobre suas vivências com o Hip Hop e Rap.

Em seguida apresento o que será a oficina. Digo o porquê da escolha por trabalhar com o Rap, a fim de dialogar com os objetos de conhecimento, identidade e pertencimento. Desta feita, justifica-se as atividades envolvidas na oficina por:

- O rap é uma linguagem que os jovens reconhecem e se identificam, especialmente aqueles integrantes de grupos minoritários ou em contextos de marginalização.
- A música, em geral, e o rap em particular, são potentes ferramentas para a expressão de sentimentos, ideias e experiências, permitindo que os alunos se sintam ouvidos e compreendidos.
- Eu, enquanto professora, me baseio em Stuart Hall ao nos ensinar que a cultura popular, como o rap, é um espaço de negociação de significados e de resistência. Oferecendo aos jovens a oportunidade de produzir suas próprias letras e músicas estamos proporcionando-lhes ferramentas para tornar audíveis às suas experiências, desafios e aspirações. Em um contexto marcado por desigualdades sociais, o rap se torna ainda mais relevante, permitindo aos jovens que vivem em periferias ou em situação de vulnerabilidade social expressarem suas realidades, desafiando as representações negativas e estereotipadas que são frequentemente atribuídas a esses grupos. Além disso, o rap oferece um espaço de encontro e de construção de identidades coletivas, positivando-as, fortalecendo os laços de pertencimentos étnicos raciais e sociais, promovendo a inclusão.
- A temática da identidade, por sua vez, é fundamental para a formação dos jovens. Durante a adolescência, a construção da identidade é um processo intenso e complexo, marcado por questionamentos, incertezas e busca por pertencimento. O rap, com suas letras que abordam questões como origem, raça, gênero, classe social e outras, proporciona um espaço seguro para que os alunos explorem sua própria identidade e se conectem com outras pessoas que compartilham experiências semelhantes.

## **Situação de Aprendizagem 2**

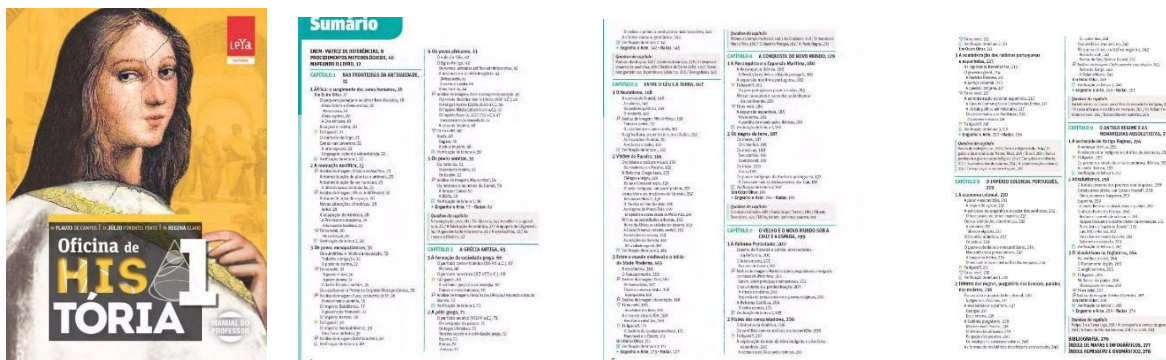
Apresentar Stuart Hall de modo que os estudantes exerçam pesquisa para além do livro didático acerca da identidade. Pensar a partir de um recorte de um texto de Hall como justificar a escolha do Rap enquanto ferramenta para o Ensino de História.

Para tanto, considerar o Rap como linguagem de resiliência, a partir da perspectiva de Hall quanto as culturas juvenis, a exemplo da cultura do Hip Hop e do Rap, que muitas vezes surgem como formas de resistência às estruturas de poder dominantes. O Rap, nesse sentido, se torna uma ferramenta para que os jovens expressem suas insatisfações, seus sonhos e suas aspirações, desafiando as narrativas hegemônicas.

Para Hall, a identidade não é fixa e imutável, mas sim algo que é continuamente negociado e reconstruído a partir das nossas experiências e relações sociais. O Rap, ao permitir que os jovens se expressem de forma autêntica, contribui à construção de suas identidades e para o desenvolvimento de um senso de pertencimento.

Nesse sentido a importância da cultura popular em Hall é compreendida enquanto espaço de produção de significados e de resistência. O rap, como expressão da cultura popular, oferece aos jovens a oportunidade de criar suas próprias concepções e de questionar as normas sociais.

### Situação de aprendizagem 3 Momento de fixação do conteúdo da aula



Do livro didático *História - Oficina Vol. 1 (2016) - Editora Leza* irei usar, irá ser utilizados os cap 1, denominado de *África: o surgimento dos seres humanos, um novo olhar*, no cap 6, nomeado de *A conquista do novo mundo* e o cap. 8, *O império colonial português*. São conteúdos que ultrapassam do primeiro ao terceiro bimestre. Anteriormente já havia passado em sala de aula o conteúdo dos povos mesopotâmicos e africanos ainda no primeiro bimestre conforme as orientações da secretaria, na sequência foi iniciado o assunto de *África e as sociedades urbanas*. De tal modo estudaremos os assuntos do norte da África, a costa oriental: cidades Swahili, cidades da Savana, as cidades da Floresta-Ifé. Com o método da leitura e diálogos sobre a temática a acima.

### Situação de aprendizagem 4

#### Segundo Momento: Encontros e Desenvolvimento da oficina

Será a apresentação do *rapper* El Tchuco para turma, onde espera-se que ele fale de sua vida, como encontrou-se com Rap e como ele passou a ver o mundo após ser *rapper*. Será explicado aos alunos a importância da parceria com o *rapper* El Tchuco e suas Contribuições para a Oficina, pois é uma parceria com um profissional de Rap. Essa colaboração enriquecerá significativamente a experiência dos alunos, trazendo uma série de benefícios:

- Pois a presença de um *rapper* trará credibilidade e inspiração, mostrando que é possível transformar a paixão pela música em uma carreira.
- Trazendo também conhecimento Técnico e Prático, o *rapper* pode ensinar técnicas de produção musical, como a escrita de letras, a criação de rimas, a gravação e a mixagem.

#### Segunda parte da situação de aprendizagem 4

Detalhando o conteúdo:

"Preconceito é uma opinião ou conceito formado sobre algo ou alguém antes de conhecer o objeto de juízo. Podemos aplicar o termo preconceito às mais diversas situações cotidianas, como o preconceito formulado por aquele tipo de comida que você não experimentou e julga pela aparência. No entanto, o objeto deste texto é o preconceito nas relações humanas.

Esse preconceito acontece das mais variadas formas e pelos mais variados motivos: pode ter origem na cor da pele, na religião, no país ou cidade de origem, na aparência física, no gênero, na sexualidade etc. Qualquer forma de preconceito nas relações humanas é prejudicial para o desenvolvimento de uma sociedade justa, democrática e igualitária."

"O conceito de raça é altamente complexo e objeto de grandes estudos sociológicos. O uso por parte do senso comum dessa forma de categorização perpetuou a ideia de que os grupos humanos são divididos de acordo com características biológicas."

"Raça e etnia" e "Preconceito"

em: <https://brasilecola.uol.com.br/sociologia/raca-etnia.htm>

"O que é preconceito?"

em: <https://brasilecola.uol.com.br/o-que-e/o-que-e-sociologia/o-que-e-preconceito.htm>

As atividades a serem trabalhadas, assim como as técnicas ensinadas e os temas abordados serão feitos em dinâmica de grupos. Descrevendo a dinâmica (um aluno falará uma frase, e o próximo fala tentando mantendo o contexto, na tentativa de construir rimas, que serão retomadas no próximo encontro) dos grupos durante as oficinas, como os alunos interagirão entre si e com o rapper.

Ao analisar a evolução dos alunos ao longo das oficinas, será considerado aspectos como a participação, a criatividade e a confiança.

Espera-se que as letras que serão criadas se relacione com suas experiências de vida e com o contexto social.

### **Situação de aprendizagem 5 Análise da letra e do ritmo das músicas:**

A Vida É Desafio- Racionais MC's e Diário de Um Detento- Racionais MC's

Continuação das construções das rimas do encontro anterior.

### **Situação de aprendizagem 6:**

Continuação das construções das rimas, pois será reservado alguns momentos/encontros para os alunos se expressarem nas formas de rimas ou desenhos.

### **Situação de aprendizagem 7 (Quarto encontro da oficina)**

Possíveis perguntas para os questionários (a ser feitos em formulários do google forms)

- Indagar sobre as expectativas dos alunos enquanto a oficina?
- Perguntar o que mais lhes agradou ou desagradou na oficina?

- Questionar qual foi o aprendizado com a oficina? E se ocorreu o desenvolvimento de alguma habilidade (qual)?
- Averiguar se sentiram confortáveis a participar das atividades e se recomendaria a oficina para outras pessoas?

**Situação de aprendizagem 8**  
**Quinto encontro da oficina a produção de cartazes**

Levantamento dos conhecimentos adquiridos dos alunos

**Situação de aprendizagem 9**  
**Sexto encontro da oficina**

Pretende-se realizar essa atividade na semana da consciência negra, que será a exibição de letras criadas com as rimas dos estudantes.

Considerando a cultura Hip Hop se buscará a produção de um mural de grafite.

**Situação de aprendizagem 10**  
**Resultados**

Se espera como resultado demonstrar que o uso de Rap em sala de aula, deverá estimular as seguintes atitudes e saberes:

- Criar um ambiente seguro e respeitoso, onde os alunos se sintam à vontade para expressar suas ideias e opiniões.
- Oferecer diferentes modelos de Rap.
- Apresentar aos alunos diferentes estilos e vertentes do Rap, para que eles possam se identificar e se inspirar.
- Definir os objetivos de aprendizagem para cada atividade e avaliar o progresso dos alunos.

**Ao final da oficina, espera-se que os participantes:**

- Sejam capazes de escrever e apresentar suas próprias letras de Rap, utilizando recursos linguísticos variados e demonstrando criatividade.
- Trabalhem em equipe para produzir uma música original, demonstrando colaboração e respeito mútuo.
- Identifiquem diferentes estilos de Rap e analisem suas características, desenvolvendo um olhar crítico sobre a música.
- Reflitam sobre a importância da música como forma de expressão e de transformação social.
- Demonstrem maior confiança em suas habilidades de comunicação e expressão.

<b>VALORES ATITUDINAIS ENVOLVIDOS NAS ATIVIDADES/ SITUAÇÕES</b> (O que se espera que o aluno desenvolva a partir das situações de aprendizagens)	<b>INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO</b> (Mecanismos mais adequados para avaliar a evolução da aprendizagem)
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Saber agir coletivamente;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação das apresentações dos rappers em construção;</li> </ul>

<ul style="list-style-type: none"> <li>• Engajamento nas atividades;</li> <li>• Respeito com seus pares, aceitando opiniões dos outros alunos;</li> <li>• Respeito as diversidades, sejam elas de qualquer natureza, como por exemplo, a diversidade étnica, religiosa, de gênero, cultural, etc.;</li> <li>• Adotar posturas antirracistas na sua vida diária em sociedade;</li> <li>• Colocar em prática os conhecimentos adquiridos em sala de aula na sua vida cotidiana, visando uma sociedade antirracistas, igualitária, com oportunidades para todas as pessoas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Monitoramento da participação nas atividades orais e escritas;</li> <li>• Participação nos debates e rodas de conversas;</li> <li>• Produção de cartazes e grafites.</li> </ul>
---	--

#### REFERÊNCIAS

ACRE. Secretaria de Estado de Educação Cultura e Esporte. Proposta de Plano de Curso do Ensino Fundamental Anos Finais, 2024.

ACRE. Currículo de Referência Único do Acre – CRUA. SEE, 2019. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos\\_estados/ac\\_curriculo\\_acre.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/ac_curriculo_acre.pdf) Acesso em: 21 de setembro, 2023.

BRASIL. Constituição (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Ministério da Educação, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_verseofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_verseofinal_site.pdf) Acesso em: 21 de setembro, 2023.

BRASIL, Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico- raciais e para o ensino de História e Cultura Afrobrasileira e Africana. Brasília: MEC, 2004.

\_\_\_\_\_. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 9 jan. 2003.

\_\_\_\_\_. LEI Nº 12.288/2010: Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nºs 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm) Acesso em: 19 maio 2024.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. Grupo de Trabalho Interministerial. Contribuições para a Implementação da Lei 10639/2003: Proposta de Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação das Relações Etnicorraciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana – Lei 10.639/03. Brasília, 2008.

. Orientações e Ações para a Educação das Relações Etnicorraciais. Brasília:  
MEC/Secad,

2006.

CAVALLEIRO, Eliane. Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor. In:

CAVALLEIRO, Eliane. Racismo e anti-racismo na educação: repensando a nossa escola. São Paulo:  
Selo Negro, 2003.

Campos, Flavio de Oficina de história : volume 1 / Flavio de Campos, Júlio Pimentel Pinto, Regina Claro.

-- 2. ed.

-- São Paulo : Leya, 2016.

GOMES, Nilma L. Limites e Possibilidades da implementação da lei 10.639/03 no contexto das políticas públicas de educação. In PAULA, Marilene de & HERINGER, Rosana. Caminhos Convergentes: Estado e Sociedade na Superação das Desigualdades Raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll/ ActionAid, 2009.

MESTRADO PROFISSIONAL ENSINO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE.

Homepage do

ProfHistória/Ufac, 2023. Linhas de Pesquisa. Disponível em: <http://www2.ufac.br/ppgpeh/menu/sobre-o-ppgca>. Acesso em 25 maio 2024.

MOTA, J. S.. UTILIZAÇÃO DO GOOGLE FORMS NA PESQUISA ACADÊMICA. HUMANIDADES & INOVAÇÃO, v.

6, p. 371, 2019. Disponível em:

<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1106>.

Acesso em: 03 ago. 2023.

PEREIRA, Amilcar Araújo. "O Mundo Negro": a constituição do movimento negro contemporâneo no Brasil. Rio de Janeiro: - Pallas: FAPERJ, 2013.

Negro Drama". In: 1000 Trutas, 1000 Tretas. Compositor: Brown, M. Intérprete: Racionais MC's. São Paulo: Sony Music, 2002. CD (faixa 10, 5 min).

AMARELO - É TUDO PRA ONTEM. Direção: Fred Ouro Preto. Distribuidora: Netflix, 2020. 89 min. Documentário, musical. Classificação indicativa: 12 anos.

#### DEVOLUTIVA DO COORDENADOR PEDAGÓGICO

*Bruna Natália de Oliveira*

Assinatura do (a) Coordenador (a)

Assinatura do (a) Professor (a)

Conforme apresentado, a oficina foi estruturada em dez encontros ao longo de dois meses. Desse modo, ressalto que, por se tratar de uma turma em área anexa, onde eu ministrava a disciplina de História, e outra disciplina, tive tempo suficiente para levar os voluntários (*rappers* e grafiteiros), e eles, por sua vez, tiveram tempo para dialogar com os alunos. Os conteúdos foram propícios à oficina, pois busquei trabalhar a ideia de identidade negra e a autoidentificação, para isso destacou-se a cultura dos reinos africanos. Logo, durante as aulas, havia debates que transpassavam o tempo passado e chegava na contemporaneidade. Logo, destaco duas letras produzidas por alunos durante as atividades das aulas.

FIG 6. LETRA ESCRITA PELO ALUNO KLYVE

### **TERRAS ROUBADAS**

Onde vivemos num país que dizem  
para nos filhos que fomos descobertos por Portugal  
onde omitem um povo já existente

Ah, houve uma clara invasão em nossas terras  
Entre outras coisas omitidos, A pátria amada idolatrada, a  
mãe gentil escondeu tanta merda que o vaso entupiu

País assim onde a base nossa foi a base da escravidão, da  
exploração, Eu não sinto orgulho dessa decisão dos “nossos”  
antepassados

Quanto indígenas foram mortos e escravizados quantos  
africanos foram mortos e escravizados pela ganância  
humana

Piso nesse solo e o que eu vejo são corpos e cadáveres  
dando base para termos hoje essa estrutura

Tantas e tantas coisas ocorreram até o dia de hoje e mesmo  
assim vemos casos de racismo, de preconceito.

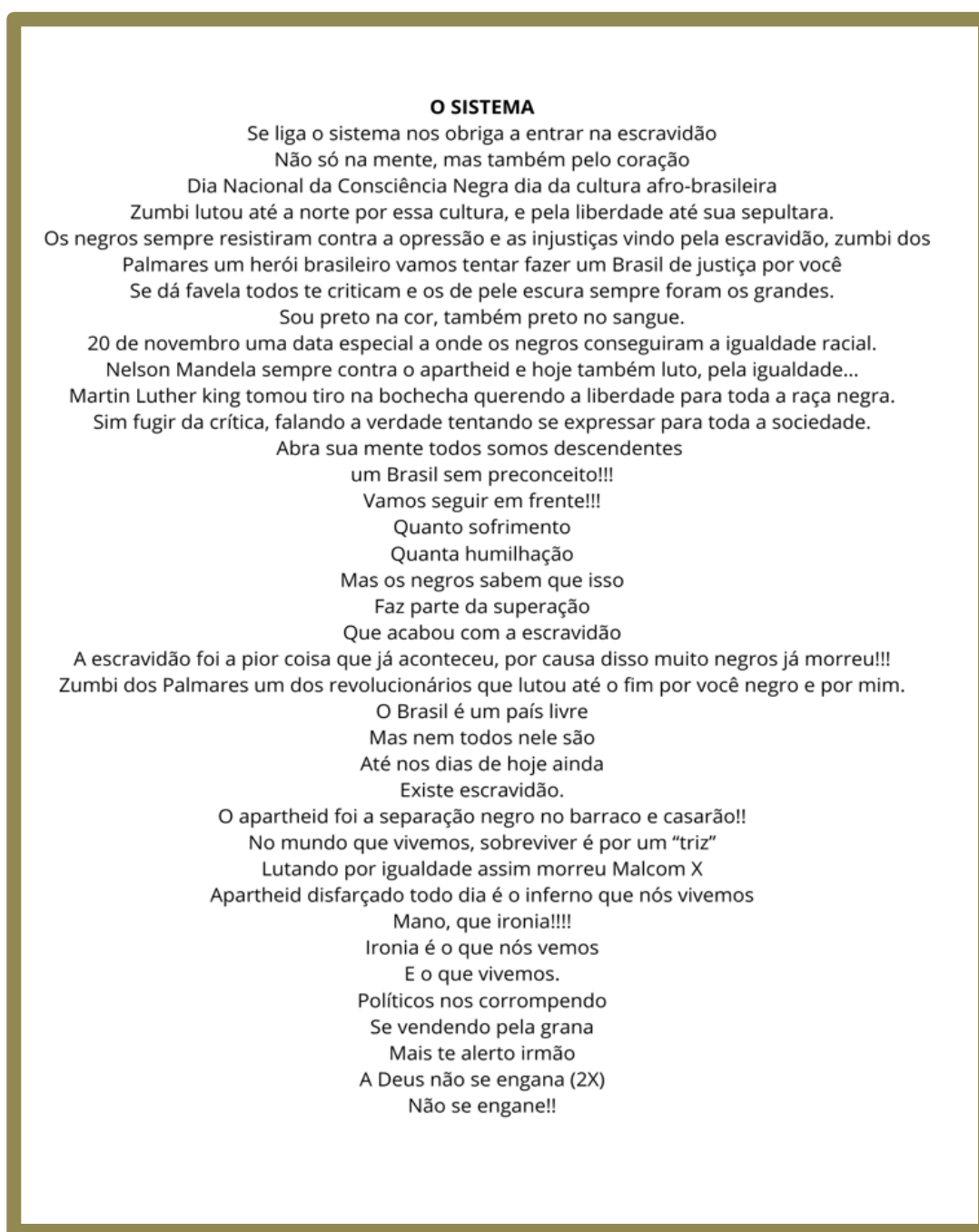
Lugar onde quem tem a |pele mais clara tem vantagens  
sociais sobre as pessoas com as peles mais escuras|!

Tanto o movimento criado para conscientizar nosso povo  
mas não acho que é isso deveria acontecer  
Pois temos que ter respeito mutuamente tanta etnia quanto a  
religião

FONTE: LETRA ESCRITA PELO ALUNO KLYVE

Conforme exposto anteriormente, cada objeto de conhecimento foi articulado a um tema transversal, discutido ao longo do ano letivo em sala de aula. As atividades práticas envolveram a elaboração de rimas e produções visuais, com o objetivo de expressar a compreensão dos alunos acerca dos conteúdos trabalhados. Ressalta-se que, por se tratarem de adolescentes, os discentes encontram-se em uma etapa de exploração e construção de significados relacionados ao tema em estudo.

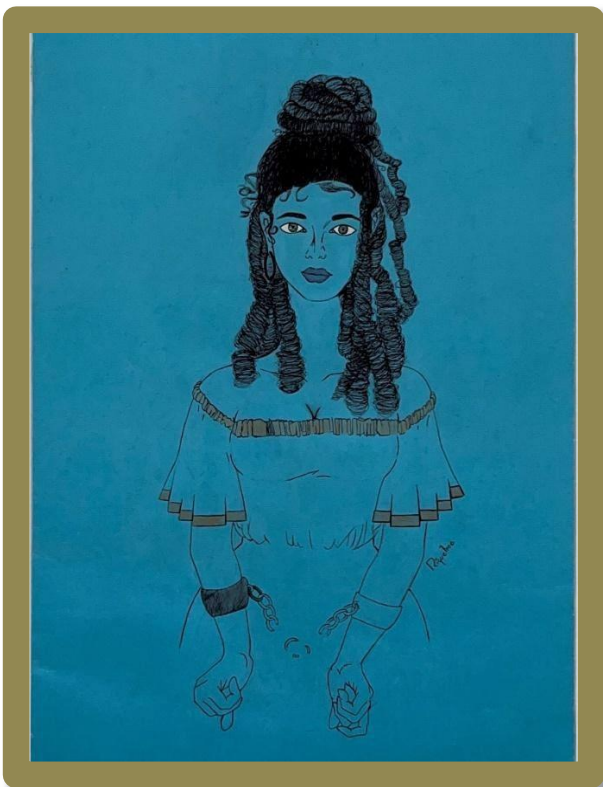
FIG. 7. LETRA ESCRITA POR ALUNO (MAKYLIAN)



FONTE: PRODUÇÃO DO ALUNO MAKYLIAN

Na primeira letra, o aluno destaca a colonização portuguesa do território brasileiro e demonstra um sentimento de perda, expressando a crença de que suas ancestralidades foram roubadas e que os portugueses retiraram riquezas do território que hoje é o Brasil. Já na segunda letra, o aluno expressa seu descontentamento em relação aos conteúdos aprendidos, evidenciando que a colonização e dominação dos povos nativos de cada território foram cruéis e deixaram marcas profundas que perduram através das eras. Portanto, nela se tem uma leitura de mundo onde a escravidão, em sua perspectiva, não se limitou ao passado, mas se manifesta atualmente na "mente e nos corações". Assim, eles expressam sua indignação diante do racismo estrutural, que afeta as populações negras até os dias atuais.

FIG.8 : CARTAZES PRODUZIDOS NO DECORRER DA OFICINA



FONTE: DESENHO PRODUZIDO PELO ALUNO RIQUELME.

FIG 9. IMAGEM DA PRODUÇÃO DOS CARTAZES NO DECORRER DA OFICINA



FONTE: IMAGEM DO AUTOR

FIG 10. CARTAZES PRODUZIDOS NO DECORRER DA OFICINA



FONTE: IMAGEM DO AUTOR

FIG 11. IMAGEM DA PRODUÇÃO DOS CARTAZES NO DECORRER DA OFICINA



FONTE: IMAGEM DO AUTOR

FIG 12. IMAGEM E CARTAZES PRODUZIDOS NO DECORRER DA OFICINA, APÓS UMA AMOSTRA DE DEPOIMENTO DE RACISMO QUE OCORRIAM NO DIA A DIA.



FONTE: DESENHO PRODUZIDO PELO ALUNO RIQUELME.

FIG.13. DIA DA CULMINÂNCIA DO PROJETO 20 DE NOVEMBRO.



FONTE: IMAGEM DO AUTOR

Reitero que as produções dos cartazes foram feitas durante as horas aulas da oficina, busquei levar um tema relacionando a oficina para cada encontro. No terceiro encontro foi discutido sobre os racismos vivenciados na sociedade, empreguei algumas amostras de depoimentos de casos (relatos que peguei na internet de pessoas que sofreram racismo) e depois pedi para eles produzirem sobre o sentimento que viram nas pessoas, e em suas leituras e os sentimentos que lhe foram causados, com essa provocação pedagógica, tivemos alguns resultados.

Na figura 8 temos uma mulher que mantém seus traços físicos, assim resistindo aos padrões de beleza eurocêntrica, mas o artista Riquelme acrescentou as correntes que continuam em seus pulsos e podem ser lidos como a própria resistência aos padrões de beleza. Entretanto, para além desses outros fatores, prende-se uma mulher negra em uma sociedade com racismo estrutural, e faço uma leitura das correntes que as prendem nos pulsos, uma vez que, mesmo quebradas, elas ainda estão lá, e podem simbolizar as barreiras enfrentadas pelas mulheres negras na sociedade, e a quebra delas como sua capacidade de superá-las.

Conforme a figura 12, o aluno-artista Riquelme produziu ou tentou reproduzir a dor de uma mulher de fenótipos negros, mas que tem seu cabelo alisado para se adequar ou ser aceita na sociedade, assim, em suas lágrimas se nota o simbolismo da tristeza, a frustração e a dor de ter que negar a própria identidade.

Nas figuras 9,11,12,14,15,16,17,18, temos uma amostra do desenvolvimento da oficina e da participação dos alunos nestas. Já na figura 20 que é o grafite produzido no dia da culminância, observa-se que eles desenharam/grafitaram depois de leituras, debate das rimas e dos documentários, ou seja, com isso eles fizeram um desenho enaltecendo o que compreendiam como a cultura e beleza afrodescendente. Portanto, o grafite traduz o aprendizado deles.

Além disso, é perceptível que a oficina foi eficaz em estimular a reflexão e o aprendizado sobre a cultura negra. Cabe ainda ressaltar que a ideia traduzida no grafite nos mostra o quanto a arte pode ser uma ferramenta de aprendizado e expressão, destacando que o ato de “desenhar” é uma forma de resistência e de luta contra o racismo institucionalizado.

Acima, apresentei uma amostra de como a oficina se desenvolveu, através da sequência de atividades e de alguns resultados. Neste instante, abordarei o "diário de bordo", fornecendo uma descrição detalhada dos eventos ocorridos. As narrativas funcionam

descrevendo a oficina de Rap, registrando cada passo, decisão e resultado ao longo do caminho. Logo, isso permitiu uma reflexão contínua sobre o progresso do projeto.

Nesse sentido, a iniciativa de desenvolver uma oficina de Rap para os alunos do primeiro ano “D” surgiu da observação feita em sala de aula, enquanto professora regente junto as reflexões feitas nas aulas do mestrado Profhistória, ao perceber que esses adolescentes se identificavam com uma cultura relevante e envolvente do Hip Hop e tinham habilidades naturais, especialmente em relação à composição de letras e criação de “beats<sup>15</sup>”. Com base nesse propósito, optou-se pela realização de uma série de encontros pedagógicos voltados a contribuir com os estudantes em seus processos de exploração e descoberta de técnicas de composição textual. Paralelamente, buscou-se fomentar valores sociais positivos, alinhados aos valores atitudinais previstos no currículo escolar.

De modo prioritário, cabe destacar como uma batalha de rimas pode contribuir no aspecto político do indivíduo e na sua identidade. Considerar as batalhas de rimas como prática pedagógica é reconhecer nelas uma potência que vai muito além da disputa verbal. Tais batalhas caracterizam-se como espaços de fala, de construção identitária e de crítica social, profundamente alinhados à perspectiva freiriana de uma educação problematizadora e libertadora (Pedagogia do Oprimido, 1968). Nesse contexto, o Hip-Hop, em sua vertente do Rap improvisado, constitui não apenas uma expressão cultural, mas também um ato político que propaga as vozes periféricas no espaço público e no currículo escolar.

Assim como aquelas realizadas em praças, ruas e demais espaços coletivos, as batalhas de rima constituem-se como atos políticos em si mesmos, pois democratizam o acesso à palavra e legitimam as vozes historicamente silenciadas da periferia. A improvisação exige agilidade de raciocínio, capacidade de argumentação e elaboração crítica, elementos que, quando inseridos em sala de aula, transformam-se em ferramentas pedagógicas de empoderamento e expressão. Nesse sentido, a escola passa a dialogar com as experiências concretas dos alunos, reconhecendo a oralidade e a performance como formas legítimas de produção de saberes.

Ademais, as rimas são fontes históricas vivas, uma vez que as improvisações nessas batalhas não se limitam a jogos de palavras são narrativas que espelham a realidade social. Nelas emergem temas como desigualdade, violência estatal, falta de infraestrutura, mas também o orgulho da identidade negra, periférica e o pertencimento a uma comunidade marcada pela resistência. Ao serem analisadas em sala, essas rimas convertem-se em fontes históricas orais, contrapondo-se às

narrativas oficiais muitas vezes cristalizadas nos livros didáticos. Desse modo, a oficina propõe a descolonização do ensino de História, evidenciando que o conhecimento histórico também é produzido nas ruas, nos corpos e nas vozes que ecoam.

Além disso, o trabalho pedagógico com batalhas de rima pode ser desenvolvido em duas dimensões, uma análise crítica e prática criativa:

- I. Análise crítica: assistir e discutir trechos de batalhas conhecidas, como a Batalha da UFAC ou a Batalha do Palácio. Geram perguntas como “O que o MC está denunciando aqui?” ou “Que problema social essa rima evidencia?” isso possibilita relacionar os versos à estrutura social brasileira, ao mercado de trabalho, ao êxodo rural, à urbanização, à falta de acesso à cultura ou às restritas oportunidades de emprego.
- II. Prática criativa: propor a realização de uma “batalha de rima pedagógica”, em que os alunos, divididos em duplas, defendam posições históricas a partir de versos improvisados. Temas como “a colonização e seus impactos” ou “os efeitos da colonização no Brasil atual” tornam-se objeto de debate em forma de rima. Nessa dinâmica, o improviso não é ataque pessoal, mas exercício de argumentação, criatividade e posicionamento crítico.

Paralelamente, a culminância da oficina pode ser justamente a realização de uma batalha de rima organizada como atividade principal. Nesse momento, a análise (teoria), a produção (prática) e a expressão política (voz) se entrelaçam, constituindo um ciclo pedagógico coerente com a proposta Freiriana de que o conhecimento é o ato de libertação. Os estudantes, ao se apropriarem da linguagem do Rap, tornam-se protagonistas, desenvolvendo criticidade em relação à sociedade e reconhecendo-se como sujeitos históricos transformadores.

Enquadrar o Hip-Hop e o Rap como práticas pedagógicas é, antes de tudo, reconhecer sua dimensão política e histórica na luta da população negra. A música, que emerge das periferias urbanas, materializa uma pedagogia insurgente: denuncia o racismo estrutural e a violência sistemática contra a juventude negra, ao mesmo tempo em que constrói narrativas de resistência e dignidade. Assim, o Rap não é apenas entretenimento ou recurso didático, mas fonte histórica e epistemologia contra hegemônica, capaz de ressignificar o ensino de História e contribuir para a formação de sujeitos críticos.

Assim , a pedagogia do Hip-Hop se inscreve como resistência cultural frente ao apagamento promovido pela educação eurocêntrica. Ao trazer para o centro do debate as experiências da juventude negra urbana ou rural. O Rap atua como contranarrativa às versões oficiais da história. Suas letras, carregadas de denúncia e reivindicação, funcionam como relatos orais que conservam memórias coletivas e inscrevem identidades. Ao tomá-lo como fonte, a oficina legitima esses saberes e desloca o aluno de uma posição passiva para a de sujeito histórico, ativo na construção do conhecimento e de sua identidade.

Desse modo, cabe mencionar ainda que a proposta pedagógica, articulada com a Lei 10.639/03, assume o Rap como prática antirracista ao permitir que :

- I. Ressoar a voz dos oprimidos: as batalhas de rima e a produção de letras a partir da realidade dos estudantes rompem com o silêncio histórico, transformando-o em grito de resistência. Essa prática promove orgulho, afirmação identitária e posicionamento crítico frente às estruturas de opressão.
- II. Confrontar narrativas eurocêntricas: ao analisar, por exemplo, a canção “Mágico de Oz dos Racionais MC’s, evidencia-se como o Rap desafia representações estigmatizadas da negritude. Suas letras reafirmam dignidade, força e pertencimento, desconstruindo estereótipos e promovendo identidades afro-brasileiras positivas.

Aquele moleque,  
que sobrevive como manda o dia a dia  
Tá na correria, como vive a maioria  
Preto desde nascença, escuro de Sol  
Eu tô pra vê ali igual, no futebol  
Sair um dia das ruas é a meta final  
Viver decente, sem ter na mente o mal  
Tem o instinto que a liberdade deu  
Tem a malícia,  
que cada esquina deu...  
(Mágico de Oz dos Racionais MC’s 1997)

Nesse sentido, a conexão da oficina com a Lei 10.639/03 demonstra que a prática não é isolada, mas integra um movimento maior de descolonização curricular. O projeto se torna ação concreta de implementação da lei, valorizando a história e a cultura africana e afro-brasileira de modo crítico, dialógico e transformador.

Portanto, mais do que ensinar História, o projeto busca promover equidade racial, comprimem a hegemonia eurocêntrica e cria um espaço pedagógico comprometido com a cidadania crítica e com a luta antirracista. Ao legitimar a cultura popular como fonte e ao reconhecer os alunos como agentes de sua própria história,

a oficina reafirma o potencial do Rap como ferramenta de empoderamento. Ou seja, o Rap, integrado ao ensino, opera como linguagem insurgente e prática libertadora, tornando a escola lugar de resistência, reconhecimento e transformação social.

Em resumo, retornando a realização das oficinas, ao identificar a oportunidade de envolver os alunos com o Hip Hop, contatei um ex-aluno, conhecido no meio das batalhas de rima como “El Tchuco”, o qual demonstrou interesse em colaborar no projeto. “El Tchuco” já tinha experiência como *rapper* e estava envolvido/participando no movimento do SLAM em Rio Branco, o jovem se mostrou entusiasmado em levar o Rap para a zona rural.

A série de encontros foi organizada nas dependências da escola, com deslocamentos previamente programados para o anexo localizado na Estrada de Sena, quilômetro 50, onde foram realizadas as oficinas de Rap. Para viabilizar as atividades, foi necessário um suporte logístico específico. Assim, minha irmã gentilmente cedeu seu carro, e meu primo se ofereceu para ser o motorista. Então, ele buscava os voluntários na UFAC, levava-os até o anexo, e aguardava o término da oficina e os levava de volta para casa. Com isso, tive despesas com gasolina, alimentação e materiais utilizados na oficina. Além do apoio operacional, o projeto contou com a valiosa contribuição intelectual dos voluntários e com a parceria de um artista grafiteiro, que gentilmente disponibilizou os materiais e sua mão de obra para a criação do mural apresentado na culminância do projeto alusivo à Consciência Negra.

Na culminância do projeto, vários *rappers* foram se apresentar e contribuir com sua arte, eram tanto os alunos quanto rappers profissionais, que colaboraram de forma gratuita e com seus próprios equipamentos. Desse modo, eles contribuíram significativamente para o desenvolvimento e sucesso da oficina. Ademais, a oficina de Rap coincidiu com as celebrações do Dia da Consciência Negra, que ocorrem nas escolas em 20 de novembro. Logo, aproveitamos a oportunidade para finalizar o projeto em 22 de novembro, integrando-o às comemorações da data.) da UFAC até o anexo da

---

<sup>15</sup> Na cultura hip-hop: O beat é a base instrumental sobre a qual os rappers cantam ou escrevem. O beat é geralmente criado por um DJ ou produtor musical, e pode ser simples ou complexo, com samples, sintetizadores e outros instrumentos. O beat é uma parte essencial da cultura hip-hop, e pode ser usado para expressar uma ampla gama de emoções e ideias.

EESJB que funciona no prédio da EMJCF para garantir a participação e contribuição dos *rappers* nas oficinas.

No primeiro encontro, os *rappers* se apresentaram aos alunos, além de fazerem uma introdução dos elementos essenciais da composição de Rap, incluindo técnicas de rimas, regras de batalhas e valores éticos, como respeito e consciência cultural. Foram discutidos, então, alguns temas sensíveis, como a proibição de xingamentos, ofensas e discriminação racial. Vale ressaltar que esse momento inicial foi crucial para estabelecer as bases do respeito mútuo e promover uma atmosfera de aprendizado colaborativo, em linhas gerais, dentro da perspectiva de uma cultura de paz.

FIG 14 PRIMEIRO ENCONTRO DA OFICINA



FONTE: IMAGEM DO AUTOR

A implementação da oficina de Rap revelou-se promissora, o que proporcionou aos alunos uma forma significativa de expressão artística e cultural. Os próximos encontros continuaram a explorar técnicas de composição, incentivar a criatividade e promovendo valores positivos. Paralelamente, buscou-se ampliar a colaboração com outros artistas locais e fomentar oportunidades de apresentação pública para os alunos. Assim, a oficina de Rap demonstrou ser uma estratégia eficaz para envolver os alunos do primeiro ano “D” em atividades educativas e culturalmente relevantes.

O engajamento de El Tchuco e os voluntários/colaboradores que ele nos trouxe, que a partir de agora irei me referir como “sua equipe”, era composto pelos *rappers* Dreshao, JV, Apaxi, Default, Kaos e a Morgana, juntamente com a receptividade dos

alunos, e que prometia um futuro promissor para o projeto. Logo, resultou-se na reflexão “vai ser suado, mas no final vai ser firmeza”.

No segundo encontro da oficina de Rap, a inclusão de uma aluna com habilidades poéticas e interesse em rimas favoreceu a participação feminina nas atividades. Foram apresentadas novas técnicas de composição e a dinâmica da roda de batalha, características do universo hip-hop. Com o avanço dos encontros, observou-se maior engajamento e envolvimento dos estudantes nas práticas propostas.

Concomitantemente ao desenvolvimento das atividades, surgiram desafios relacionados à estrutura escolar, especialmente no que diz respeito às expectativas de certos funcionários, como a equipe de limpeza, a qual preferia que os alunos permanecessem nas salas durante a limpeza dos corredores. Isso levou à necessidade de readaptar os locais das atividades, como o uso do refeitório e da entrada da escola, ou seja, para garantir a continuidade das atividades.

Inicialmente programados para ocorrer semanalmente, todas as quartas-feiras, os encontros foram reduzidos para a cada duas semanas por questões financeiras e logísticas. Além disso, o transporte e outras despesas relacionadas à organização dos encontros exigiam ajustes para garantir a viabilidade contínua do projeto. (destaca-se aqui: a autora ficou “sem grana”).



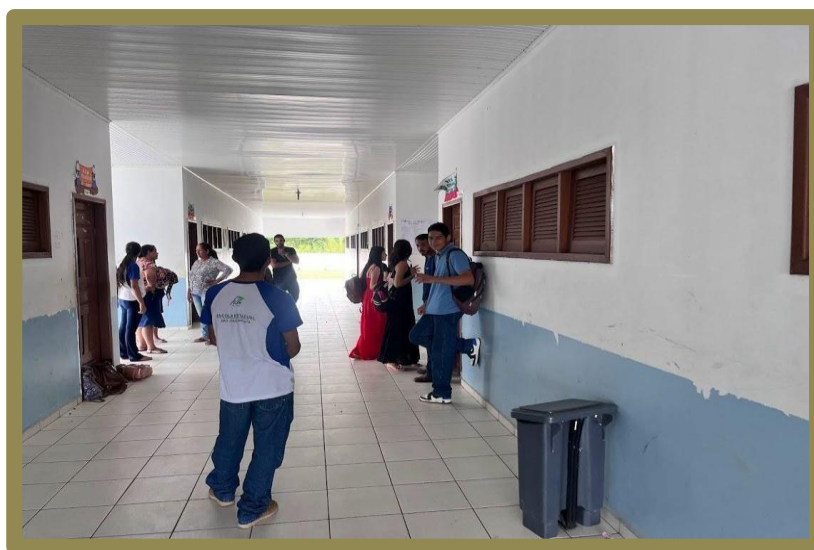
FONTE: IMAGEM DO AUTOR

FIG. 16 CAMPEÃO DA BATALHA DA JCF, JUNTO AOS VOLUTÁRIOS RAPPERS



FONTE: IMAGEM DO AUTOR

FIG. 17 ALUNOS AGUARDANDO O INÍCIO DA CULMINÂNCIA



FONTE: IMAGEM DO AUTOR

Iniciado em junho e concluído em novembro, o projeto configurou-se como uma experiência enriquecedora e transformadora para todos os participantes. Contribuiu de forma significativa para o fortalecimento da identidade dos estudantes, despertando o interesse pela literatura e pela reflexão sobre questões sociais, especialmente relacionadas ao racismo e à crítica ao sistema político vigente.

Nessa análise, cabe ressaltar que este relatório destaca o valor inestimável do projeto ao menos para os participantes, não apenas como um estrado para a expressão artística, mas também

como um catalisador para a reflexão crítica e a sensibilização social. Assim, por meio da concepção da oficina, os alunos foram capazes de canalizar sua criatividade e paixão, ao mesmo tempo em que desenvolviam uma criticidade sobre as questões sociais que afetam o mundo atualmente.

A oficina de Rap teve origem em uma inquietação central: o potencial do gênero como instrumento de formação identitária entre jovens do ensino médio. Diante do evidente engajamento dos alunos com a cultura hip-hop e de suas habilidades musicais emergentes, consolidou-se a convicção de que a integração entre conteúdos curriculares e a expressividade do Rap poderia favorecer um processo de construção identitária significativo — em consonância com as reflexões de Stuart Hall sobre a identidade como um processo dinâmico e continuamente moldado por múltiplas influências culturais.

Hall (2006), em sua obra, destaca que a identidade não é uma essência fixa, mas sim um "processo de identificação". Ou seja, ela se constrói e reconstrói continuamente, em um diálogo com as diversas culturas às quais os indivíduos estão expostos. Nesse sentido, a cultura Hip-Hop, com sua linguagem poética, ritmos contagiantes e forte carga de crítica social, emergiu como um terreno fértil para a experimentação e a expressão identitária dos jovens.

Nesse sentido, a implementação da oficina concretizou essa ideia. Ao longo de dez encontros, os alunos foram imersos em um ambiente de aprendizado colaborativo, onde puderam explorar suas próprias vozes através da composição de letras de Rap, da produção de grafites e da participação em apresentações batalhas (que foram denominada de batalhas da JCF). A presença do *rapper* El Tchuco e sua equipe, e de pessoas engajados com o movimento Hip-Hop local, fortaleceu ainda mais a conexão dos alunos com essa cultura, proporcionando-lhes um referencial autêntico e inspirador.

Logo, os resultados da oficina corroboraram a hipótese da ideia inicial. As letras produzidas pelos alunos revelaram suas percepções sobre a história, a sociedade e suas próprias identidades, expressando sentimentos de pertencimento, resistência e uma crítica social. Os desenhos e grafites criados durante a oficina também se tornaram veículos de expressão, materializando visualmente as reflexões e os sentimentos dos alunos.

A oficina promoveu a visualização de um organismo (de um senso de comunidade entre os participantes), além de poder ver na organização das apresentações musicais, a colaboração na produção do grafite no dia da culminância e

o apoio mútuo durante os encontros fortaleceram os laços entre os alunos, o que criou um espaço seguro para a troca de ideias e experiências.

A observação das interações dos alunos, suas falas, seus desenhos e sua organização para a apresentação final revelaram que, de fato, o Rap e a cultura Hip-Hop, quando aliados aos conteúdos curriculares, podem influenciar positivamente a formação identitária dos jovens.

Em *O Rap do Congós como literatura de Resistência: a voz da periferia macapaense* de Lima, Pereira e Silva(2022)

O Rap constrói seus fundamentos de produção artística numa relação de forma e conteúdo combativas a uma realidade social que trabalha, diariamente, para a subtração de direitos e dignidade humana, criadouro do atraso nacional, mas também demonstração gritante de que o pacto civilizatório condescende com a exploração, opressão e violências. P.105 (2022)

Como protesto literário, o rap denuncia as precariedades com que vivem os moradores das periferias das cidades brasileiras, contribuindo consideravelmente para desacostumar a percepção naturalizada das condições de vida, bem como, incentivar a comunidade para a visibilização e empoderamento de suas identidades coletivas empurradas para situações em que o acesso aos bens sociais não estão na ordem do dia, distantes do cotidiano das favelas e periferias e encontrados nitidamente no centro da urbe ou em residenciais privados. P.105 (2022)

Ademais, um exemplo concreto dessa influência pode ser encontrado na análise da letra da música 'São apenas dez e meia', 'Diário de um detento', 'Negro drama' e 'Jesus chorou'.

A letra de "**São apenas dez e meia**", do grupo Racionais MC's, oferece um retrato cru da vida na periferia, permeado por tensões sociais e políticas. Assim, há uma denúncia do perfilamento racial, em que a polícia "cresce o olho" em Edy Rock simplesmente por ser um homem negro na periferia. A experiência de ser um "suspeito profissional" e "bacharel pós-graduado em 'tomar geral'" ilustra a constante vigilância e opressão enfrentadas pela população negra.

Dessa forma, o trecho com a fala do policial ("Escuta aqui: o primo do cunhado do meu genro é mestiço...") satiriza a tentativa de negar o racismo, expondo a hipocrisia e a banalização do preconceito. A letra aborda também a ação policial de revistar o carro, amassar o boné e sujar a camisa oque evidencia a violência institucional e o abuso de poder sofridos pelos moradores da periferia. Ou seja, nos fala sobre o contraste entre a Zona Norte, onde "a bandidagem curte a noite toda", e a Zona Sul, destino de Edy Rock, explicita a desigualdade social e a segregação espacial.

O fato de o homem que se dizia irmão da Cristiane, ser um fugitivo da Zona Sul, e vendedor de drogas na Zona Norte, explicita a migração do crime, e a busca por

melhores oportunidades, mesmo que ilegais, na periferia. A letra retrata, então, a marginalização da juventude negra, que é constantemente criminalizada e vista como suspeita. A referência a "maloqueiro e ladrão" reforça o estereótipo negativo associado aos moradores da periferia. A descrição da mulher de vestido vermelho, os comentários dos "bicos" e a expressão "mina filha da puta" revelam também o machismo e a objetificação presentes nas relações de gênero na periferia. Porém, a atitude da mulher, que se revela racista e preconceituosa, expõe o complexo de inferioridade internalizado por alguns membros da comunidade negra.

A frase "pra me lembrar que não tô na favela" demonstra a busca por um padrão social superior, e a tentativa de se distanciar de suas origens; "Em qual mentira vou acreditar?": A repetição dessa pergunta ao longo da música expressa a descrença nas instituições e nas narrativas dominantes.

Além disso, a letra do Rap "São apenas dez e meia" é um manifesto político que denuncia a violência, o racismo e a desigualdade social presentes na periferia. A canção convida à reflexão sobre as "mentiras" que sustentam o sistema de opressão e expressa a necessidade de resistência e luta por justiça.

Ao mostrar a letra "**Diário de um Detento**" - Racionais MC's - que é um relato visceral e impactante sobre a vida no sistema carcerário brasileiro, especificamente no Carandiru, palco do massacre de 1992, realiza-se uma análise a partir da ótica social e política, observando que as rimas se desdobram em diversas camadas de reflexão. Ademais, os versos fazem denúncias a violência institucional, como por exemplo a ação brutal da polícia durante o massacre. A descrição dos "cachorros assassinos", do gás lacrimogêneo e dos corpos ensanguentados retrata a brutalidade e a impunidade do Estado.

A figura do "Robocop do governo", frio e cruel, simboliza a desumanização e a violência do sistema. No momento da letra que tem a crítica a hipocrisia e a indiferença da sociedade, que se choca com a violência, mas ignora as causas e as condições que a geram. A descrição dos passageiros do metrô, "satisfeitos, hipócritas", ilustra a alienação e a falta de empatia.

Ademais, a letra de "Diário de um Detento" é um documento histórico e social que denuncia a violência, a injustiça e a desigualdade do sistema carcerário brasileiro. A letra convida à reflexão sobre as causas da criminalidade e a necessidade de construir uma sociedade mais justa e humana. Portanto, isso ecoa na mente dos jovens os fazendo refletir. Na letra e nas rimas do Rap icônico "**Negro Drama**" - do grupo Racionais MC's - lançada no álbum "Nada como um dia após o outro dia" em

2002, eles abordaram de forma poderosa e reflexiva a experiência da população negra no Brasil, abordando temas como racismo, desigualdade social, violência e resistência. A letra expõe como o racismo está enraizado na sociedade brasileira, afetando a vida dos negros em todos os aspectos, desde a infância até a vida adulta.

Os versos como "Negro drama, a saga de um povo sofredor" e "A cor da pele entregando a origem" confirmam como a cor da pele é um fator determinante na trajetória de vida dos negros retratando a dura realidade da periferia, onde a pobreza, a violência e a falta de oportunidades são constantes.

Há também a denúncia a falta de acesso à educação, saúde e outros serviços básicos, que perpetuam a desigualdade social. Mais, apesar das dificuldades, a música celebra a força e a resiliência da população negra, que luta diariamente por seus direitos e por uma vida digna.

Em trechos como "Sou guerreiro, sou do gueto, sou trabalhador" e "A nossa voz ecoa, a nossa luta continua", expressam-se o orgulho e a determinação dos negros em superar os obstáculos, um convite à reflexão sobre a identidade negra e o sentimento de pertencimento à comunidade. A letra reforça a importância da união e da solidariedade entre os negros na luta contra o racismo e a desigualdade. "Negro Drama" foi lançada em um momento de grande debate sobre o racismo e a desigualdade social no Brasil. Convidando à reflexão e à ação.

Além disso, essa letra influenciou gerações de artistas e ativistas, inspirando a luta contra o racismo e a desigualdade. "Negro Drama" é uma obra-prima que transcende a música, tornando-se um símbolo da luta por igualdade e justiça no Brasil. No contexto atual, vários adolescentes escutam e aprendem verso por verso como se a música falasse por eles.

Nas rimas de "**Jesus Chorou**" que é uma das músicas do Racionais MC's, presente no álbum "Nada como um dia após o outro dia" (2002), a letra, escrita por Mano Brown, é uma profunda reflexão sobre a dor, a injustiça e a esperança, utilizando a figura de Jesus como símbolo da vulnerabilidade humana diante do sofrimento, o Rap começa com a imagem de Jesus chorando, quebrando a ideia de uma figura divina invulnerável. A letra retrata a dor e a angústia vividas nas periferias, marcadas pela violência, pobreza e escassez de oportunidades.

A canção retrata a realidade de jovens que são atraídos pelo crime devido à falta de perspectivas, e as consequências devastadoras que isso acarreta. Apesar da dor e da injustiça, a música também transmite uma mensagem de esperança e resiliência. A figura de Jesus na letra mesmo em sua vulnerabilidade, representa a capacidade

humana de superar o sofrimento e encontrar força na fé. "Jesus Chorou" convida-nos a uma reflexão sobre sua mensagem universal de dor, esperança e resiliência.

Em "**A Vida É Desafio**", uma música do grupo Racionais MC's, lançada no álbum "Sobrevivendo no Inferno" em 1997, possui uma letra que aborda temas como a luta diária, a violência, a fé e a esperança. Logo, uma vida como um constante desafio, em que é preciso lutar para sobreviver.

Os versos exaltam a importância da resistência e da luta por direitos, sendo lançada em um momento de grande violência urbana no Brasil. Em um trecho da música "A Vida É Desafio", expressa-se a sede por justiça: "Conheci o paraíso e eu conheço o inferno Vi Jesus de calça bege e o diabo vestido de terno". Essa passagem é uma metáfora poderosa que ilustra a dualidade da vida e a luta constante entre o bem e o mal. A referência a Jesus e ao diabo em vestimentas cotidianas sugere que essas figuras não estão distantes, mas sim presentes no dia a dia, especialmente nas periferias.

Em resumo, a mensagem dos Racionais MC's transcende a música, tornando-se um manifesto pela justiça e pela esperança em meio ao caos da sociedade.

Para Lima, Pereira e Silva (2022),

As ações de protagonismo político, social e artístico como marcos identitários capazes de quebrantar e afigurar-se combativo à invisibilidade, aos estereótipos infligidos, à marginalidade e à dominação, através de um discurso narrativo em literatura de resistência, mediante às referidas formas de silenciamento de sujeitos. (Lima, Pereira e Silva 2022 p.99-100)

*FIG. 18 CULMINÂNCIA DO PROJETO*



FONTE: IMAGEM DO AUTOR

FIG. 19 CULMINÂNCIA DO PROJETO



FONTE: IMAGEM DO AUTOR

No que se refere à seleção das turmas para a aplicação das aulas, reforço a conexão entre o perfil dos alunos e a temática abordada. Acredito que a escolha de turmas específicas se justifica pela sua representatividade em relação ao público que se beneficia das discussões propostas pelo conteúdo, pois os estudantes já ouviam racionais MC's em sua maioria e praticavam rimas.

Tomo de empréstimo as palavras de Da Silva, Silva, Pereira (2023) em seu artigo intitulado “*A identidade narrativa no álbum Sobrevivendo no Inferno, de Racionais MC's*”, como fundamento a minha proposta de trabalho aqui apresentada:

Desde então, a sua crescente e incontestável participação na história dos guetos, dos negros e dos pobres tem se afirmado e ganhado espaço nas músicas com letras que expressam a voz sufocada, porém relutante, dos povos afrodiaspóricos, sobrevivendo à subalternização imposta pelo racismo... Comunidades afrodiaspóricas, diante do eurocentrismo e do racismo estrutural engendrado pela colonização, são empurradas à condição da subalternidade. Diante dessa imposição estrutural da subalternidade e do silenciamento, o movimento Hip Hop cria linguagens e expressões para recuperar essa fala, consolidar essa representação de mundo e comunicá-la entre diferentes comunidades na mesma situação. ( Da Silva, Silva, Pereira 2023,p.2)

Neste sentido, compreendo o Rap como uma manifestação cultural afro diaspórica, que não apenas se encaixa enquanto ferramenta do Ensino de História, conforme aqui demonstrado, mas também enquanto instrumento de posituação da construção identitária negra tal qual assevera Nilma Lino Gomes, em seu artigo *Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão* (2017). Colaborando ao que afirmam Da Silva, Silva, Pereira (2023) quando no artigo

anteriormente citado dialogam sobre a construção identitária na qualidade de prática resiliente, representativa e educacional:

Busca-se compreender a maneira pela qual é construída a identidade narrativa nas músicas do álbum considerando que estas são instrumentos de representação, educação e retomada de poder de fala e combate ao silenciamento colonial que as subalterniza, demonstrando, dessa maneira, sua relevância social como manifestação de resistência à subalternização social e simbólica. (Da Silva, Silva, Pereira 2023, p.5)

FIG.20 MURAL GRAFITADO PELOS ALUNOS E PELO ARTISTA JULIO CEZA SANTOS



FONTE: IMAGEM DO AUTOR

Em conclusão, a seleção da turma e a análise das letras dos Racionais MC's ocorre em conjunto de um objetivo comum: compreender e valorizar a importância da cultura Hip-Hop como ferramenta de transformação social e empoderamento individual e coletivo. O presente estudo demonstra como a cultura do Hip-Hop e o gênero musical Rap perpassam o entretenimento, configurando-se como instrumentos pedagógicos e eficazes para o ensino de História.

Ao utilizar as letras de Rap como fonte principal, os alunos foram convidados a analisar criticamente a realidade social, política e cultural, desenvolvendo habilidades de interpretação, análise e reflexão. Como as letras são construídas em 'linguagem do cotidiano' elas "driblam" o sistema, o que permite que jovens se informem ao conhecimento sobre a sociedade ao seu redor, incentivando a resistência e a luta contra a opressão. Essa dinâmica evidencia o potencial do Hip-Hop e do Rap como instrumentos de transformação social, capazes de fortalecer a identidade e a

autoestima dos adolescentes.

Portanto, ao reconhecer o Hip-Hop e o Rap como instrumentos de ensino e transformação social, o professor de História amplia suas possibilidades de atuação, contribuindo para a construção de uma sociedade mais dinâmica e igualitária, para que a voz das periferias seja ecoada e valorizada.

#### IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha de abordar a construção identitária juvenil por meio da oficina de Hip Hop mostrou-se uma estratégia prática e envolvente. As letras de Rap funcionaram como elemento motivador, permitindo que os estudantes se engajassem ativamente na proposta e estabelecessem uma ponte entre suas vivências e as questões sociais retratadas nas composições, criando uma conexão entre a denúncia artística e a vivência do cotidiano.

Ao analisar as letras produzidas pelos alunos e os cartazes, as participações durante a oficina em forma de diálogos, demonstrou ser uma atividade que entusiasmou a visão dos alunos sobre si mesmos e sua identidade racial. A expressão artística do Rap emergiu, então, como uma ferramenta capaz de promover a conscientização social e o empoderamento dos jovens.

Os momentos em que ocorreram as batalhas de Rap, nomeados como "Batalha da JCF", tornaram-se não apenas um espaço para a expressão criativa, mas também um ambiente propício para a reflexão e o diálogo sobre as questões sociais e raciais presentes em suas vidas.

Em síntese, o projeto se revelou uma iniciativa valiosa para a promoção da construção da identidade racial entre os jovens, propiciando uma experiência rica e impactante. Nesse sentido, esse estudo destaca a importância de abordagens práticas e relevantes no enfrentamento de questões sociais e raciais, por meio de um apontamento sobre a necessidade contínua de iniciativas que fortaleçam a autoestima e a consciência social desses jovens que ainda estão em construção.

Consistindo em um tema que vem sendo abordado em pesquisas acadêmicas e discussões, a partir de referências bibliográficas e o processo de resinificação da autoafirmação. De tal modo, tendo em vista o nosso país plural, onde coexistem diversos grupos sociais, vivenciamos há mais de seis décadas lutas acaloradas pelo direito individual de livre expressão, exaltando a memória e a identidade do Movimento Negro Brasileiro. Logo, aprender e compreender a trajetória de luta dos movimentos negros é indispensável para que possamos pensar nas relações étnico raciais existentes no Brasil atual.

Ademais, esta dissertação procurou evidenciar a força do Rap como uma ferramenta educativa no Ensino de História, com um foco especial na formação da identidade dos adolescentes. Ao longo dos capítulos, analisamos o Rap, como um instrumento de

expressão cultural e resistência, sendo capaz de estabelecer uma conexão entre os alunos e suas histórias pessoais, cultivando um sentimento de pertencimento e orgulho de suas origens. A investigação da música "Eu Sou 157" dos Racionais MC's, à luz da perspectiva de Stuart Hall, ilustrou como o Rap desafia as narrativas eurocêntricas e constrói identidades empoderadas e positivas.

Além disso, a pesquisa ressaltou a importância essencial do Movimento Negro e da legislação brasileira na luta por igualdade racial e no reconhecimento da cultura afro-brasileira. A Lei 10.639/03 se destaca como um ponto de virada na descolonização dos currículos, valorizando a história e a cultura africana e afro-brasileira. Ao articular esses dois elementos, a pesquisa enriquece o campo de estudos ao mostrar como o Rap pode ser uma ferramenta eficaz para fomentar a reflexão crítica sobre questões sociais e raciais, desafiando narrativas históricas convencionais e incentivando visões alternativas.

Outrossim, os fins desta pesquisa possuem repercussões relevantes para a prática educativa. Sugere-se, então, que os professores devem incorporar o gênero musical em suas metodologias de ensino, utilizando-o como uma ferramenta para promover o diálogo, a reflexão e o desenvolvimento de identidades construtivas. Pois o Rap, com sua linguagem fácil e sua habilidade de se relacionar com a vivência dos jovens, pode acrescentar valores no Ensino de História.

A pesquisa e escrita apresentadas buscam evidenciar que a relação entre o Hip-Hop, em especial o Rap, e o ensino de História, ultrapassa a dimensão instrumental das chamadas metodologias ativas. Ao ancorar-se no referencial da "Pedagogia Situada", a oficina aproxima-se da epistemologia crítica da *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire (1968), na qual a educação deixa de ser compreendida como um mero ato de "depósito" de conteúdos e passa a constituir-se como um processo dialógico, problematizador e libertador.

Sob essa perspectiva, a realidade do estudante, suas experiências cotidianas e o contexto cultural que o constitui encontram expressão autêntica na linguagem do Rap. As narrativas presentes em suas rimas e batidas são compreendidas não como simples recursos didáticos, mas como fundamentos legítimos para a construção do conhecimento histórico. A música, neste contexto, assume o estatuto de fonte histórica, conferindo centralidade às experiências e saberes de grupos sociais historicamente marginalizados pelos currículos convencionais. Tal movimento representa um esforço de descolonização do saber histórico, reconhecendo que a história também é produzida, narrada e transmitida nas ruas, nas vozes e nas

resistências de uma juventude que insiste em ser ouvida.

A execução da oficina reafirma, assim, o potencial do Rap como ferramenta pedagógica capaz de promover autonomia e protagonismo estudantil. Ao estimular os jovens a interpretarem letras, a compor suas próprias rimas e a dar forma às suas percepções por meio da linguagem artística, a prática pedagógica legitima suas identidades e os reposiciona como sujeitos ativos da própria história. Logo, a oficina não se limitou a mediar informações: buscou-se cultivar o olhar crítico, demonstrando que a História é um campo de disputas, com múltiplos sentidos e várias narrativas.

Portanto, os resultados indicam que a cultura popular, quando mediada por uma pedagogia crítica e reflexiva, tem potência para ir além da atração ou engajamento imediato, tendo em vista que contribui de modo substantivo para a formação de sujeitos conscientes e socialmente atuantes. Ao reconhecer a legitimidade das vozes juvenis e estudantis, e valorizar suas formas de expressão, a experiência mostrou que a educação histórica pode ser um caminho não apenas para compreender o mundo, mas, sobretudo, para transformá-lo, ou seja, *“prontos para ler o mundo e transformá-lo”*.

**Manual da Oficina de Hip Hop e Rap: Identidade e História Afro-Brasileira:**  
Guia prático de aplicação pedagógica. Uma sequência didática transversal.

**1. Tema da Oficina:**

Rap, Cultura Hip Hop e Identidade Afro-Brasileira: o Rap como ferramenta pedagógica de expressão, resistência e construção da cidadania.

**2. Público-Alvo:**

Alunos do 1º ano do Ensino Médio (adaptações possíveis para anos finais do Ensino Fundamental).

Turmas em contexto urbano ou rural, preferencialmente com interesse em música, cultura popular e expressão artística.

**3. Objetivos:**

**Gerais**

- Valorizar a cultura afro-brasileira e promover práticas antirracistas no ambiente escolar.
- Estimular a construção da identidade, autoestima e senso de pertencimento dos alunos.
- Desenvolver habilidades de expressão oral, escrita e artística por meio do rap.

**Específicos**

- Analisar criticamente o racismo, preconceito e estereótipos sociais.
- Relacionar conteúdos históricos à cultura popular.
- Incentivar a escrita criativa e improvisação.
- Promover a interação social, respeito mútuo e trabalho coletivo.
- Proporcionar experiências práticas com artistas convidados (rappers e grafiteiros).

**4. Conteúdos:**

- História e Cultura Afro-Brasileira (Lei 10.639/03).
- Cultura popular e identidade (texto de Stuart Hall).
- Reinos africanos e diáspora africana.
- Escravidão, racismo estrutural e resistência cultural.
- Rap e Hip Hop como formas de denúncia e valorização identitária.

**5. Habilidades da BNCC:**

- Interpretar e analisar diferentes fontes culturais (H1, H2, H3, H4).
- Reconhecer a importância dos valores éticos e das lutas sociais (H21, H22, H23, H24).
- Desenvolver competências de língua portuguesa: interpretação de textos,

análise de letras musicais, construção de rimas e produção escrita.

#### **6. Tempo de Execução:**

- Dez encontros (quinzenais ou semanais), com duração média de duas horas cada.

- Culminância no Dia da Consciência Negra (20 de novembro) ou em outra data significativa.

- Livro didático de História (capítulos sobre África, colonização e escravidão).
- Textos de apoio (Stuart Hall, artigos sobre rap e identidade, materiais de sociologia).

- Aparelho de som, microfone e caixas de som.
- Papel pardo, cartolinas, canetões, tintas spray (para grafite).
- Projetor ou TV para exibição de vídeos e músicas.
- Questionários digitais (Google Forms) ou impressos.

#### **7. Desenvolvimento da Oficina (Passo a Passo):**

##### **Encontro 1 – Acolhida**

- Apresentação da oficina e dos objetivos.
- Conversa inicial sobre experiências com Rap e Hip Hop. “você conhece o gênero musical Rap? Gostam? O que levou vocês a escutarem?”
- Reflexão: Por que trabalhar rap na escola. Justifica a importância da cultura Hip Hop para os jovens e para as comunidades que querem uma sociedade mais igualitária.

- Dinâmica: roda de conversa sobre identidade e pertencimento.

##### **Encontro 2 – Identidade e Cultura Popular**

- Exposição dialogada sobre textos de Stuart Hall e identidade cultural.
- Pesquisa orientada sobre Rap como linguagem de resistência.
- Debate sobre cultura popular como espaço de produção de significados.

##### **Encontro 3 – Fontes Históricas e Rap**

- Leitura de capítulos selecionados do livro de História (África, colonização, império português).
- Discussão sobre reinos africanos e riqueza cultural antes da colonização.
- Exercício: conectar passado histórico às experiências de hoje.

##### **Encontro 4 – Vivência com Rapper Convidado**

- Participação de rapper local (ex.: El Tchuco).
- Relato de vida e técnicas básicas de composição.

- Dinâmica em grupos: construção coletiva de rimas.

### **Encontro 5 – Letras de Rap como Fonte Histórica**

- Análise de músicas dos Racionais MC's: A Vida é Desafio, Negro Drama, Diário de um Detento. (podendo ser adaptada as letras para o gosto dos alunos).
- Debate sobre racismo, desigualdade e violência social.
- Continuação da criação de rimas em grupos.

### **Encontros 6 e 7 – Criação Coletiva**

- Escrita de letras autorais (em grupo ou individual).
- Oficinas práticas: improviso, ritmo, entonação.
- Dinâmica de batalha de rimas (com regras de respeito e não violência verbal).

### **Encontro 8 – Produções Visuais**

- Criação de cartazes e desenhos representando identidade, racismo e resistência.
- Discussão a partir de depoimentos reais de vítimas de racismo.

### **Encontro 9 – Grafite e Expressão Artística**

- Produção de mural coletivo em parceria com artista grafiteiro convidado se provável.
- Integração entre artes visuais e letras de Rap.

### **Encontro 10 – Culminância**

- Apresentação das músicas criadas pelos estudantes.
- Exposição de cartazes e mural grafitado.
- Roda de conversa final: reflexões sobre identidade e racismo.
- Avaliação coletiva: o que aprendemos?
- Avaliação formativa e contínua: observação da participação, respeito mútuo e engajamento.
- Produções orais, escritas e artísticas: letras de rap, cartazes, mural de grafite.
- Autoavaliação e questionário: percepções sobre aprendizagem e experiência.
- Produção de letras de rap autorais.
- Desenvolvimento da autoconfiança e expressão oral/escrita.
- Reflexão crítica sobre racismo, preconceito e desigualdade.
- Fortalecimento da identidade e autoestima dos estudantes.
- Criação de produtos finais (músicas, cartazes, mural) como registro da aprendizagem.

### **Materiais Necessários:**

- Livro didático de Histórias (capítulos sobre África, colonização e escravidão).
- Textos de apoio (Stuart Hall, artigos sobre rap e identidade, materiais de sociologia que abordem identidade).
- Notebook, microfone e caixas de som.
- Papel pardo, cartolinas, canetões, tintas spray (para grafite).
- Projetor ou TV para exibição de vídeos e músicas.
- Questionários digitais (Google Forms) ou impressos.

### **Avaliação:**

- Avaliação formativa e contínua: observação da participação, respeito mútuo e engajamento.
- Produções escritas e artísticas: letras de rap, cartazes, mural de grafite.
- Autoavaliação e questionário: percepções sobre aprendizagem e experiência.

### **Resultados Esperados:**

- Produção de letras de rap autorais.
- Desenvolvimento da autoconfiança e expressão oral/escrita.
- Reflexão crítica sobre racismo, preconceito e desigualdade.
- Fortalecimento da identidade e autoestima dos estudantes.
- Criação de produtos finais (músicas, cartazes, mural) como registro da aprendizagem.

Encontro da Oficina - o que se espera que aconteça em cada um:

#### **Encontro 1 – Acolhida**

- Apresentação da oficina e dos objetivos.
- Conversa inicial sobre experiências com rap e Hip Hop.
- Reflexão: por que trabalhar rap na escola?
- Dinâmica: roda de conversa sobre identidade e pertencimento.

#### **Encontro 2 – Identidade e Cultura Popular**

- Exposição dialogada sobre Stuart Hall e identidade cultural.
- Pesquisa orientada sobre rap como linguagem de resistência.

- Debate sobre cultura popular como espaço de produção de significados.

### **Encontro 3 – Fontes Históricas e Rap**

- Leitura de capítulos selecionados do livro de História (África, colonização, império português).
- Discussão sobre reinos africanos e riqueza cultural antes da colonização.
- Exercício: conectar o passado histórico as experiências de hoje.

### **Encontro 4 – Vivência com Rapper Convidado**

- Participação de rapper local (ex.: El Tchuco).
- Relato de vida e técnicas básicas de composição.
- Dinâmica em grupos: construção coletiva de rimas.

### **Encontro 5 – Letras de Rap como Fonte Histórica**

- Análise de músicas dos Racionais MC's: A Vida é Desafio, Negro Drama, Diário de um Detento.
- Debate sobre racismo, desigualdade e violência social.
- Continuação da criação de rimas em grupos.

### **Encontros 6 e 7 – Criação Coletiva**

- Escrita de letras autorais (em grupo ou individual).
- Oficinas práticas: improviso, ritmo e entonação.
- Dinâmica de batalha de rimas (com regras de respeito e não violência verbal).

### **Encontro 8 – Produções Visuais**

- Criação de cartazes e desenhos representando identidade, racismo e resistência.
- Discussão a partir de depoimentos reais de vítimas de racismo.

### **Encontro 9 – Grafite e Expressão Artística**

- Produção de mural coletivo em parceria com grafiteiro convidado.
- Integração entre artes visuais e letras de Rap.

### **Encontro 10 – Culminância**

- Apresentação das músicas criadas pelos estudantes.
- Exposição de cartazes e mural grafitado.
- Roda de conversa final: reflexões sobre identidade e racismo.
- Avaliação coletiva: o que aprendemos?

## V - REFERÊNCIAS

\_curriculo\_acre.pdf. Acesso em: 08 jun. 2024.

\_curriculo\_acre.pdf. Acesso em: 16 jun. 2024.

ABRAMO, Helena. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. 1997, p. 25-32.

ABRAMOVAY, Miriam et al. **Escolas Inovadoras**: Experiências bem-sucedidas em escolas. Brasília: Unesco, 2003. Disponíveis em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000131747>. Acesso em: 21jun. 2024.

ABREU, Martha e ASSUNÇÃO, Matthias. Da Cultura popular à cultura negra. In: ABREU, M., XAVIER, G., MONTEIRO, L., BRASIL, E. **Cultura Negra, novos**

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Em torno das Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana: uma conversa com historiadores. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. vol 21(41), jan./jun., 2008. Acesso em: 21 maio de 2024.

ACRE. **Currículo de Referência Único do Acre**. SEE, 2019. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos\\_estados/ac](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/ac)

ACRE. Secretaria de Estado de Educação, Cultura e Esportes. **Currículo de Referência Única do Acre** 2018. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos\\_estados/ac](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/ac)

ALBERTI, Verena (Org); PEREIRA, Amílcar Araujo (Org). **Histórias do movimento negro no Brasil**: depoimentos ao CPDOC. 2. ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2016.

ALBERTI, Verena ; PEREIRA, Amilcar Araujo . **Pesquisando o movimento negro no Brasil**. *Revista de História* (Rio de Janeiro), v. 3, p. 40-44, 2008.

ALBERTI, Verena. Algumas estratégias para o ensino de História e Cultura Afro-Brasileiras. In: PEREIRA, Amilcar Araujo; MONTEIRO, Ana Maria (Orgs.) **Ensino de História e Culturas Afro-Brasileiras e Indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

ALENCAR, Pollyana Gurgel de Medeiros. **As identidades juvenis urbanas como autopercepção e compreensão do "outro" na produção do conhecimento histórico escolar**. Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

**AMARELO - É TUDO PRA ONTEM**. Direção: Fred Ouro Preto. Distribuidora: Netflix, 2020. 89 min. Documentário, musical. Classificação indicativa: 12 anos.

AMILCAR PEREIRA: **"O 13 de Maio, para o movimento negro dos 70, tornou-se uma data de denúncia da existência do racismo no Brasil"**  
(esquerdadiario.com.br)

ANDRADE, Edivaldo Monteiro. **Rapensando o ensino de História através da**

**cultura hip hop**: experiências pedagógicas em escolas da Região Metropolitana de Belém-PA (2019-2020). Orientador: Cleodir da Conceição Moraes. 2023. 179 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2021.

Artes, Programa de Pós-graduação em Ensino de História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2021.

BAPTISTA, Adolfo Eugenio Ferreira. **Caixa de história local e a construção da identidade dos alunos da educação de jovens e adultos**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Curso de Pós-Graduação em História, 2016.

BARROS, José Walmilson do Rêgo. **O currículo de História e o sentimento de pertencimento cultural de estudantes negros nos anos finais do Ensino Fundamental**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação Profissional em Ensino de História, Recife, 2018.

BITTENCOURT, Circe. História das populações indígenas nas escolas: memórias e esquecimentos. In: PEREIRA, Amilcar Araujo; MONTEIRO, Ana Maria (Orgs.) **Ensino de História e culturas afro-brasileiras e indígenas**. Rio de Janeiro: Pallas, 2013.

BLCK VÍDEOS. Ndee naldinho - A VOZ DO GUETO. **Youtube**, 29 jun. 2008. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=SJp-V-F1Mlc>. Acesso em: 17 jun. 2024.

BODART, Cristiano das Neves. Consciência de Classe: Para entender de uma vez o que é. **Blog Café com Sociologia**, 6 ago. 2018. Disponível em: <https://cafecomsociologia.com/consciencia-de-classe/>. Acesso em: 27 maio 2024.

BRADLEY, Adam. **Book of Rhymes: The Poetics of Hip Hop**. Basic Civitas Books, 2009.

BRANCO, Janaina Piron **A Autobiografia no ensino de História**. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Estadual do Paraná, 2022.

BRASIL. **CNE/CP Resolução 1/2004**. Diário Oficial da União, Brasília, 22 de junho de 2004, Seção 1, p. 11. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2004.

BRASIL. **Lei 10.639/2003**. Brasília: Senado Federal, 2003.

CAMILLOTO, Bruno; CAMILLOTO Ludmilla. Comissões de Heteroidentificação Racial: por quem os sinos deveriam dobrar. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 43, e254673, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/ES.254673>. Acesso em: 19 maio. 2024.

CASTRO, Mary Garcia. **Ensino Médio: Múltiplas Vozes**. Brasília: UNESCO; MEC, 2003

CAVALCANTE, David Leandro. **A questão das identidades no ensino de História: Análise das propostas curriculares nacionais e da rede municipal de ensino de São Paulo - 1996-2016**. – 136p. Guarulhos, SP, Brasil, 2019. Dissertação de mestrado – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas,

2019.

CAVALCANTE, Maria Jucilandia Vanderlei . Os neologistas populares em letras dos grupos de RAP de Rio Branco: Kalibre12, Zona IX e Yaconawas. Rio Branco 2017. Dissertação (mestrado) Universidade Federal do Acre . centro de educação letras e artes, programa de pos graduação do mestrado em letras: linguagem e identidade.

CELESTE, Sandro José **Ensino de história, canção e identidades afro-brasileiras: o rap como possibilidade** Dissertação (mestrado profissional) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, Florianópolis, 2019.

COELHO, Isabelle de Lacerda Nascentes. **O Axé na Sala de Aula: Abordando as Religiões Afro-Brasileiras no Ensino de História. 2016.** Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2016.

CONCEIÇÃO, Maria Dalva. **Por identidade e pertença: processos de autorreconhecimento e afirmação da identidade negra entre estudantes da Escola José Alves de Figueiredo Crato - CE (2011-2018).** Dissertação (Mestrado Profissional). Universidade Regional do Cariri, Programa do Mestrado Profissional em Ensino de História, 2018. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/429735/1/DISSERTA%c3%87%c3%83O%20DALVA.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2024.

COSTA, O. N. S. **Pedagogia da diversidade.** 1ª edição. Sobral, INTA, 2015. **desafios para os historiadores.** Vol. 1, Niteroi: Eduff, 2018.

**Diário de um Detento** é uma canção do grupo brasileiro de rap Racionais MC's, presente no álbum "**Sobrevivendo no Inferno**", lançado em 1997. A música é escrita por Mano Brown e Josemir Prado," o Jocenir".

EL-DINE, Lorena Ribeiro Zem; VENANCIO, Giselle Martins. **A presença estrangeira na construção do mito da democracia racial no Brasil,** 16 nov. 2023. Universidade Federal Fluminense. Disponível em: <https://www.uff.br/?q=noticias/16-11-2023/presenca-estrangeira-na-construcao-do-mito-da-democracia-racial-no-brasil>. Acesso em: 19 maio 2024.

**EMICIDA.** O Retrato de um Homem Torto. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2008. 1 CD.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. **Pensar a História, Repensar o seu ensino:** a disciplina de História no 3º ciclo do ensino básico: alguns princípios orientadores da metodologia de ensino. Porto: Porto Editora, 1994.

FERNANDES, Jorge. Negros na Amazônia Acreana. Rio Branco: EDUFAC, 2012 Negro Drama". In: 1000 Trutas, 1000 Tretas. Compositor: Brown, M. Intérprete: Racionais MC's. São Paulo: Sony Music, 2002. CD (faixa 10, 5 min). v. 1. 526p.

FERREIRA, A. de J. Teoria racial crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 6, n. 14, p. 236–263, 2014. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/141> . Acesso em: 27 maio 2024.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2002.

FERREIRA, Rafael Elias de Queiróz. **Da rima à raça**: narrativa rap e consciência histórica na poesia de Pelé do manifesto. Orientador: Antônio Maurício Dias da Costa. 186 f. 2019. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2019.

FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia, “Hip-hop brasileiro: Tribo urbana ou movimento social?”. **FACOM** - nº 17 - 1º semestre de 2007. Disponível em: [https://www.faap.br/revista\\_faap/revista\\_facom/facom\\_17/fochi.pdf](https://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf). Acesso em: 19 maio 2024.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: Nascimento da Prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987. 288 p.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Freitas, Maria Virgínia de **Juventude e adolescência no Brasil**: referências conceituais. São Paulo, novembro de 2005.

GARCIA, Renísia Cristina. **Identidade fragmentada**: um estudo sobre a história do negro na educação brasileira: 1993-2005. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.

GAUDIO, Eduarda Souza; PASSOS, Joana Célia dos. Decolonialidade e relações raciais: um olhar sobre o ensino de História no currículo do curso de Pedagogia da UFRGS. **Intellèctus**, 20(1), 92–111. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/intellectus/article/view/57817> Acesso em: 16 jun. 2024.

GOHN, Maria da Glória. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação** v. 16 n. 47 maio-ago. 2011.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Rev. Bras. Educ.** (23), Ago 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XknwKJnzZVFpFWG6MTDJbxc/abstract/?lang=pt>. Acesso: 19 maio 2024.

GOMES, Nilma Lino. Limites e Possibilidades da implementação da lei 10.639/03 no contexto das políticas públicas de educação. In PAULA, Marilene de & HERINGER, Rosana. **Caminhos Convergentes**: Estado e Sociedade na Superação das Desigualdades Raciais no Brasil. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Boll/ ActionAid, 2009.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador**: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 224 p

- GOMES, Nilma. Lima. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 75–85, maio 2003.
- GOMES, Nilma. Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: **Educação anti-racista: caminhos abertos pela Lei Federal 10639/2003**. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.
- GOMES, Nilma. Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, v. 33, n. 120, p. 727–744, jul. 2012.
- GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Movimento negro e educação. **Revista Brasileira de Educação**. 2000, n. 15, pp. 134-158. In: *Revista Brasileira de Educação*, n. 5-6, 1997.
- GONZALES, Lelia; HALSENBALG, Carlos. **Lugar de negro** (Coleção 2 pontos). Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1982
- HACHMANN, Juliana. **Imprensa 64.pro.br** – Uma proposta de investigação histórica escolar sobre o golpe de estado de 1964 por meio da imprensa. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História). Universidade Estadual de Santa Catarina, 2016.
- HALL, Stuart **A identidade cultural na pós-modernidade** Stuart Hall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HALL, Stuart. "The work of representation". In: HALL, Stuart (org.). **Representation: Cultural representation and cultural signifying practices**. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997. p. 1-60.
- HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. In: Rutherford, J. (org.). **Identidade**. Londres: Lawrence e Wishart, 1990
- HALL, Stuart **A questão da identidade cultural**. In: S. Hall, D. Held e T. McGrew (Eds.), *Modernidade e seus futuros*. Milton Keynes. Cambridge: 1992.
- HALL, Stuart. (2016). O espetáculo do “outro”. *Cultura e representação*. (Org. Arthur Ituassu) Rio de Janeiro: Apicuri/PUC-Rio.
- Héctor Gómez. Subúrbio, Periferia e Vida Cotidiana. **Estudos Sociedade e Agricultura**, abril 2008, vol. 16 no. 1, p. 109-131. ISSN 1413-0580. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/download/298/294/791>. Acesso: em 27 maio 2024
- KLEIZ, Mateus. A História do graffiti no movimento Hip-Hop, 18 maio 2021. **Blog Ao Redor: cultura e arte**. Disponível em: <https://www.aoredor.blog.br/post/a-hist%C3%B3ria-do-graffiti-no-movimento-hip-hop>. Acesso em: 19 maio 2024.
- L. Wacquant, **Rev. Sociol. Polit.** 155 (2004). Disponível em <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/RLVYZrzFXcfYpvmGn8r76zK/> Acessado em 10 de Maio de 2024.
- Lakatos, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. Marina de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 8. ed. – São Paulo: Atlas, 2017.

LEÃO, Cleber Teixeira. **Entre o Visível e o Invisível: A Branquitude e as Relações Raciais nos Conteúdos Curriculares de Ensino de História.** Porto Alegre, 2020.

LEITE, Christian Arnold. **Ensinando outras histórias sobre a Casa da Feitoria Velha através de um zine: uma proposta de educação das relações étnico-raciais no ensino de história em São Leopoldo - RS.** 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História.

LIMA, Carla Fernanda de. **De olho no Estado Novo (1937-1945): um estudo sobre o uso de imagens e da fotografia no ensino de História /** Carla Fernanda de Lima. – 2020.

LIMA, D. S. ; PEREIRA, M. P. T. ; SOUZA SILVA, David Junior . O Rap do Congós como Literatura de Resistência: A voz da periferia macapaense. In: Marcos Paulo Torres Pereira; Valdiney Valente Lobato de Castro; Yurgel Pantoja Caldas. (Org.). Literaturas do Norte: Vozes e escritas da Amazônia. 1ed.Macapá: Editora da Universidade Federal do Amapá, 2022, v. 1, p. 99-120.

LIMA, G. P. REIS, M. V. F. **Ensino de História: Saberes e Fazeres nas Interamazônias.** Fênix (UFU. Online), v. 20, p. 391, 2023.

LOPES, I. ; PEREIRA, M. P. T. ; SOUZA SILVA, David Junior . A identidade narrativa no álbum Sobrevivendo no Inferno, de Racionais MC's. ANTARES: LETRAS E HUMANIDADES , v. 15, p. 1-24, 2023.

MACEDO, Greice Adriana Neves. Houve movimento negro na ditadura civil-militar brasileira, 19 set. 2019. **Historiar-se.** Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=42FCqT-Lgg4>. Acesso: 19 maio 2024.

MACHADO, Juliana. **Mixando a história: possibilidades do uso de canções em oficinas abordando conceitos de tempo com jovens estudantes do ensino médio.** Dissertação Universidade do Estado de Santa Catarina, Programa do Mestrado Profissional em Ensino de História, 2018.

MARTINS, Matheus Valduga. **“Educação é compromisso, não é viagem”:** temáticas para o ensino de história em álbuns musicais nacionais (2017-2019). Dissertação (Mestrado Profissional). Universidade Federal de Santa Maria, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, 2020.

MENDES, Gabriel Cunha. **Canal ‘Outra História’:** o uso do Youtube como ferramenta pedagógica para o ensino de História. (UNIRIO), 2018.

MENEZES JUNIOR, Carlos Teles de. **Tem Música na Aula de História: Um repositório musical para o ensino de História da África e Cultura afro-brasileira.** 2019

MESQUITA, Pedro Henrique Parentes de, **Nas batidas dos BEAT e nas cadências do Flow: HIP HOP Ensino de História e Identificação social/** natal 2019.

MONTEMEZZO, Laura Ferrari. **Um galho na árvore da música negra:** Movimento Hip Hop e Rap no ensino de história e nas relações étnico-raciais da educação básica temáticas para o ensino de história em álbuns musicais nacionais (2017-2019).

Dissertação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, 2018.

MORAES, Michele Valentim. **Quais Histórias nos Contam essas Canções? A utilização de canções no Ensino de História**. Dissertação (Mestrado Profissional). Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, 2017.

MORAIS, Ana Paula Ramos Nishida; CERDEIRA, Valda Aparecida Antunes. Pedagogia da Diversidade. **Revista Científica Eletrônica de Ciências Aplicadas da FAIT**, 2016. Disponível em: [http://fait.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/uEbsUEVifv0hURI\\_2020-6-20-14-40-0.pdf](http://fait.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/uEbsUEVifv0hURI_2020-6-20-14-40-0.pdf). Acesso em: 22 mar. 2024.

MOTA, Flavio Braga. **Afinal, quem sou eu? A potencialidade da história escolar na mediação de saberes e seu papel na reflexão e construção de identidades**. 2018. 127 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2018.

MOTA, Janine da Silva. **Utilização do google forms na pesquisa acadêmica**. Revista Humanidades & Inovação. v. 6, n. 12, 2019. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1106>

MOURA, Clóvis. **Dialética radical do Brasil negro**. São Paulo: Fundação Maurício Gabrois; Anita Garibaldi, 1994.

MUNANGA, Kabengele. Por que ensinar a história da África e do Negro no Brasil de Hoje **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v. 1, p. 15-239, 2016.

NAZÁRIO, Lorraine Janis Vieira dos Santos. **A lei e os livros: transformações na produção didática de História após a Lei 10.639/03** / Lorraine Janis Vieira dos Santos Nazário. – 2016. 72f. Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Helenice Aparecida Bastos Rocha.

NOBRE, Jorge Neto de Andrade, 1989; **Hip Hop cultura de rua: minha ferramenta de descolonização** / Jorge Neto de Andrade Nobre; orientador: Dr. Marcello Messina. – 2018.

PEREIRA, Amilcar Araújo. **"Por uma Autêntica Democracia Racial!"**: os Movimentos Negros nas Escolas e nos Currículos de História. Revista História Hoje, v. 1, nº 1, p. 111-128 – 2012.

PEREIRA, Amilcar Araujo. **A Lei 10.639/03 e o movimento negro: aspectos da luta pela reavaliação do papel do negro na história do Brasil?**. Cadernos de História (Belo Horizonte) **JCR**, v. 12, p. 25-45, 2011.

PEREIRA, Amilcar Araujo. **Movimento negro no Brasil republicano**. Cadernos PENESB, v. 12, p. 153-160, 2011.

PEREIRA, Amilcar Araújo. **O mundo negro: relações raciais e a constituição do movimento negro no Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas/FAPERJ, 2013.

PEREIRA, Amilcar Araujo; PEREIRA, Amauri Mendes . Movimento Negro. In: Flávia Rios; Márcio André dos Santos; Alex Ratts. (Org.). **Dicionário das relações étnico-raciais contemporâneas**. 1ed.São Paulo: Perspectiva, 2023, v. 1, p. 239-242.

PEREIRA, Grazielly Alves. **Resistências afro-brasileiras no ensino de história: a sala de aula e as letras de rap**. Dissertação (Mestrado Profissional). Universidade Federal de São Paulo, Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, 2019.

PODPAH. MANO BROWN - Podpah #351, 07 mar. 2022. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aahyLNH4PrE>. Acesso: 19 maio 2024.**Públicas**. Brasília: UNESCO, 2003.

**Racionais MC's**. Raça Negra. São Paulo: Sony Music, 1993.

RIBEIRO, Erika Minas **História Oral e História do Funk na escola: / Erika Minas Ribeiro; Samantha Viz Quadrat, orientador**. Niterói, 2018.

SANTOS, Raimundo Nonato Ribeiro et al. Utilização das ferramentas Google pelos alunos do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da UFPB. **MPGOA**, v.3, n.1, p.87-108. João Pessoa, 2014.

SANTOS, Sales Augusto dos. Mapa das comissões de heteroidentificação étnico-racial das universidades federais brasileiras. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)**, [S. l.], v. 13, n. 36, p. 365–415, 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1255>. Acesso em: 19 maio. 2024.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações**. 11 ed. Campinas- SP: Autores Associados, 2011.

SAVIANI, Dermeval, **Escola e democracia**. – 8ª Editora Campinas SP: Autores associados, 1985.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1980.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia. São Paulo**: Cortez Autores Associados, 1983.

SILVA, Carlos Eduardo Valdez da. E a música nessa História?: a música no ensino de História da África e da cultura afro-brasileira. 2016. 91 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2016.

SILVA, Emanuela de Moraes. **Ensino de História em Debate: A História da África e Cultura Afro-Brasileira no Livro Didático e a Escola José Caetano dos Santos na Comunidade Quilombola São Vitor – São Raimundo Nonato – Piauí**. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal do Tocantins, 2016.

SILVA, F. B. *Acre, a Sibéria tropical: destierros para as regiões do Acre em 1904 e 1910*. Manaus: UEA Edições, 2013.

SILVA, Jorge Everaldo Pittan da **Ensino Híbrido: Possíveis contribuições para a qualificação do Ensino de História**. Dissertação (Mestrado em Ensino de História) – Universidade Federal de Santa Maria, 2016.

Silva, Leandro Claudino da. Favela Library (Leandro Palmerah). 2024 Disponíveis em: <https://www.folhadelondrina.com.br/folha-cidadania/ritmo-e-poesia-o-rap-vai-as-escolas-como-ferramenta-pedagogica-3226004e.html?d=1> Acesso em 17/06/2024

SILVA, Neles Maia da. **Para além do riso**: charges, consciência histórica e Ensino de História. Orientadora: Eliane Cristina Soares Charlet. 2023. 118 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de História) - Campus Universitário de Ananindeua, Universidade Federal do Pará, Ananindeua, 2018.

SOTO, William Héctor Gómez. **Subúrbio, periferia e vida cotidiana. Estudos Sociedade e Agricultura**, abril 2008, vol. 16 no. 1, p. 109-131. ISSN1413-0580. Disponível em: <https://revistaesa.com/ojs/index.php/esa/article/view/298> Acesso: em 27 de maio de 2024.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983, p. 77

TEPERMAN, Ricardo. **Se liga no som**: as transformações do rap no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015. 1 vol.

TV BRASIL. Caminhos da Reportagem. A questão racial: da ditadura à democracia, 24 nov 2014. **Youtube**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UHCQpM2IK14>. Acesso: 19 maio 2024.

VICENTE, Juliana (Diretora). Racionais: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo. **Netflix**, 2022. 116 min. Documentário.

WACQUANT, L. Que é gueto? Construindo um conceito sociológico. **Revista de Sociologia e Política**, n. 23, p. 155–164, nov. 2004.

WALSH, Catherine. "Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: in-surgir, reexistir e reviver". In CANDAU, Vera (org.) **Educação intercultural na América Latina**: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.

YAMANAKA, J. H. C. ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. | Revista de Estudos do Discurso, v. 16, n. 3, p. 187–194, jul. 2021.

Martha Abreu, Giovana Xavier, Lívia Monteiro e Eric Brasil (organizadores) 2017 Eduff – Editora da Universidade Federal Fluminense Série Pesquisas – Volume 6.

Cultura negra vol. 1 : festas, carnavais e patrimônios negros / Organização de Martha Abreu, Giovana Xavier, Lívia Monteiro e Eric Brasil.

FREIRE, Paulo: A importância do ato de ler: em três artigos que se completam / Paulo Freire. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.